



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

FRANCIELE ZANELLA

**A VITALIDADE DO TALIAN EM RIQUEZA/SC: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS
DIMENSÕES DA DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E DOS PARÂMETROS DA
UNESCO**

CHAPECÓ/SC

2023

FRANCIELE ZANELLA

**A VITALIDADE DO TALIAN EM RIQUEZA/SC: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS
DIMENSÕES DA DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E DOS PARÂMETROS DA
UNESCO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Chapecó/SC, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos. Sob a orientação da profa. Dra. Cristiane Horst

CHAPECÓ/SC

2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Zanella, Franciele

A VITALIDADE DO TALIAN EM RIQUEZA/SC: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS DIMENSÕES DA DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E DOS PAR METROS DA UNESCO / Franciele Zanella. -- 2023. 125 f.:il.

Orientadora: Dra. Cristiane Horst

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, SC, 2023.

I. Horst, Cristiane, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

FRANCIELE ZANELLA

**A VITALIDADE DO TALIAN EM RIQUEZA/SC: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS
DIMENSÕES DA DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E DOS PARÂMETROS DA
UNESCO**

Dissertação de mestrado, apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação da Profa. Dra. Cristiane Horst.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 11 / 4 / 2023

BANCA EXAMINADORA

Cristiane Horst

Profa. Dra. Cristiane Horst – UFFS
Orientadora

Ani Carla Marchesan

Profa. Dra. Ani Carla Marchesan – UFFS
Membro titular interno

Cléo Vilson Altenhofen

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen – UFRGS
Membro titular externo

Profa. Dra. Sanimar Busse - UNIOESTE
Membro suplente

A riqueza de diversidades culturais e o respeito por elas é condição para a unidade e a integridade da humanidade. (ALIDUINO ZANELLA)

AGRADECIMENTOS

À professora Cristiane Horst, pelas sábias palavras nas orientações durante este estudo, por acalmar meu desespero apenas me ouvindo e por toda sua paciência e sororidade. Me senti acolhida, guiada e protegida. Sou grata!

Aos meus filhos, Camila e Luiz, agradeço por serem a minha fonte de inspiração. Sou grata imensamente pela compreensão de vocês na minha ausência e pelo estímulo em cada momento juntos. Agradeço a existência de vocês em minha vida, por vocês eu iniciaria tudo novamente. Sou grata!

Nesta jornada, compartilhar foi necessário para multiplicar. Agradeço aos mestres que compartilharam caminhos, direções e conhecimentos para que eu pudesse perceber que são as raízes que nutrem e mantêm a beleza e a riqueza daquilo que somos por essência. Em especial, as aulas do professor Cléo Altenhofen, por compartilhar o conhecimento e por, tão generosamente, ouvir os alunos em momentos de queixas, de descobertas, de desânimo. Grata por cada motivação, dica e abraço. Sou grata!

Conhecemos pessoas que em cada percurso da nossa jornada participam, ajudam e colaboram de forma tão significativa que palavras não conseguem descrever. Professora, pesquisadora e historiadora, amiga Silvani Morgenstern Di Domenico, que outrora foi minha professora no ensino fundamental e hoje contribui, substancialmente, para execução desta pesquisa. Sou grata!

Manifesto minha gratidão perante o baluarte de minha fé, que me protege a cada momento, que me abençoou diante das circunstâncias que me fizeram chegar até aqui. Sou grata!

Por fim, manifesto minha satisfação com a pessoa que estou me tornando com suporte de vocês, por chegar até aqui diferente da qual iniciou este caminho: uma pessoa aberta para experiências e disposta a reconhecer suas raízes. Aprendi com as palavras da minha filha Camila, que devemos agradecer a nós mesmas. Então, obrigada a mim mesma, por ter quebrado barreiras durante este estudo e por ser quem sou hoje. Agradeço, sim, à minha coragem, persistência e minha força, pois este é um hábito que deve ser diário para nós mulheres, mães, profissionais, donas de casa, algumas esposas, filhas e amigas: aprender a apreciar nossa própria companhia e comemorar nossas conquistas!

RESUMO

Esta dissertação, intitulada “A vitalidade do talian em Riqueza/SC: uma análise a partir das dimensões da Dialectologia Pluridimensional e dos parâmetros da UNESCO”, aborda a vitalidade linguística no campo das concepções e percepções linguísticas dos falantes da língua de imigração em contato com o português. Tem como objetivo geral: inferir sobre a vitalidade linguística do Talian, em Riqueza, Santa Catarina, a partir das crenças e atitudes linguísticas dos ítalo-brasileiros. A pesquisa acontece em contextos bi/plurilíngues do oeste de Santa Catarina, região que recebeu os primeiros colonizadores a partir de 1930. A grande maioria dos colonos migrou das antigas colônias do Rio Grande do Sul, gaúchos descendentes de imigrantes italianos. Esta pesquisa torna-se relevante, visto que trata de variedades de imigração em contato, estudo indispensável para a manutenção da língua e o futuro desenvolvimento de políticas linguísticas. O estudo está embasado na Dialectologia Pluridimensional e Relacional (Thun, 1996, 1998, 2005, 2010), que contempla, em diferentes dimensões, o espaço variacional, e tem como variável a , e tem como variável a , observada por meio de diferentes graus de manutenção ou perda da língua talian, conforme parâmetros fixados em estudos da UNESCO. A coleta dos dados e a escolha dos informantes se encaixa no modelo em cruz, desenvolvido por Thun (1996). Para tanto, são consideradas, neste estudo, as seguintes dimensões: diazonal (dentro do grupo de Cultura Italiana e na comunidade local), diageracional (GI [de 18 a 36 anos] e GII [55 anos ou mais]), diasssexual (masculino e feminino), diastrática (Ca [com graduação completa ou incompleta] e Cb [nenhuma escolaridade até o ensino médio]) e dialingual (talian em contato com o português-rio grandense). A pesquisa faz parte do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira – Oeste Catarinense (ALCF-OC). Os resultados indicam que a vitalidade do talian em Riqueza é baixa, devido principalmente a fatores sociais. Especificamente, esses fatores estão relacionados ao prestígio reduzido de uma língua minoritária, à falta de transmissão intergeracional da língua materna e ao isolamento dos informantes, entre outros aspectos. Preservar a língua é preservar a história, a cultura e o conhecimento, e isso incentiva a presença das línguas minoritárias em diversos domínios de uso, além de garantir sua transmissão às gerações mais jovens. O estímulo ao ensino da língua e a valorização das atividades culturais são fundamentais para incentivar as futuras gerações a se tornarem portadoras desse conhecimento inestimável e depositárias do patrimônio cultural das línguas minoritárias.

Palavras-chave: língua de imigração; contato linguístico; talian; dialectologia pluridimensional; vitalidade linguística.

ABSTRACT

This dissertation, entitled "The vitality of Talian in Riqueza/SC: an analysis from the perspectives of Pluridimensional Dialectology and UNESCO parameters," addresses linguistic vitality in the realm of conceptions and linguistic perceptions of speakers of the immigrant language in contact with Portuguese. The research takes place in bi/multilingual contexts in the locality belonging to the state of Santa Catarina: Riqueza. The first settlers arrived in 1930. The vast majority of settlers migrated from the former colonies of Rio Grande do Sul, gauchos descendants of Italian immigrants. This research becomes relevant, since it deals with varieties of immigration in contact, an indispensable study for the preservation of the language and the future development of language policies. The study is based on the Multidimensional and Relational Dialectology (Thun, 1996, 1998, 2005, 2010), which includes, in different dimensions, the variational space. Data collection and the choice of informants fits on a model developed by Thun (1996). Thus, this research considers the following dimensions: diazonal (inside the Italian Cultural group and in the local community), diagenational (GI [from 18 to 36 years old] and GII [55 years old or more]), diasexual (male and female), diastratic (Ca [with complete or incomplete graduation] and Cb [no schooling until high school]) and dialingual (*talian* in contact with Portuguese-Rio Grande do Sul). The survey is part of the Atlas of Languages in Contact on the Border – West of Santa Catarina (ALCF-OC) project. The results indicate that the vitality of Talian in Riqueza is low, mainly due to social factors. Specifically, these factors are related to the diminished prestige of a minority language, the lack of intergenerational transmission of the mother tongue, and the isolation of the informants, among other aspects. Preserving the language means preserving history, culture, and knowledge, and this encourages the presence of minority languages in various domains of use, as well as ensuring their transmission to younger generations. Encouraging language education and valuing cultural activities are essential in motivating future generations to become bearers of this invaluable knowledge and custodians of the cultural heritage of minority languages.

Keywords: language; contact, talian; multidimensional dialectology; linguistic vitality.

RIASSUNTO

Questa dissertazione, intitolata "La vitalità del Talian a Riqueza/SC: un'analisi dalle prospettive della Dialettologia Pluridimensionale e dai parametri dell'UNESCO", affronta la vitalità linguistica nel campo delle concezioni e percezioni linguistiche dei parlanti della lingua di immigrazione a contatto con il portoghese. Il suo obiettivo generale è dedurre la vitalità linguistica di Talian, a Riqueza, Santa Catarina, sulla base delle credenze e degli atteggiamenti linguistici degli italo-brasiliani. La ricerca si svolge in contesti bi/plurilingui nell'ovest di Santa Catarina, una regione che accolse i primi coloni a partire dal 1930. La stragrande maggioranza dei coloni emigrò dalle ex colonie del Rio Grande do Sul, gauchos discendenti di immigrati italiani. Questa ricerca diventa rilevante, dal momento che si occupa di varietà di immigrazione in contatto, uno studio indispensabile per il mantenimento della lingua e il futuro sviluppo delle politiche linguistiche. Lo studio si basa sulla Dialettologia Pluridimensionale e Relazionale (Thun, 1996, 1998, 2005, 2010), che contempla, in diverse dimensioni, lo spazio variazionale, e ha come variabile a, osservata attraverso diversi gradi di mantenimento o perdita del linguaggio italiano, secondo i parametri stabiliti negli studi UNESCO. La raccolta dei dati e la scelta degli informatori si adattano al modello incrociato sviluppato da Thun (1996). Pertanto, in questo studio sono considerate le seguenti dimensioni: diazonale (all'interno del gruppo Cultura italiana e nella comunità locale), diagenazionale (GI [dai 18 ai 36 anni] e GII [55 anni o più]), diasessuale (maschio e femminile), diastratico (Ca [laurea completa o incompleta] e Cb [niente scolarizzazione fino al liceo]) e dialingue (italiano a contatto con portoghese-rio grandense). La ricerca fa parte del progetto Atlas of Languages in Contact on the Frontier – Western Santa Catarina (ALCF-OC). I risultati indicano che la vitalità del talian a Riqueza è bassa, principalmente a causa di fattori sociali. In particolare, questi fattori sono legati al ridotto prestigio di una lingua minoritaria, alla mancanza di trasmissione intergenerazionale della lingua madre e all'isolamento degli informatori, tra altri aspetti. Preservare la lingua significa preservare la storia, la cultura e la conoscenza, e ciò favorisce la presenza delle lingue minoritarie in diversi ambiti di utilizzo, garantendo anche la loro trasmissione alle generazioni più giovani. Stimolare l'insegnamento della lingua e valorizzare le attività culturali sono fondamentali per incoraggiare le future generazioni a diventare portatrici di questa conoscenza inestimabile e custodi del patrimonio culturale delle lingue minoritarie.

Parole chiave: lingua dell'immigrazione; contatto linguistico; taliano; dialettologia multidimensionale; vitalità linguistica

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa de Santa Catarina - Localização de Riqueza no grande Oeste.....	25
Figura 2: Mapa das comunidades do interior de Riqueza	28
Figura 3: Grupo de Cultura Italiana.....	34
Figura 4: Encontro de confraternização do grupo GCI	34
Figura 5: Encontro Regional de Corais em Riqueza	35
Figura 6: Encontro Regional de Corais em Maravilha	35
Figura 7: Variedade de línguas minoritárias no Oeste Catarinense.....	51
Figura 8: Unesco 2003 - Parâmetros de análise da vitalidade linguística	60
Figura 9: Página do Jornal Regional - Coluna Italiana.....	96
Figura 10: Página da programação da Rádio Caibi	97
Figura 11: Grupo de Cultura Italiana - Sanga Forte - Propriedade Família Nardi	98
Figura 12: Grade Curricular do Ensino Fundamental Estadual.....	101
Figura 13: Página do Site da Prefeitura de Riqueza	102
Figura 14: Portal na entrada da Cidade de Riqueza.....	103

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Que língua costuma falar?.....	88
Gráfico 2: Na sua família falam outra língua? Qual língua é falada?	91
Gráfico 3: Quem são as pessoas que falam outra língua na sua família?	92
Gráfico 4: Em que língua você gosta de conversar?	93
Gráfico 5: O que o identifica como italiano?	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: A transmissão intergeracional de linguagem minoritária	63
Tabela 2: Questões de recenseamento: número absoluto de falantes	64
Tabela 3: Proporção de falantes dentro da população total	66
Tabela 4: Tendências em domínios de linguagem existentes	67
Tabela 5: Resposta a novos domínios e mídias	69
Tabela 6: Suporte linguístico para línguas e à alfabetização	72
Tabela 7: Atitudes e políticas institucionais e governamentais de linguagem	74
Tabela 8: Municípios de cooficialização do talian	75
Tabela 9: Atitudes dos membros da comunidade com relação à língua.....	77
Tabela 10: Quantidade e qualidade da documentação.....	78
Tabela 11: Dimensões, parâmetros e critérios da DPR utilizados nesta pesquisa.....	82
Tabela 12: Identificação dos informantes.....	83
Tabela 13: Análise dos Parâmetros da Unesco em Riqueza.....	105

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALCF: Atlas das Línguas em Contato na Fronteira

ALCF-OC: Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense

AMERIOS: Integra a Associação dos Municípios Entre Rios

CAAE: Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

Ca: Classe alta

Cb: Classe baixa

CEP.: Comitê de Ética em Pesquisas

DPR.: Dialectologia Pluridimensional Relacional

DNA.: ácido desoxirribonucléico; que contém as instruções genéticas que coordenam o ser humano.

F.: Feminino

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPOL.: Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística

LR.: Localidade de Riqueza

M.: Masculino

GCI.: Grupo de Cultura Italiana

GI: Geração I de 18 até 36 anos

GII: Geração II de 55 anos ou mais

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	21
2.1. A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO SUL DO BRASIL.....	21
2.2. A COLONIZAÇÃO NA LOCALIDADE DE RIQUEZA.....	24
2.3.“GRUPO DE CULTURA ITALIANA DE RIQUEZA <i>VIVERE E CANTARE</i> ”	32
3. DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL	37
3.1 MITOS E PRECONCEITOS LINGÜÍSTICOS	41
3.2. CONTATO LINGÜÍSTICO E IDENTIDADE.....	44
3.2.1 Comunidade de fala: Riqueza.....	51
3.2.2 Redes sociais e o ponto de estudo	53
3.2.3 Comunidades de prática: “ <i>Vivere e Cantare</i> ”	54
4.VITALIDADE LINGÜÍSTICA	56
4.1 A TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DA LÍNGUA MINORITÁRIA	62
4.2 QUESTÃO DE RECENSEAMENTO: NÚMERO ABSOLUTO DE FALANTES.....	64
4.3 PROPORÇÃO DE FALANTES EM RELAÇÃO À POPULAÇÃO TOTAL	65
4.4 TENDÊNCIAS EM DOMÍNIOS DE LINGUAGEM EXISTENTES.....	66
4.5 RESPOSTA A NOVOS DOMÍNIOS E MÍDIA	68
4.6 SUPORTE LINGÜÍSTICO PARA LÍNGUAS E À ALFABETIZAÇÃO	69
4.7 ATITUDES E POLÍTICAS INSTITUCIONAIS E GOVERNAMENTAIS A FAVOR DO PLURILINGUISMO	73
4.8 ATITUDES DOS MEMBROS DA COMUNIDADE EM RELAÇÃO À SUA PRÓPRIA LÍNGUA.....	76
4.9 QUANTIDADE E QUALIDADE DE DOCUMENTAÇÃO DE UMA LÍNGUA MINORITÁRIA OU MINORIZADA.....	77
5. METODOLOGIA.....	80
5.1 DIMENSÕES DE ANÁLISE.....	81
5.2 PERFIL DOS INFORMANTES DA PESQUISA	82
5.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	83
5.4 PROCEDIMENTOS PARA O DIAGNÓSTICO DA VITALIDADE LINGÜÍSTICA	84
6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS.....	86
6.1 DIMENSÃO DIAGERACIONAL	86
6.2 DIMENSÃO DIASTRÁTICA	89
6.3 DIMENSÃO DIASSEXUAL	92
6.4 DIMENSÃO DIAZONAL	97

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	111
ANEXOS	119
ANEXO I: QUESTIONÁRIO PARA OS DESCENDENTES DE ITALIANOS DE RIQUEZA.....	119

1. INTRODUÇÃO

“A diversidade cultural [e linguística] é tão necessária para a humanidade como a biodiversidade para a natureza.” (UNESCO).

O Brasil é diversidade em todos os contextos, seja na biodiversidade, credos, etnias, cores ou sabores. Uma miscelânea de vozes autóctones e alóctones, que juntas formam o que podemos chamar de tesouro nacional, a marca desta nação: diversidade. O exemplo do resultado desta mistura é a língua de uma nação, de uma determinada região, de um grupo ou de uma pessoa. Pode ser comparada à marca do código genético, o qual contém informações específicas daqueles que a utilizam. Seja em tempos remotos ou nos dias atuais, a busca por identidade dá-se através do viés da linguagem, tornando-se perceptível, mesmo que na atualidade de vidas conectadas e online, a origem e os contatos presentes na linguagem. A influência da língua materna perdura ao longo de toda existência do ser humano. Embora tenha experiências diversas, como o aprendizado e, o convívio com diferentes culturas, trará na sua essência a vivência da língua de casa. Apesar do senso comum descrever a língua como algo natural, transmitida entre gerações, é necessário analisá-la em um contexto político, ideológico ou mesmo metodológico, o qual exige um estudo pluridimensional e relacional.

Documentar, estudar e compreender os frutos dos mais diferentes contatos linguísticos em território brasileiro, é uma das tarefas dos pesquisadores, que desenvolvem diversos Atlas Linguísticos. A presente pesquisa faz parte do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense (ALCF-OC), coordenado pela Profa^a. Dra. Cristiane Horst, vinculado ao projeto maior Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF), com aprovação no Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) sob o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 20380713.2.0000.5564

Mesmo após décadas da colonização italiana no sul do Brasil, como descreve Radin (2020) afirma que o tema da imigração italiana ainda necessita de diferentes estudos, ora de âmbito geral, ora em relação às especificidades das experiências vividas nos diversos espaços por eles ocupados. Werlang (1992, p.92) lembra que o fenômeno imigratório europeu está ligado às transformações sociais, políticas e econômicas que ocorreram com a expansão do capitalismo e das novas formas de produção adotadas. O autor destaca ainda, que na Itália, o processo se deu de forma semelhante à Alemanha, embora a liberação de imigrantes tenha sido

menor no primeiro período. O auge da crise socioeconômica da Itália começou a partir de 1850 (WERLANG, 1992).

Os falantes de dialetos italianos são parte da cultura da região sul do Brasil. Horst, Fornara e Krug (2017) destacam que essas minorias étnicas utilizam, até hoje, em diversos contextos, uma ou mais variedades linguísticas distintas do português. Para realizarmos um estudo linguístico sobre a colonização italiana na região sul do Brasil, devemos considerar, também, questões de ordem política e econômica, que envolvem a chegada de alemães, russos, poloneses, israelitas e italianos.

Horst, Fornara e Krug (2017) apontam, além disso, que no contato com esta língua majoritária português, os imigrantes e descendentes de imigrantes veem-se diante do dilema que acompanham as minorias: reafirmarem-se como falantes de suas línguas de origem e as manterem dentro de seus grupos ou adotarem os hábitos e a língua dominante do meio em que vivem? É significativa também, a perda linguística e cultural, vivida por comunidades de descendentes que sofrem o processo de aculturação e desuso da língua materna, chegando ao ponto de as novas gerações sequer tirem a oportunidade de conhecer e aprender a sua língua de seus antepassados.

Falar sobre a língua dos imigrantes italianos requer, minimamente, utilizar o prisma da complexidade para contextualizar o problema de pesquisa. Após anos de colonização, é perceptível o apagamento e a substituição da língua de origem entre os descendentes. É importante saber que, atualmente, temos mais de 30 milhões de ítalo-descendentes vivendo no Brasil e que não têm incentivo institucional para estudo e uso de suas línguas de origem. Ítalo-brasileiros que após 130 anos da chegada de seus antepassados, não aprenderam a língua da família. Conforme Hasselstron (2018), pensar e discutir sobre as línguas autóctones e alóctones (de indígenas e de imigração) que coexistem na sociedade juntamente com a língua nacional- o português- é necessário para dar-lhes visibilidade.

Esta dissertação, sobre “a vitalidade do talian em Riqueza/SC: uma análise a partir das dimensões da Dialetoлогия Pluridimensional e dos parâmetros da UNESCO”, analisa as crenças e atitudes dos descendentes italianos, no uso e valorização de sua língua em comunidade. O **objetivo geral** é inferir sobre a vitalidade linguística do talian, em Riqueza, Santa Catarina, a partir das crenças e atitudes linguísticas dos ítalo-brasileiros. O estudo está pautado na Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional nas dimensões: diazonal, diastrática, diageracional, diafásica e diasexual. Para desenvolver a reflexão, serão utilizados parâmetros da UNESCO ad Hoc Expert Group on Endangered Languages.

Após 85 anos da chegada das primeiras famílias vindas do Rio Grande do Sul, a localidade de Riqueza não possui um estudo e/ou registro da variedade dialetal do talian falado atualmente por descendentes das famílias italianas, colonizadoras da cidade. Com base na *Dialetologia Pluridimensional e Relacional* de Thun (1998), que investiga a variação linguística verificando o máximo de variáveis extralinguísticas, ou dimensões de análise: (entre as quais diazonal, diageracinal, diassexual, dialingual), têm-se os objetivos específicos desta pesquisa, questionamos o propósito de demarcar onde o dialeto talian ainda é falado por descendentes de italianos residentes em Riqueza? Quem e quando usa o talian? Qual é a motivação daqueles que ainda falam? Além de identificar atitudes e percepções que sinalizem a preocupação com as futuras gerações.

Considerando a vitalidade linguística como variável, cabe a esta pesquisa identificar fatores e tendências que apontem para a manutenção ou substituição da língua minoritária, por meio das “lentes” de cada dimensão de análise. Sendo assim, são objetivos específicos e hipóteses deste estudo são:

- A) Identificar, na dimensão diageracional, a variação da vitalidade do talian, nas diferentes gerações de falantes. Constitui a hipótese geral que falantes da geração mais velha mantêm com maior vitalidade sua língua, amplamente observado nos estudos de Altenhofen (1997, 2013, 2014). Horst e Krug (2015) argumentam que ser integrante de um grupo com identidade étnica e linguística forte é, muitas vezes, motivo de orgulho, conferindo ao falante certo sentimento de superioridade. **Essa vitalidade decresce quanto menor a idade. Conforme parâmetros da Unesco (2003), a existência de crianças falantes do talian representa, nesse sentido, um indicador de que a língua possui uma vitalidade linguística estável para forte.**
- B) Verificar, em relação à dimensão diazonal, qual a relação de dominância do talian entre os informantes na localidade de Riqueza, em relação aos participantes do grupo de cultura italiana “*Vivere e Cantare*”, e os demais informantes, que não integram o grupo. Através da participação em atividades culturais, segundo Horst e Krug (2015), faz-se perceber, além disso, no âmbito do planejamento cultural de cada comunidade. Para os autores, é neste contexto que se evidencia a identidade do grupo. **Utilizaremos o parâmetro da produção de materiais para a educação e alfabetização linguística, indicado pela Unesco (2003), para analisar o apoio à língua minoritária e o estímulo à vitalidade do talian, com os dois grupos de informantes.** Para Eckert (2006) uma comunidade de prática que é central para a

construção da identidade de muitos de seus participantes é um locus importante para a construção de uma história conjunta, permitindo a construção complexa de estilos linguísticos

- C) Registrar a influência diasssexual exercida quanto ao uso do talian. Homens e mulheres possuem os mesmos vínculos com a língua e quais as consequências quando homens e mulheres não mais utilizam/ apreendem habilidades da língua minoritária. Ponso (2003) salienta a importância de considerar que, o que determina se homens e mulheres lideram certos processos de mudança, é o papel que eles exercem em cada comunidade específica. **Segundo parâmetros da Unesco (2003), se as atitudes dos membros da comunidade com a língua refletem-se no número de falantes, em relação à diferença de atitudes de entre homens e mulheres? Homens e mulheres têm contato com diferentes domínios de uso do talian?**
- D) Destacar a influência da dimensão diastrática, maior grau de dominância do português, nas entrevistas realizadas com os informantes da Ca (maior escolaridade), bem como o grau de domínio e aproximação da norma escrita. **Qual a influência na vitalidade do talian e o número absoluto de falantes, segundo os parâmetros da Unesco (2003)?** Para Horst e Krug (2015) a negação da variedade minoritária está ligada às questões de prestígio e estigmatização atribuídas a ela, especialmente, a partir sobretudo do momento em que o indivíduo começa a frequentar a escola.
- E) Analisar as atitudes dos falantes em relação à língua minoritária e seu papel nas decisões sobre a manutenção ou substituição do talian. Levantar e identificar mitos e crenças correntes na comunidade, por meio dos discursos e ideologias associados à cultura majoritária. **Quais as atitudes dos membros da comunidade em relação à língua? Como os membros dão suporte à manutenção da língua de imigração? São indiferentes, podendo até suportar a perda da língua?** Pertile (2009) ocorre que a perda da língua entre os descendentes de italianos no Brasil, é observada principalmente na 5ª geração. No entanto, a sua perda como língua materna já acontece, segundo a autora, na 4ª geração, quando muitos membros da comunidade ainda conseguem compreender a língua de origem, porém, não desenvolvem as demais habilidades, sobretudo de uso ativo, como a fala e a escrita.

Como já mencionado anteriormente, a imigração necessita ser estudada e conhecida não apenas sob a ótica romantizada das histórias televisivas, mas também de seus desdobramentos. Riqueza é um município agrícola, localizado no extremo Oeste de Santa Catarina, a 720 quilômetros da capital, Florianópolis. Colonizado no ano de 1916, às margens do Rio Iracema, primeiramente por imigrantes teuto-russos que saíram de seu país devido à instalação do regime comunista, em 1917, na Rússia. Em 1936, chega na sede do vilarejo o primeiro morador italiano, pertencente à família de José Bressan. Logo após, chegam também a família de João Mari, além de outras famílias vindas do Rio Grande do Sul, provenientes das chamadas “colônias velhas”, que fixam residência na localidade, às margens do Rio Iracema.

O município recebeu o nome de Riqueza devido à variedade de espécies das árvores nativas que havia na região, quando da chegada dos imigrantes na região. O valor econômico da madeira de lei como o cedro, o angico, a canela, o louro, a cabreúva representava, assim, uma verdadeira “Riqueza” em madeira, como os luso-brasileiros costumavam dizer na época.

Para a realização deste estudo, foi primordial a coleta de dados em Riqueza, com famílias de integrantes do grupo de cultura italiana e de descendentes que não integram o grupo de eventos culturais. A pesquisa incluiu as etapas de registro dos aspectos históricos, estatísticos e demográficos e as entrevistas semidirigidas com simultaneidade de informantes, bem como a observação do material de áudio e vídeo disponível no acervo da secretaria de Cultura do Município de Riqueza.

Altenhofen (2004), Coseriu (1982), Horst e Krug (2015, 2020) e Thun (1998, 2005, 2009, 2010) acentuam a necessidade de considerar as decisões e escolhas linguísticas das instâncias menores que o Estado, a escola, a família, a igreja ou a administração local, ou seja, possíveis políticas linguísticas de manutenção, para evitar que uma língua seja extinta.

Nasci e cresci na cidade de Riqueza, sou neta de descendentes de italianos. Cresci ouvindo minha avó materna, Lucia Marodin, com quem aprendia a falar talian, como ocorreu com muitos outros, uma língua adquirida “em casa”. Sou professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa e trabalho, atualmente, em uma escola estadual de Riqueza. Minha profissão trouxe a oportunidade de estudar e conhecer outras culturas através da segunda língua, o inglês. Hoje, não percebo os avós convivendo com os netos e lhes ensinando a língua herdada. Muito me preocupa o fato de ser, provavelmente, a última geração que saiba algo sobre o talian, língua de nossos antepassados, da qual me orgulho em fazer parte. Sinto a responsabilidade de manter viva a centelha desse saber. Esta pesquisa busca voltar para a descrição e o levantamento das variedades de imigração usadas à margem da sociedade, assim como para a conscientização

linguística (language awareness) para o papel dessas línguas na expressão da identidade das famílias colonizadoras.

Esta dissertação está dividida em 7 capítulos. A introdução ocupou-se com a justificativa, os objetivos e a organização da dissertação, considerando igualmente suas motivações por parte da pesquisadora e os problemas identificados.

O capítulo 2 aborda o contexto da imigração italiana no Sul do Brasil, com ênfase na localização e na formação de Riqueza, a partir do que apontam os autores Werlang (1992), Radin (2020) e Renk (2006). Apresenta também uma descrição sobre o Grupo de Cultura Italiana *Vivere e Cantare*, cujas famílias integrantes farão parte do grupo de informantes, com o apoio da historiadora Di Domenico (2010).

O capítulo 3 aborda fundamentos da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (DPR) de Thun (1998), identificando as dimensões mais pertinentes de análise dos fatores extralinguísticos em jogo na manutenção ou perda do talian. Na sequência tratamos dos mitos e preconceitos linguísticos. Trata-se, nesse caso, de perceber quais motivações podem levar o falante a abandonar a língua e quais crenças e mitos contribuem para a ausência de transmissão da língua minoritária às futuras gerações. A pesquisa realizada, apresentando conceitos centrais como “língua”, “contato linguístico” e “identidade”, a partir de referenciais teóricos apresentados por Altenhofen (2004, 20013), Coseriu (1982), Horst e Krug (2021), . Em continuidade a esse capítulo, são também apresentados pressupostos sobre “comunidade de fala”, “redes sociais” e “comunidade de prática”. Eckert (2006) descreve fatores sociais, como a idade, o gênero, a classe social e o contexto social, influenciam a variação e o uso da linguagem O capítulo 4. apresentamos uma análise do risco de extinção conforme os parâmetros elaborados pela UNESCO (2003) sobre a vitalidade linguística.

No capítulo 5, é apresentada a metodologia e as dimensões analisadas, descrevendo como ocorreu a seleção dos informantes, a coleta de dados e como se deu sua transcrição e sistematização. O capítulo 6, que representa a maior parte deste estudo, traz a descrição, análise e interpretação propriamente dita dos resultados da pesquisa.

Nas considerações finais, é apresentada por fim uma síntese no cap, uma reflexão sobre os resultados alcançados, com o foco na mensuração do grau de vitalidade linguística atual do talian em Riqueza, sua variação e influência de fatores extralinguísticos diversos, bem como das conclusões para orientar ações de revitalização da língua de imigração e do plurilinguismo, nesse contexto.

É importante dizer que não esgotamos o tema de pesquisa, devido às limitações impostas pelo tempo e as circunstâncias durante a execução deste estudo, que representa apenas um ponto

de partida para futuras pesquisas e ações de educação e revitalização linguística. Trata-se de um primeiro levantamento de identificação e compreensão do que está em jogo, sob o prisma pluridimensionalidade de análise, da influência que a língua portuguesa exerce na língua dos imigrantes italianos.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Contextualizar a colonização italiana no sul do Brasil é de extrema importância para a pesquisa linguística, uma vez que a imigração italiana exerceu uma forte influência na formação e na evolução do português falado no Brasil, principalmente na região sul do país. Com a chegada dos imigrantes italianos ao Brasil, no final do século XIX e início do século XX, ocorreu o contato de línguas e culturas, que se refletiu no vocabulário, na gramática e na pronúncia da língua portuguesa. Na pesquisa linguística, é possível compreender melhor as origens e as características do português falado na região, identificar as influências linguísticas da imigração italiana e analisar as particularidades dessa variedade linguística. Além disso, essa contextualização contribui para o estudo da variação linguística no Brasil e para a compreensão da diversidade linguística e cultural do país.

2.1. A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO SUL DO BRASIL

Os estudos sobre o desenvolvimento das civilizações mostram a movimentação dos povos ao longo de sua formação histórica. Citada também nos textos bíblicos, como no Êxodo, esses movimentos de povos mostram que a busca por uma vida melhor tem sido a saga dos povos através dos tempos. Grandes acontecimentos como catástrofes ambientais, guerras e crises políticas são elementos motivadores para que a população se desloque na esperança de uma vida digna, para desfrutar da tão sonhada liberdade. A realidade da colonização do sul do Brasil não foi diferente.

As principais motivações para a imigração se devem à necessidade de ocupação das áreas inabitadas, bem como a escassez da mão de obra nos campos, para substituir o trabalho escravo e as condições de vida no país de origem (guerras, crises financeiras, etc.). Margotti (2004, p. 32) destaca que as transformações econômicas, como a abolição da escravatura, o processo de urbanização, o início da industrialização, a criação do setor terciário e mais intensamente, no Sul, a consolidação dos limites territoriais, são alguns dos aspectos em que se insere o processo de imigração. Radin (2020) descreve que a forma como as áreas destinadas à colonização foram (re)ocupadas no Paraná e em Santa Catarina, fazia parte da estratégia governamental para consolidar o domínio em territórios de fronteira. O autor ainda destaca que a maneira como se desencadeou o processo de ocupação dos assentamentos agrícolas, atraiu um número significativo de italianos. Conforme Radin (2020), para o governo brasileiro, a

criação das colônias de imigrantes se constituiu em uma estratégia para incrementar a ocupação territorial e promover sua dinamização socioeconômica.

Werlang (1992, p.15) descreve que os colonos imigrantes, os quais não foram trabalhar nos grandes latifúndios, migraram para regiões cujas áreas não eram propícias às culturas desenvolvidas para exportação pelos latifundiários. Dessa forma, a colonização teve êxito no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. A formação dos estados que compõem a Região Sul do Brasil, historicamente, constituiu-se na pluralidade cultural, etnológica, de credo e linguística. Conforme relata Margotti (2004), todos vinham para o Brasil em busca de uma vida melhor, os grupos destinados ao sul, tinham o ideal de serem donos de terras.

A emigração em grande escala era motivada por um conjunto de razões. Entre as mais reiteradas, colocam-se o acentuado crescimento populacional, os efeitos da industrialização e suas consequências especialmente sobre os camponeses, a intensa exploração a que os camponeses estavam submetidos, o cenário de instabilidade provocado pelo processo de unificação, as necessidades decorrentes da difícil situação econômica e a intensa propaganda. Esse quadro provocava insegurança em relação ao futuro não somente por parte dos mais pobres, mas também dos que possuíam pequenas propriedades ou bens, pois receavam perdê-los. Destarte, em boa medida, a emigração foi a forma possível e viável de resistência de pessoas que compunham esses segmentos sociais. O ato de emigrar simbolizava deixar para trás uma situação caótica, mesmo sem ter noção da realidade que os aguardava nos locais para onde se dirigiam, em particular, dos diversos espaços de acolhida no Brasil. (RADIN, 2020, p. 49).

No início do século XIX, a realidade econômica vivida por italianos em sua terra natal estava insustentável. As mudanças causadas pela revolução industrial e os frequentes conflitos territoriais obrigaram as famílias a buscarem a emigração como opção de sobrevivência, “*far la Mérica*”¹. A realidade tornou-se uma verdadeira epopéia, marcada pelas dificuldades encontradas:

De um lado, o planejamento precário, a assistência quase inexistente, os administradores corruptos, a floresta perigosa e traiçoeira, a derrubada da floresta, o isolamento; de outro lado, os sonhos de liberdade e do enriquecimento, os atos de coragem e bravura, os ideais de propriedade, mística do trabalho e os princípios de fé e honestidade. E, sobretudo, a suprema esperança de uma vida de fatura. (MARGOTTI, 2004, p. 32).

O sonho da “terra prometida” foi desfeito em um curto espaço de tempo, uma vez que a realidade vivida tornou-se a luta por sobrevivência. O período de maior imigração italiana, segundo historiadores, teve início em 1875. Renk (2006) relata que, aliando à demanda brasileira de braços para a lavoura às questões internas da Itália, foram introduzidos colonos italianos, de modo que a imigração italiana foi numericamente superior à alemã. Para compor

¹ Tradução nossa: Fazer a América. Realizar os sonhos e desejos de uma vida melhor, com fatura.

esta história, homens e mulheres sobrepujaram as dificuldades climáticas, ambientais, culturais e políticas, deixando marcas vivas no solo do país.

Na ocasião de comemoração do centenário da imigração italiana no Brasil, em 1975, muitos estudos e trabalhos acadêmicos abordam a temática imigração, salientando a motivação da vinda dos europeus, para assegurar a posse das terras e torná-las legitimamente território brasileiro (por meio da ocupação dos espaços). Além da questão étnica e religiosa e do clareamento da nação, é preciso lembrar que se encontravam nesse território antes da vinda dos europeus, os indígenas e afro descendentes.

Com a imigração europeia dirigida aos centros urbanos, às fazendas de café ou aos assentamentos agrícolas, seus defensores também tinham como desígnio o “branqueamento” da população brasileira. Isso significava, fundamentalmente, impulsionar o que se entendia por “civilização”, ou, dito de outra forma, difundir os princípios e valores da sociedade capitalista europeia, idealizada pela intelectualidade e por governantes brasileiros, é vista como maneira para transformar a mentalidade, seja pela influência do modo de vida, como pela ciência. Seyferth salienta que, para a principal vertente do nacionalismo brasileiro, o **“branqueamento fenotípico da população”** se daria pelo caldeamento racial e teria sido “pensado como forma de consolidar, no futuro, uma nação brasileira, de civilização latina e língua portuguesa”. (RADIN, 2020, p. 19, grifo nosso)

O assunto repercute e ecoa com diferentes pontos de vista, pois, mesmo passados mais de quinhentos anos da colonização do Brasil, o qual formou-se através da migração de legiões vindas de diferentes continentes, continuamos observando o fluxo migratório constante em nosso país e fora dele, sinais da crise humanitária vivida em tempos de globalização, pandemias e vulnerabilidade ambiental. Como descreve Radin (2020) convém observar que

No caso do Brasil, chama atenção a recente chegada de haitianos, de venezuelanos e de outros grupos latino-americanos. Quando se retrocede às duas últimas décadas do século passado, também se observa que milhares de brasileiros migraram aos Estados Unidos, ou, numa espécie de “imigração de retorno” para a Itália e, de forma análoga, para Portugal, Japão, Alemanha e outros países europeus. Também há que se lembrar, nesse contexto, os refugiados climáticos, problema cada vez mais evidente nos últimos tempos. O intenso processo de ir e vir de pessoas dos últimos anos contribui para tornar as sociedades étnica e culturalmente mais mistas, contudo, não menos discriminatórias. (RADIN, 2020, p. 16)

É possível reconhecer nas histórias de hoje as dificuldades, medos e anseios vividos por imigrantes de outrora, ao chegar nas terras desconhecidas. O tema da imigração não é assunto da conversa apenas sobre os antepassados. Na construção da história atual, inúmeras narrações descrevem diferentes trajetórias. Porém, assim como antes, a busca por um lugar para viver em paz, ter uma família, trabalhar em segurança, faz parte do cotidiano dos que chegam ao Brasil. O sonho da terra prometida, ainda, alimenta aqueles que seguem caminhos desconhecidos em busca de acolhimento, a exemplos dos filhos de imigrantes, saídos das primeiras colônias no Rio Grande do Sul, em busca de novas terras cultiváveis no estado vizinho, décadas atrás.

Viebrantz (2009) destaca que o fator que contribuiu para ocupação do oeste de Santa Catarina, especialmente por imigrantes do Rio Grande do Sul, foi o esgotamento do solo gaúcho bem como as divisões de terras entre a numerosa prole, filhos dos imigrantes. Assim, em busca de terras cultiváveis para sustentar suas famílias, empreenderam viagem desbravando o oeste catarinense. Para Renk (2000), aos agricultores do RS que migraram para SC, o acesso à terra é característica da categoria camponesa. Os colonos demandam terras para que seus filhos e netos pudessem constituir família e sustentar-se.

2.2. A COLONIZAÇÃO NA LOCALIDADE DE RIQUEZA

“Riqueza é trabalho e fé, Riqueza é o coração.

Riqueza é ter você aqui, Riqueza é nossa união.”

(Hino oficial de Riqueza)

Fundada em 1930, a localidade de Riqueza está situada no Extremo Oeste de Santa Catarina, a 720 quilômetros da capital, Florianópolis. Com uma área de 190,4km², segundo dados do site da prefeitura, em 25 de janeiro de 2022. Possui, aproximadamente, 4.561 mil habitantes, segundo dados do IBGE de 2019. O município foi desmembrado do município de Mondaí, criado pela Lei nº 8479 de 12 de dezembro de 1991, e instalado em 1º de janeiro de 1993, sendo que a emancipação foi aprovada pela população riquezense através de um plebiscito. Riqueza é um município essencialmente agrícola, com pequenas propriedades de produção familiar. Integra a Associação dos Municípios Entre Rios - AMERIOS. Tem em sua formação a mescla de etnias da maioria das cidades da região.

Figura 01: Mapa de Santa Catarina - Localização de Riqueza no grande Oeste



Figura 1: Mapa de Santa Catarina - Localização de Riqueza no grande Oeste

Fonte: Wikipédia (2022)

Assim, conforme citado na pesquisa realizada por Horst, Fornara e Krug (2017), localidade de Riqueza traz em seu site oficial informações sobre os grupos étnicos presentes na colonização do município. Iniciou como uma colônia teuto-russa, nas terras às margens do Rio Iracema, que antes era ocupada por indígenas e luso-brasileiros.

Há muitos anos atrás (1930), às margens do rio Iracema, nascia uma nova esperança. Esperança esta, vinda da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS e da Alemanha, junto com imigrantes que aqui chegavam trazidos pela Empresa Colonizadora Territorial Sul Brasil. Em meio a mata, cheios de sonhos e esperanças de uma vida melhor e com a perspectiva de trazer o progresso e o desenvolvimento, as famílias teuto-russas e, posteriormente, **italianas** e luso-brasileiras (caboclas) iniciaram uma nova Riqueza. Riqueza pela mata abundante (madeira de lei), utilizada como recurso econômico, mas que também dificultava o início da colonização e do povoamento nesta “nova terra”. (PREFEITURA DE RIQUEZA, 2022)²

A bibliografia utilizada na pesquisa sobre a colonização de Riqueza faz parte do estudo realizado pela professora pesquisadora Silvani Morgenstern Di Domenico, a qual iniciou suas entrevistas, com colonizadores e seus descendentes, em 1985, como trabalho de conclusão do curso de graduação. A pesquisadora é responsável pela coleta, seleção e registro de fotos e documentos históricos, além de muitas entrevistas e cartas, com as quais registrou o início da colonização da cidade. Além de sua obra, relato sobre a vinda dos colonizadores teuto-russos para cidade de Riqueza nos anos de 1932, a professora Silvani é entusiasta e assídua colaboradora do recém fundado Museu da cidade. Além disso, a professora teve a possibilidade

² Disponível em: <https://www.riqueza.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/18636>
(Acessado em 31/01/2022, grifo nosso)

de conversar com imigrantes que já faleceram, contendo registros de áudio, hoje transcritos, com registros valiosos sobre a colonização do município de Riqueza.

Nos relatos coletados por Di Domenico (2010), encontramos que esse movimento de dezenas de famílias foi motivado por crises econômicas e políticas, fugindo da perseguição política-religiosa, durante a instalação do regime comunista na Rússia. Conforme relatos no livro “Iracema - Riqueza: fragmentos de uma história”, de autoria de Silvani Morgenstein Di Domenico (2010), no qual a pesquisadora relata a história de muitos colonizadores da cidade, entende-se que durante a fuga muitos deles não puderam trazer seus familiares ou mesmo seus pertences. Auxiliados pela igreja, realizaram o processo de traslado, alguns legalmente e outros sem documentos. Vindos de navio cargueiro, por aproximadamente 18 dias, sem infraestrutura adequada (DI DOMENICO, 2010)

Di Domenico (2010) descreve que, após todas as dificuldades, os imigrantes chegaram ao local de destino sem as condições básicas para permanência e, assistência, sem local adequado para se estabelecer. Muitas eram as dificuldades, e segundo relatos transcritos, os informantes manifestaram que o governo não cumpriu com as promessas. A Companhia Territorial Sul Brasil foi a empresa responsável por alocar os imigrantes nas terras. As primeiras instalações foram cabanas, construídas de forma coletiva, sem muitos recursos e/ou ferramentas.

Nem sempre as terras “prometidas” eram aquelas oferecidas pelos propagandistas da Companhia Colonizadora, que apresentavam o oeste catarinense como o “Eldorado” brasileiro. Emocionados depoimentos afirmam que a falta de estradas, do comércio, de assistência médica, os ataques de mosquito, as terras pedregosas e acidentadas, cobertas por densas matas foram os principais obstáculos com os quais se defrontaram (WERLANG, 2006. *Apud* DI DOMENICO, 2010, p. 12)

O colonizador Carlos Culmey era o responsável por realizar o povoamento da região e a divisão de terras. Culmey era o encarregado de colonizar diversas cidades da região como: Cunha Porã, Maravilha, São Domingo, Palmitos, Pinhalzinho e Saudades. O acampamento da Companhia Territorial Sul Brasil iniciou-se às margens do Rio Iracema, onde os imigrantes foram instalados, temporariamente, em cabanas de taquara e folhas de coqueiro. Segundo Di Domenico (2010), muitos dos recém-chegados não conseguiram permanecer no local devido à falta de infraestrutura, a presença de animais selvagens, os constantes barulhos da mata e o permanente ataque de mosquitos, deslocando-se então para diferentes lugares do país e para países vizinhos como o Uruguai e Argentina.

A Companhia Territorial Sul Brasil tinha como tarefa dividir as terras e, para desempenhar a atividade, trouxe jovens agrimensores, dentre eles estava como funcionário o senhor Ângelo Serafini, primeiro imigrante de origem italiana, o qual comprou terras para seus

descendentes, que residem até os dias de hoje na Linha Serafini, na localidade de Riqueza. Conforme o vilarejo foi se desenvolvendo, novos moradores foram se instalando. Em 1936, José Bressan e sua esposa Luiza Aurélia Fantin Bressan, chegam em Riqueza.

“Meu avô, José Bressan, chegou mais tarde, depois deles, aproximadamente em 1936, comprando duas colônias de terras na costa do rio Uruguai, também na Linha São José, com a promessa da Companhia de que a estrada para Mondai passaria costeando o rio. Porém, ele foi enganado, pois a estrada não passou por lá e sim pela atual sede de Riqueza. Mesmo que nunca morou naquelas terras da linha São José, meu avô comprou da Companhia mais de 35 colônias e deu para cada filho e filha cinco colônias de terras. Boa parte das terras situava-se em Riqueza, indo da sede até a Linha Vedana. Era um senhor de mais idade, a sua morada ficava localizada na parte de trás de onde hoje se encontra o Posto Somor”. (DI DOMENICO, 2010, p. 73)

A saga dos colonizadores da região também é relatada no livro de Arno Koelln, “Porto Feliz: a história de uma colonização às margens do Rio Uruguai”, escrito em 1980. De acordo com o livro, com esforço sobre-humano, vencendo obstáculos desconhecidos, homens e mulheres, desbravaram o Oeste Catarinense. A história dos colonizadores italianos, desbravadores que venceram situações adversas, ultrapassando seus medos na busca pela terra dos sonhos. Cada pequena conquista gerava um sentimento genuíno, uma felicidade de origem simples e inesquecível. Impossível descrever o espírito destes bravos homens e mulheres que aqui chegaram vindos das mais longínquas terras para colonizar o sertão do Oeste catarinense.

Aos pioneiros de Riqueza também pertence o Sr. Anton Gdanietz, o “Anti”. Nascido nas margens do Reno, aqui estabeleceu-se em 1933, depois de, como membro da “União Nerother”, ter praticamente conhecido o mundo interior. De nenhuma maneira sua aparência demonstrava vestígios dos duros trabalhos pelos quais passou nas matas brasileiras nesses quarenta e tantos anos que aqui viveu. Parecia um jovem tocando na guitarra e cantando no círculo de amigos os hinos que certa vez cantou na Pérsia, nos Andes e no Himalaia, nas grandes viagens que realizou por esta maravilhosa Terra. (KOELLN, 1980, p. 67)

A exuberância da mata local e a abundância de madeira de lei com alto valor comercial, motivou assim o nome da localidade, Riqueza, deixando deslumbrados os recém chegados com a riqueza em madeiras nobres aqui encontradas. A madeira movimentou a economia local, sendo a primeira atividade desenvolvida pelos colonos aqui chegados. O produto extraído era levado por balsas, pelo rio Uruguai e, em seguida, o destino era o país vizinho, a Argentina, conforme relato do historiador Werlang (1992).

Na parte sul, às margens do rio Uruguai, a área contestada era coberta por densas matas, ricas em pinhais e cedros. A extração em grande escala destas madeiras, começou somente a partir de 1920. As árvores eram cortadas e arrastadas ao rio, onde, em forma de balsas, eram transportadas para a Argentina, aproveitando-se as enchentes do rio Uruguai. O que então era uma atividade de sobrevivência passou a ser um negócio rentável para certos grupos madeireiros, entre eles as companhias colonizadoras. Pelo sul, a ocupação da área contestada se deu basicamente no século XX, quando a questão dos limites já havia sido definida. Esta ocupação se deu a partir

da instalação das companhias colonizadoras e madeireiros gaúchos. Estes madeireiros vindos do Rio Grande do Sul instalaram suas serrarias na região efetuando uma rápida devastação, principalmente das espécies cedro e pinheiro, de alto valor comercial no país vizinho. (WERLANG, 1992, p. 18)

O romantismo descrito por balseiros não esconde os perigos vividos nesta época. Um dos balseiros de Riqueza, o senhor Jorge Silva, deixou seu legado aos seus descendentes, bem como inúmeras histórias dos feitos nas corredeiras do Rio Uruguai. Após a morte de sua primeira esposa, o senhor Jorge Silva veio residir em Riqueza em nova união matrimonial com a senhora Irma Mari, filha de imigrante italiano, já morador do vilarejo, senhor João Mari. A filha de Jorge Silva, a senhora Herta Silva Kosczinski é moradora de Riqueza e participa das atividades da igreja e do coral até os dias atuais.

Figura 02: Mapa das comunidades do interior de Riqueza.

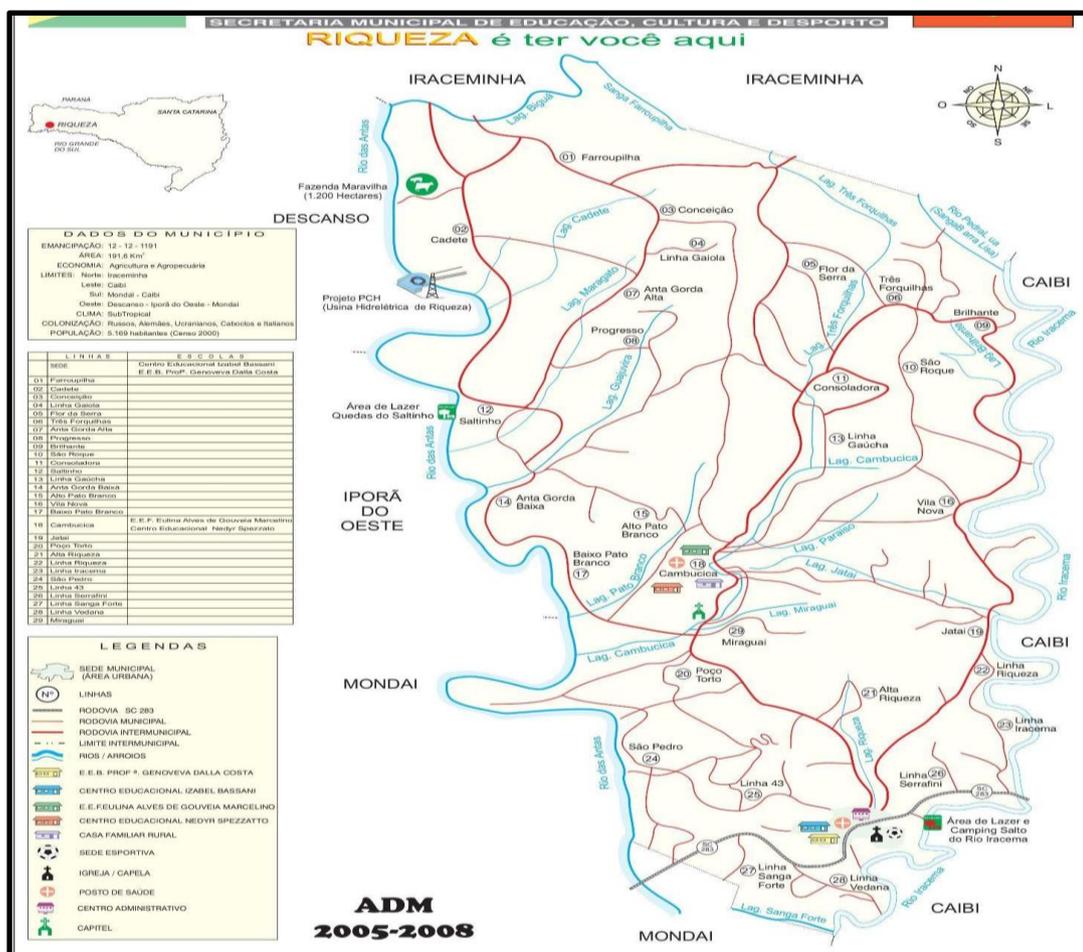


Figura 2: Mapa das comunidades do interior de Riqueza

Fonte: Prefeitura Municipal de Riqueza, 2008

Conforme anotações do caderno de campo, o filho do senhor Jorge Silva, Darci Silva, conta que seu pai era representante da Companhia Sul Brasil, o qual negociava lotes para a,

lotes estes que foram invadidos, coube a ele negociar diretamente com os invasores. O mesmo adquiriu vários lotes e comercializou diretamente com as famílias que vieram estabelecer moradia na localidade. Segundo depoimento do filho do senhor Jorge Silva, que acompanhava o pai nas idas para o interior, dirigindo um jipe da família, no ano de 1962:

Informante: Primeiro colocaram ele como empregado tipo assim , mas não era ganhava por comissão. [...] Essas terras era da companhia Sul Brasil, ai em Palmitos tinha um cara que tinha um escritório ali Dr. Leal era o comandante, ele morava em Porto Alegre, mas vinha cada poucos dias. [...] ali na Cambucica ficou acho que 160 terreno, até hoje tem terreno dessa companhia, que os cara tão morando em cima assim que nem dono, tão fazendo Uso Capião. Tem registro no nome da Companhia.[...] tem muitas escrituras que se tu for olha tem comprado do fulano, não todas, mas uma grande parte, [...] Ele era barqueiro e depois que vendeu la ele puxava madeira, tinha muita madeira, por isso Riqueza, fizeram alguma viagem pra São Borja [...] pai fez dezoito viagens pra Argentina, quando dava aquelas enchentes.

Pesquisadora: Em que ano seu pai chegou aqui na Riqueza, seu Darci?

Informante: Eu nasci ali na bera, do lado de lá da balsa, que não tinha ponte ali, dai com quatro meis o pai veio morá aqui. Estou com 76 anos então são 76 anos [...] (fonte: anotações do caderno de campo, 06 de janeiro de 2023)

A relação do senhor Jorge Silva com o desenvolvimento da região é anterior a Companhia Sul Brasil, como podemos comprovar no texto de Werlang (1992), Silva tinha também contato com Carlos Culmey:

Jorge Silva, que trabalhou com Culmey como agente vendedor de terra e balseiro, confirma a preocupação que Carlos Culmey tinha em relação aos colonos, mas conta que o mesmo tinha muitas divergências, pois as coisas tinham que ser como ele queria. Os maiores problemas surgiam era relação aos posseiros (WERLANG, 1992,p.52)

A região de Riqueza foi destinada às famílias de imigrantes teuto-russos, por Carlos Culmey, mas a vinda de famílias de origem italiana ultrapassou a perspectiva inicial.

Com este objetivo, as terras localizadas entre os rios Chapecó e Barra Grande foram destinadas aos alemães católicos, surgindo desta colonização os municípios de São Carlos, Saudades e Pinhalzinho. Do rio Barra Grande até o rio São Domingos, no atual município de Palmitos, as terras foram demarcadas para os alemães evangélicos; e do rio São Domingos em diante até o rio Iracema, localizar-se-iam os de origem italiana, que darão origem a Caibi. Finalmente, a área localizada entre os rios São Domingos e Antas passou a ser ocupada pelos teuto-russos de religião evangélica, originando o município de Riqueza. Já os teuto-russos católicos ocuparam uma parte da área reservada aos alemães católicos. **Como o fluxo de italianos era maior do previsto, algumas seções próximas ao rio São Domingos, inicialmente destinadas aos alemães evangélicos, foram ocupadas pelos descendentes de italianos.** Esta divisão ainda está caracterizada nos dias de hoje. (WERLANG, 1992, p. 62-65, grifo nosso)

Segundo a pesquisadora Di Domenico (2010), com o passar do tempo, surgem os primeiros estabelecimentos na pequena vila de Riqueza, tais como: a ferraria, dos senhores Ludvig Hass e Eduardo Diehl; dentista prático senhor Valdemar Trebin; bar do senhor Olinto Guidini que, mais tarde, passa a ser do senhor Jacob Bernardes. Também as instalações para lazer e diversão, oportunos na vida dos trabalhadores cujas dificuldades diárias necessitam

superar. Instala-se o bar e boliche (bolão) do senhor Jandir dos Santos; salão de baile do senhor Luís Bassani, o qual mais tarde se torna o Clube de danças "Farroupilha" e anos depois, em 1958, o Ginástica Esporte Clube, associação presente na vida e no cotidiano da cidade até os dias de hoje.

A localidade de Riqueza integrava o município de Chapecó, o que resultava em transtornos e dificuldades para as famílias na hora de realizar registros, certidões ou qualquer documento. Chega então em Riqueza a senhora Lurdes Pasa, escritã e proprietária do cartório com seu esposo Alberto Pasa, que passam a integrar e influenciar a vida social e cultural. Muitas são as lembranças das atividades desenvolvidas que iniciam com bailes, carnavais, peças de teatro entre tantas outras atividades, as quais eram organizadas pelo casal Alberto e Lurdes Pasa, sempre em prol das instituições como a escola e o clube. A pesquisadora Di Domenico (2010) relata sobre o casal Pasa:

Em todos os depoimentos fica evidente que a chegada do casal Alberto e Lurdes Pasa, em 1956, junto com cartório, constitui-se num marco importante ao desenvolvimento de Riqueza, principalmente em termos sócio cultural, esportivo, religioso. O aprimoramento de relações amistosas entre as pessoas, muito bem articulada pelo casal, confere ao lugar uma configuração diferente, a ponto de Riqueza conquistar uma posição de destaque perante outras localidades (DI DOMENICO, 2010, p. 92)

Segundo a historiadora Di Domenico (2010), a preocupação com a educação dos filhos sempre foi presente para os imigrantes. Mesmo com poucas condições e sem ajuda do governo, as aulas iniciaram nas instalações da igreja Evangélica, o que comumente ocorria nos povoados da região. Não foi diferente na vila Riqueza, na qual a vida comunitária transitava entre a religião e a escola. O senhor Fritz Hesse, é tido como o primeiro professor, na Linha Iracema em 1931, local que deu origem ao povoado e os sucessores nas salas de aula foram Gerhard Klesbsch e Artur Eberle.

Foram tempos penosos e, com o início da Segunda Guerra Mundial (1939– 1945), novos desafios surgiram no cotidiano dos pequenos colonizadores. Relata a Di Domenico (2010), em seu livro, que as crianças eram questionadas quanto a sua nacionalidade e deveriam responder: “Eu sou brasileira, tenho orgulho em dizer, em defesa dessa Pátria lutarei até morrer”. (DI DOMENICO, 2010, p. 114). Em 1940, o estado assume o compromisso com a educação e, então, é fundada a Escola Isolada Estadual que, em 1950, passa a ter instalações próprias com salas de aula, secretaria e demais dependências. Nas palavras da pesquisadora Di Domenico (2010, p. 123):

A história da educação escolarizada em Riqueza, desde os anos 30, particularmente da Escola Professora Genoveva Dalla Costa, está ligada ao processo histórico-cultural e social de Riqueza, construída pelas mãos de homens e mulheres, de interesse

políticos e econômicos vários. Daí a importância da educação e da cultura para a construção da sociedade.

Vindos das antigas colônias do Rio Grande do Sul, como Passo Fundo, Vila Maria, Marau, Sobradinho e outras cidades, os imigrantes italianos fazem parte do desenvolvimento econômico local. A família Bernardes, que em 1952 já possuíam terras na região, hoje denominada Linha Bernardes. Destacamos os relatos do senhor Jacó Bernardes, aos 92 anos, em entrevista contam sobre seus primeiros anos na nova morada:

Quando cheguei a Riqueza, no ano de 1952, tinha umas quatro ou cinco famílias que moravam aqui: Jorge Silva, João Mari, um bodegueiro, Augusto Chofre e José Bressan. A vila tinha três ruas. Nos domingos, fazia-se um mutirão e puxava a madeira nas costas para fazer a Igrejinha Católica. A primeira igreja era muito pequeninha, depois a fizeram um pouco maior. Ficou muito na minha lembrança que não tinha quase comida, faltavam as coisas principais. Um carroceiro, toda segunda-feira ia a Iraí. [...] Eu comprava fumo para uma firma de Venâncio Aires. Assim, pude comprar uma casa que era um bar do Olinto Guidini. Depois desmanchei essa casa e construí outra no mesmo lugar, hoje ainda está lá. A casa passou a ser minha residência, e na frente, abrimos o bar “Sobradinho”. Lá passei a ter concessão da rodoviária junto ao bar, que foi por muitos anos. Assumi como subprefeito mais ou menos em 1954, durante 22 anos, ganhando um salário determinado. Mesmo que trocava de prefeito em Mondai, eu fiquei efetivo. Também fui suplente de vereador e numa época assumi como vereador, por um bom tempo. Fui Juiz de Paz durante duas gestões, de quatro em quatro anos saiam nomeações. Como fui bastante tempo juiz de paz, muitas pessoas me chamavam de compadre. (DI DOMENICO, 2010, p.124-125)

Assim como o senhor Bernardes deixou registro na história de Riqueza, muitas foram as vidas dedicadas ao desenvolvimento, não apenas do município, mas principalmente na formação de homens e mulheres, na busca pelo progresso desta região.

As famílias Di Domenico e Endrigo partem de Vila Maria, Rio Grande do Sul, em 1953, instalando-se em Riqueza para estabelecer no local um comércio, com produtos de primeira necessidade. A sociedade cresce, assim como cresce a demanda por novas atividades. Além da loja, responsável pelo fornecimento de secos e molhados, o empreendimento desta sociedade familiar, logo adquirem o primeiro posto de combustível e, nos anos seguintes, a cerealista e açougue, facilitando a vida da população e a melhoria da qualidade de vida.

Enquanto os homens realizavam transporte e comércio da produção dos agricultores locais, citando o feijão como principal item comercializado em São Paulo e Rio de Janeiro, e o retorno com os suprimentos para o comércio local; as senhoras eram incansáveis nas tarefas por elas desempenhadas, seja nos trabalhos domésticos, costureiras, cabeleireiras e toda e qualquer atividade que fosse solicitada. Muitas foram as gerações de moças das famílias da cidade e da região que estiveram na casa de Dona Maria Di Domenico para aprender os mais diferentes ofícios: cabeleireira, costureira, passadeira, tecelã, atendente, cozinheira, etc.

Entre tantas dedicadas senhoras, Dona Maria Angela Endrigo Di Domenico, casada com o senhor Antonio Di Domenico, sócios da Comercial Di Domenico, foi sem dúvida uma mulher destemida e revolucionária nos seus empreendimentos e métodos de trabalho. Costureira e comerciante, ela esteve presente na vida das famílias locais, sempre disposta a cooperar, sem medir esforços. Juntamente com o casal Passa, Dona Maria auxiliou nas atividades culturais no clube da cidade, na escola e na igreja, com muito trabalho, doações e o incansável incentivo nas atividades sócio-culturais. A exemplo de sua abnegada dedicação, também foi incentivadora do Coral italiano, mesmo sem cantar, fazia questão de estar presente nas atividades desenvolvidas pelo grupo. As atividades sociais davam contornos e um ar de civilidade à inóspita vila no longínquo Oeste Catarinense.

Esse coral italiano deu origem ao Grupo de Cultura “Vivere e Cantare” que será descrito em maior riqueza de detalhes na próxima seção.

2.3. “GRUPO DE CULTURA ITALIANA DE RIQUEZA *VIVERE E CANTARE*”

Quando era un bambino, go imparà parlar in talian.
Ascoltando tante bele stòrie, che ma piu go desmentegà.
Talian.

(RAGAZZI DEI MONTI)

A Associação Cultural Italiana de Riqueza-SC, denominada “*Vivere e Cantare*”, o coral foi fundado em 07 de julho de 2009. O primeiro presidente do grupo foi o senhor Vilmar José Daltoé, tendo como tesoureira a senhora Diva Maria Didomenico dos Santos Pereira e secretária a senhora Fatima Marlete Bedin Slevinski. O primeiro regente do grupo foi o senhor Ivanir Moisés Fincatto, filho da senhora Nelci Fincatto, uma das professoras do município na década de cinquenta.

Trata-se de uma entidade filantrópica, ou seja, sem fins lucrativos, com caráter apolítico, de natureza privada e de interesse público, com sede na Rua Iracema s/nº, centro da localidade de Riqueza-SC. O grupo tem por objetivos: resgatar, conhecer, preservar, valorizar as raízes culturais dos antepassados, transportadas da Itália para o Brasil por força da sua coragem, bravura e do seu amor pela Pátria distante (Estatuto do Grupo de Cultura Italiana, 2009). Os encontros realizados promovem a cultura, base para a vida em sociedade; buscam preservar e desenvolver a língua italiana. Realiza eventos de cunho artístico-cultural, promovendo o intercâmbio com entidades do gênero, dentro e fora do Brasil, em especial com a Itália.

Grande parte dos componentes são descendentes de imigrantes vindos da região do Vêneto, Trento e Friulanos (Itália) para o Rio Grande do Sul, de onde vieram ao Oeste de Santa Catarina. A entidade promove integrações regionais com almoços e jantares típicos italianos, encontros de grupos italianos e corais diversos, apresentações culturais, participações musicais em programas de rádio, celebrações religiosas, através do “Terno de Reis”. É por meio dessas atividades que o grupo leva uma mensagem de alegria para as famílias da comunidade, relembando o nascimento de Jesus Cristo e memorando as atividades realizadas por seus antepassados.

Retornar às raízes é exercício vital daqueles que necessitam manter sua essência, resgatar as origens e fortalecer a história de seus antepassados. Ao assistir, na íntegra, o vídeo desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Riqueza, organizado pela Secretaria Municipal de Cultura com a valorosa pesquisa da Senhora Silvani Morgenstern Di Domenico, é possível compreender as razões que levaram um grupo de amigos a fundar o Grupo de Cultura Italiana “*Vivere e Cantare*”. Saudosos dos encontros com a Língua Materna, aquela que lhes faz retornar ao passado e reencontrar os aromas e sabores de sua mais tenra infância. Participam ativamente de encontros de grupos italianos em diversas cidades da região. Após quase 13 anos de existência, o grupo conta com mais de trinta integrantes: Antoninho Alba, Carmem Pim Elesbão, Ceci Lúcia S. Slaviero (atualmente regente do coral), Cleiva Ferraboli, Deolmiro Marsango, Deonila G. Ferraboli, Dilva R. R. Oliveira, Dirceu L. Pin, Diva Maria Endrigo Didomenico Pereira, Elza Didomenico Dagostini, Emir H. S. D Silva, Helena Z. Forchesatto, Herta Silva Kosczinski, Irma Marsango, Iracema Marodin Zanella, Iria T. G. Pin, Juscelino Franciscon, Lourena D. M. Puntel, Lourenço da Silva, Lourdes A. Didomenico, Marino Sereafini, Olga P. Capoani, Romildo Ferraboli, Rosa Serafini, Sadi de Oliveira, Sady Agostini, Sérgio A. Naibo, Olga P. Capoani, Romildo Ferraboli, Rosa Serafini, Sadi de Oliveira, Sady Agostini, Sérgio A. Naibo, Terezinha Franciscon, Thiago Elesbão, Vilma R. Baseggio, Zenilde Gdanielz, Paulo L. Serafini, Sergio A. Marsango, Florentino de Moura, Miltes O. F. Pires, Lourdes M. Pin, Marinês Bordignon, Ilario de Almeida, Nadilo Fiorentin, Onilva Marsango, Franciele Zanella e Letícia Pereira.

O grupo realiza encontros semanais no centro social de Riqueza, conforme podemos observar na figura 04. Momento de ensaios e conversas animadas. O talian é a língua das conversas, das músicas e das brincadeiras. Os encontros de grupos de corais na regional seguem um calendário próprio, organizado por uma diretoria regional que se reúne previamente para organizar o ano todo. A Figura 03, 05 e 06 mostra o grupo em apresentações culturais. Além das apresentações, os grupos compartilham a língua, culinária e histórias do talian.

Figura 03: Grupo de Cultura Italiana



Figura 3: Grupo de Cultura Italiana

Fonte: Acervo do GCI. Dezembro de 2017: Apresentação do o Grupo Italiano, em parceria com “Coral “Riquezense”, Associação Cultural “Friederich Hass”, e alunos das oficinas do Programa Mais Educação nas comemorações dos 25 anos do município de Riqueza.

Figura 04: Encontro de confraternização do grupo GCI



Figura 4: Encontro de confraternização do grupo GCI

Fonte: Acervo do GCI, 2022

Figura 05: Encontro Regional de Corais em Riqueza



Figura 5: Encontro Regional de Corais em Riqueza

Fonte: Acervo do GCI, 2022

Figura 06: Encontro Regional de Corais em Maravilha



Figura 6: Encontro Regional de Corais em Maravilha

Fonte: Acervo do CGI, 2022

Grupos culturais podem ser definidos por diversos fatores, como região geográfica, etnia, religião, idade, gênero, entre outros. Cada grupo cultural pode desenvolver um dialeto próprio, com características linguísticas específicas que o diferenciam dos demais. A dialetologia pode ajudar a entender a relação entre a língua e a identidade cultural, uma vez que a maneira como as pessoas falam pode refletir a sua origem étnica, sua região de origem, sua idade, entre outros fatores. Portanto, a dialetologia reconhece a importância dos grupos culturais

nas comunidades, uma vez que esses grupos contribuem para a diversidade linguística e cultural de uma sociedade.

3. DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL

“Because every last word means another lost world...”
(AUSTIN, 2003 *apud* FRANCHETTO, 2005, p. 186)

A busca por conhecer as variedades regionais de uma língua constam da agenda de dialetológicos, há bastante tempo. Nessa trajetória, o princípio adotado pela Dialetologia Pluridimensional e Relacional (DPR) de considerar diferentes dimensões sociais e preenche o interespaço no que diz respeito à realidade linguística tem sido um princípio ordenador que vem se aplicado a uma gama significativa de situações e temas de estudo de contatos linguísticos. Nessa perspectiva estabelecemos relações entre os fatores extralinguísticos (dimensões sociais) e a análise linguística dos fatos linguísticos observáveis, neste caso da vitalidade linguística de uma língua de imigração como o talian. A dialetologia considera diferentes áreas linguísticas, ligadas a aspectos do eixo horizontal, enquanto a sociolinguística centra sua atenção no uso da língua no contexto social, portanto do eixo vertical. Thun (1998; 2005; 2009) ao contrastar a análise linguística com o espaço geográfico, propõe uma aproximação entre os dois eixos de análise, sócio e geolinguístico.

Segundo Thun (1998), os objetivos da pluridimensionalidade são perceber e resgatar fenômenos linguísticos, a partir da variação diatópica (localidade) juntamente com as variações extralinguística (gênero, idade, escolaridade, classe social, religião). Ao promover a relação entre as diferentes dimensões, ou seja, a pluridimensionalidade, realiza-se a análise das variedades linguísticas, dialetos e línguas em contato, unindo assim a sociolinguística, e dialetologia no mesmo modelo, além de verifica as múltiplas dimensões com outros campos de estudo do uso da língua, como a sociologia da linguagem e os estudos do plurilinguismo.

Cardoso (2016) elenca os objetivos que a dialetologia engloba na produção de estudos monográficos e atlas linguísticos orientados por uma linha de pesquisa monodimensional e/ou pluridimensional, como sendo:

- i) descrever, nos espaços geográficos recobertos por uma determinada língua ou por um conjunto de línguas; ii) qualificar do ponto de vista social, as ocorrências registradas e; iii) examiná-las na perspectiva do tempo a que estão submetidas. (CARDOSO, 2016, p. 13)

Embora os estudos geolinguísticos tenham iniciado eminentemente de forma monodimensional, hoje, as duas formas estão presentes, conforme a escolha de foco do pesquisador pretende desenvolver na sua área de estudos. Para Bernieri (2017), os temas de estudos da área vão além dos aspectos tradicionalmente abordados.

O espaço da dialetologia pluridimensional não compreende apenas os dialetos puros da dialetologia tradicional ou os socioletos da sociolinguística, ela engloba a realidade da geolinguística, pois realiza estudos em diferentes espaços geográficos, considerando distintos estratos sociais nestes espaços, como idade, gênero, classe social, para citar alguns. A Dialetologia Pluridimensional engloba variáveis que são organizadas em dimensões e parâmetros (BERNIERI, 2017, p. 80).

Para que possamos estudar DPR é necessária uma breve reflexão sobre o conceito de dialeto. A palavra "dialeto", que tem origem no grego *diáslektos*, significa - ao falar com o outro - um “modo de falar interindividual”. Qual a diferença entre língua e dialeto? Ambas cumprem a função de comunicação, então, ambas são línguas, pois todo sistema que pode cumprir o papel de comunicar podemos considerar uma língua. O termo dialeto não significa outra coisa senão língua. Segundo Coseriu (1982), dialeto é uma variedade linguística falada por uma comunidade em uma região geográfica específica, que se diferencia de outras variedades da mesma língua em termos de vocabulário, gramática, pronúncia e estilo. Ele destaca que essas diferenças não são aleatórias, mas sim resultantes da história, cultura e tradições da comunidade que fala o dialeto. Coseriu também argumenta que o dialeto é uma forma de manifestação da língua, e que todas as variedades linguísticas têm igual valor e importância, independentemente de sua posição social ou prestígio. Além disso, ele enfatiza que o dialeto não é uma língua inferior ou corrompida, mas sim uma forma de comunicação legítima e efetiva dentro de sua comunidade de falantes. O mesmo conceito de língua também usamos para descrever as línguas de uma família linguística: línguas românicas, línguas germânicas, etc.

Coseriu (1982) lembra ainda que uma língua histórica realiza-se somente por meio de suas variedades e que, portanto, não falamos “o” “espanhol” ou “o” “português”, mas fazemos uso de uma parte específica dessas línguas, isto é, de suas variedades. Língua e dialeto se diferenciam pelo *status* histórico. O dialeto estaria subordinado a outra língua - uma língua histórica - ou ainda um sistema linguístico menor dentro de outro sistema linguístico maior. Uma língua histórica se delimita como tal tendo uma série de dialetos dentro de um sistema comum de língua, sua intercomunicação, os diferentes modos de falar deste mesmo idioma consideramos dialetos. As línguas são tidas como sistemas autônomos no qual os dialetos se apresentam como variações. Como a exemplo, pode-se mencionar as variações das línguas românicas como sendo o italiano, o português, o francês etc., as variações das línguas germânicas que englobam como o alemão, o inglês e assim por diante.

Thun (2017) explica sobre o modelo de linhas com as quais as áreas de expansão de formas linguísticas são inscritas em mapas geolinguísticos e que desde Johann Gottfried August Bielenstein (1892), são chamadas de isoglossas. Coseriu (1982) destaca que o fato é que um dialeto pertence a um sistema de isoglossas (limites geográficos de uso da língua) incluindo

uma língua histórica. Denomina-se dialeto quando delimitado dentro de uma língua histórica; chama-se língua quando se delimita independentemente de sua relação com outros sistemas. A terminologia está relacionada à correlação que se considera em cada caso. O português é uma língua histórica construída não apenas no espaço geográfico deste país, mas também de outros contextos, sobretudo de Portugal.

A dialetologia compreende o estudo da língua, no espaço pluridimensional, da variedade diatópica (diferenças regionais) e das relações interdialetais, registrando limites e usos variáveis, esses limites são graduais, exceto quando coincidem com limites naturais (por exemplo, rios ou cadeias montanhosas). Para descrever a variação no espaço pluridimensional ocorrer é preciso coletar dados comparáveis em cada ponto que provenham do mesmo do estilo e o mesmo nível de língua (exemplo o Atlas que divide as regiões brasileiras e nelas outras sub-regiões). Para Thun (1996, p.31), a aplicação mais recente se realiza a partir da combinação de parâmetros diatópicos com diastráticos e diageracionais. Para Coseriu (1982), a dialetologia estuda a multiplicidade de fala. Para Cardoso (2016), a Dialetologia é um ramo da linguística que se ocupa da identificação e descrição dos diferentes usos de uma determinada língua, considerando a distribuição diatópica, os aspectos socioculturais e a cronologia dos dados.

Os estudos dialetais buscam a identificação, descrição, interpretação e análise de fatos linguísticos documentados na área investigada, referente às diferenças regionais (diatópica) e às diferenças sociais decorrentes da variação por idade (diageracional), de gênero (diassexual) ou de nível sócio-cultural (diastrática), entre outras. A área selecionada define-se por suas características linguísticas, assim como à situação geográfica, história, povoamento, desenvolvimento econômico e sua relação com as demais áreas que serão pesquisadas. Para Silva (2003), a escolha da localidade deve considerar:

A **seleção da área** é feita com base em suporte histórico, geográfico e social que justifique a escolha realizada, reiterando-se a natureza interdisciplinar deste fazer. Escolhem-se as localidades, precisa-se o perfil dos informantes e o método de investigação teoricamente pertinente à pesquisa. O conhecimento então e partir daí auferido permite identificar o grau de antigüidade das localidades, a natureza e a história do seu povoamento, os processos de mudança por que passou – ou está passando – a região, o maior ou menor grau de isolamento da área. Esses cuidados com o espaço geográfico em causa permitirão o necessário traçado da história da região, da sua geografia, da economia e da sociologia, sem que se descure dos estudos linguísticos já existentes sobre a área. (SILVA, 2003, p. 58)

A geolinguística busca apresentar a variação registrada sob forma de mapa ou carta geográfica, conforme apresenta Coseriu (1955 apud SILVA, 2003) distribuídos por pontos espacialmente identificados. Thun (2017) descreve os modelos de linhas com as quais as áreas

de expansão de formas linguísticas são inscritas em mapas geolinguísticos e que, desde Johann Gottfried August Bielenstein (1892), são chamadas de isoglossas.

A geolinguística pluridimensional busca, nesse sentido, além dos dados apresentados normalmente na carta geográfica, distribuídos por pontos espacialmente identificados, agregar, indicadores sociais como idade, gênero e grau de escolaridade. Esse propósito resulta de uma autocrítica desse campo de pesquisa que, segundo seus principais precursores Radtke e Thun (1996) e Thun (1998; 2005; 2009), levou a ampliar o escopo de análise com vistas a desenvolver uma “ciência ampla da variação”.

Segundo Silva (apud Siqueira, Magalhães & Gonçalves, 2014), a sociolinguística, predominantemente, mantém seu foco na diversidade diastrática e fatores sociais nos estudos linguísticos, mantendo o foco em fatores sociais como idade, gênero, classe social:

Para fins de organização de tarefas, tem-se por desejável que os fatos recolhidos de diferenças horizontais, regionais, estariam afeitos à Dialetoлогия, enquanto os verticais, sociais, seriam do interesse da Sociolingüística. Dizendo doutra forma: a Dialetoлогия tem por centro de interesse o estudo das unidades sintópicas e, sobretudo, as diversidades diatópicas, enquanto à Sociolingüística caberia o estudo das unidades sinstráticas e diastráticas, ficando com a estilística as unidades sinfásicas e a diversidade diafásica (SILVA, 2003, apud Siqueira, Magalhães & Gonçalves, 2014, p. 49).

Siqueira, Magalhães e Gonçalves (2014) discutem Silva (2003), analisando a relação entre os traços coincidentes, que podem ser encontrados nas unidades ditas sintópicas (os dialetos, tais como o nordestino, o gaúcho), sinstráticas (os estratos sociais, tipo linguagem culta, popular) e sinfásicas (o estilo de língua: formal, familiar, literário). Nessa relação faz-se necessário observar que cada unidade sintópica (dialeto de uma região) pode conter diferenças diastráticas (socioculturais) e diferenças diafásicas (de estilo); cada unidade diastrática pode conter diferenças diatópicas e diafásicas; cada unidade sinfásica (na linguagem familiar) pode apresentar diferenças diatópicas e diastráticas. Nesse cenário, Coseriu (1982), pontua a necessidade de levar em conta que:

a) a dialetologia é o estudo da configuração espacial das línguas, ou seja, da variedade diatópica e das relações interdialetais, e b) é essencialmente gramática comparada. O primeiro implica que a investigação dialetal deve estabelecer a extensão (as áreas) e, por onde, os limites dos fatos que registrem. O segundo, que tal investigação deve registrar materiais espacialmente comparáveis (COSERIU, 1982, p.36).

A Dialetoлогия prioriza o registro da riqueza linguística de uma determinada localidade, caracterizando, registrando e por que não dizer preservando os diferentes falares brasileiros. A pesquisa dialetológica é mecanismo de registro de acordos e condutas sociais, os quais refletem o cotidiano da linguagem e suas diferentes formas de expressão e uso pertinente a sua localidade

de origem. O compromisso assumido pela dialetologia é o de registrar as diferenças e semelhanças para representar a fala em cada região, tanto no eixo temporal quanto espacial. Conforme Horst, Krug e Wepik (2016) quando realizamos estudos linguísticos de uma determinada região ou grupo, nos confrontamos com questões bastante “indeláveis”.

Precisa-se analisar fatores linguísticos e extralinguísticos, pois acredita-se que tanto o domínio da variedade, quanto em quais dimensões e circunstâncias ela é utilizada vai depender geralmente de fatores como grau de bilinguismo de cada grupo ou até mesmo, de cada indivíduo, do prestígio das variedades em contato e do conhecimento que os indivíduos têm dos temas a serem abordados. Um exemplo bem comum, em se falando de variedades de imigração, é a inexistência de vocabulário específico envolvendo as novas tecnologias. (HORST, KRUG e WEPIK, 2016, p. 160)

A Dialetologia estuda a variação da língua, apesar de inicialmente realizar apenas o registro sem o uso das técnicas atuais, reconhecidas da Sociolinguística. Conforme salienta Busse, Schneiders e Malacarne (2020), a junção da Sociolinguística e da Dialetologia monodimensional na Dialetologia Pluridimensional e Relacional, a qual analisa as variedades linguísticas, os dialetos, as variedades mistas e as variedades em contato, a partir de diferentes dimensões (pluridimensionalidade) promovendo relações entre elas. O desafio deste estudo será aplicar esse princípio da pluridimensional à análise de uma variável sociológica ou sociolinguística, representada aqui pela vitalidade linguística do talian, que se realiza em uma escala de vitalidade, desde a manutenção até a perda da língua de imigração.

3.1 MITOS E PRECONCEITOS LINGUÍSTICOS

O que pensamos sobre o Brasil, a respeito da língua, é que se fala uma única língua. Quando se é brasileiro, o pressuposto comum é que se fala, logicamente, português. Esse senso comum impede que consideremos o conhecimento sobre muitas outras línguas também faladas no Brasil. Esse desconhecimento ou esquecimento colaborou e colabora para que muitas dessas línguas minoritárias sejam de certo modo invisíveis, no cenário linguístico brasileiro.

Para compreendermos a questão é preciso trazer alguns dados: no Brasil de hoje são falados por volta de 215 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 180 línguas (chamadas de autóctones), e as comunidades de descendentes de imigrantes outras 30 línguas (chamadas de línguas alóctones). Some-se a estas ainda as línguas de sinais, com destaque para LIBRAS, língua brasileira de sinais, e para línguas afro-brasileiras ainda usadas nos quase mil quilombos oficialmente reconhecidos no Brasil. Somos, portanto, um país de muitas línguas, plurilíngüe (OLIVEIRA, 2009, p.20).

Conforme Oliveira (2009), durante o período de colonização e pós-colonial, as inúmeras políticas praticadas colaboraram para o apagamento do plurilinguismo no território brasileiro.

O Estado Português e, depois da independência, o Estado Brasileiro, tiveram por política, durante quase toda a história, impor o português como a única língua legítima, considerando-a “companheira do Império” (Fernão de Oliveira, na primeira gramática da língua portuguesa, em 1536). A política lingüística do estado sempre foi a de reduzir o número de línguas, num processo de glotocídio (assassinato de línguas) através de deslocamento lingüístico, isto é, de sua substituição pela língua portuguesa. A história lingüística do Brasil poderia ser contada pela seqüência de políticas lingüísticas homogeneizadoras e repressivas e pelos resultados que alcançaram: somente na primeira metade do século XX, segundo Darcy Ribeiro, 67 línguas indígenas desapareceram no Brasil - mais de uma por ano, portanto (RODRIGUES, 1993, p.23). Das 1.078 línguas faladas no ano de 1500 ficamos com cerca de 180 no ano 2000, (somente 15% do total) e várias destas 180 encontram-se já moribundas, faladas por populações diminutas e com poucas chances de resistir ao avanço da língua dominante. (OLIVEIRA, 2009, p. 20)

Segundo Altenhofen (2004), em áreas urbanas com forte presença do português, seu efeito levou a perdas irreversíveis das línguas de imigrantes e de seu ensino nas escolas criadas. É possível, ainda nos dias de hoje, perceber, nas conversas com moradores das regiões de imigrantes, que, em algum momento, pais e avós deixam de usar a língua da família com os filhos e netos, para evitar desta forma que passem por dificuldades, constrangimento ou ameaças.

Estudar a língua de um povo é um constante aprender a reaprender, pois esta está em constante mudança, uma vez que seus falantes estão permanentemente aprendendo. Para indígenas e imigrantes que mantiveram a língua ao longo de décadas, não foram as leis de nacionalização que os tornaram falantes da língua portuguesa. O processo ocorreu ao longo do tempo com a urbanização, os meios de comunicação populares e a política de ensino, praticada no período Vargas. Portanto, Bagno é um autor relevante para a compreensão desse processo de constante aprendizado e reaprendizado da língua, levando em consideração os aspectos sociais, culturais e históricos que o permeiam.

O Estado Novo (1937-1945), regime ditatorial instaurado por Getúlio Vargas, marca o ponto alto da repressão às línguas alóctones, através do processo que ficou conhecido como “nacionalização do ensino” e que pretendeu selar o destino das línguas de imigração no Brasil, especialmente do alemão e do italiano na região colonial de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Foi nesses dois estados, nos quais a estrutura minifundiária e a colonização homogênea de certas regiões garantiram condições adequadas para a reprodução do alemão e do italiano, especialmente, que a repressão lingüística, através do conceito jurídico de “crime idiomático”, inventado pelo Estado Novo, atingiu sua maior dimensão (OLIVEIRA, 2009, p. 22).

As várias ações do governo, como fechamento de escolas, de associações e de gráficas, prisões de falantes das línguas alóctones, proibindo o uso da língua falada ou escrita, geraram apreensão e insegurança na população. O medo causado por tais medidas fez com que os imigrantes fossem perdendo o uso da forma escrita, e a língua utilizada, apenas oralmente, em regiões rurais afastadas dos grandes centros. As marcas da repressão perpassam gerações,

deixando como consequência o medo e o abandono da identidade linguística dos indivíduos. Assim, com o intuito de proteger e evitar constrangimentos e aborrecimentos, a língua deixa de ser passada às futuras gerações. Conforme Altenhofen (2004), o fato é que se trata de uma questão muito presente na época das guerras mundiais, quando “falar português” era cobrado como “condição para ser brasileiro”.

Conceber uma identidade entre a “língua portuguesa” e a “nação brasileira” sempre foi uma forma de excluir importantes grupos étnicos e lingüísticos da nacionalidade; ou de querer reduzir estes grupos, no mais das vezes à força, ao formato “lusobrasileiro”. Muito mais interessante seria redefinir o conceito de nacionalidade, tornando-o plural e aberto à diversidade: seria mais democrático e culturalmente mais enriquecedor, menos violento e discricionário, e permitiria que conseguíssemos nos relacionar de uma forma mais honesta com a nossa própria história: nem tentando camuflar e maquilar o passado, escondendo os horrores das guerras, dos massacres e da escravidão que nos constituíram, nem vendo a história apenas como uma seqüência de denúncias a serem feitas (OLIVEIRA, 2009, p. 25).

A herança do medo, fez com que as famílias, preocupadas com a educação e o futuro dos filhos, não utilizassem a língua minoritária no cotidiano familiar. Aliado a questões políticas governamentais, alguns mitos sobre certo e errado, prejudicial ou não no ensino de línguas, tornaram a insegurança ainda maior. Questionamentos diversos surgiram nesse cenário negacionista: falar duas línguas atrasa e atrapalha o desenvolvimento dos estudantes? O uso da língua majoritária fica comprometido quando a criança tem outra língua em casa? Para King & Mackey (2007), sempre que ouvimos muito acreditamos e utilizamos para descrever e fazer sentido coisas que vemos à nossa volta.

O fato de os pais imigrantes, no sul do Brasil, serem bilíngues não garantiu aos filhos utilizar uma segunda língua. O medo de falar errado e a vergonha de não saber a forma “correta” de se expressar fazem parte do preconceito linguístico arraigado neste país. Entre os vários tipos de preconceito combatidos diariamente no crescente engajamento da era digital, o preconceito linguístico parece ser o mais forte. Segundo Bagno (1999), este é o maior e o mais sério dos mitos que compõem a mitologia do preconceito linguístico no Brasil.

O preconceito lingüístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua. (BAGNO, 1999, introdução)

Para Altenhofen (2004), falta às línguas de imigrantes e às situações de bilinguismo, presentes em amplas áreas do Brasil, voz e visibilidade para serem incluídas nos diálogos sobre política linguística e ensino de línguas. Desmistificar o que é erro e o que faz parte do processo de aprendizagem pode ajudar pais e professores a desenvolver a diversidade linguística e

cultural brasileira. Para King & Mackey (2009) os pais devem estar muito mais preocupados com a quantidade e a qualidade de *input* que as crianças recebem em cada King e Mackey (2007) argumentam que a dialetologia pode auxiliar na educação de crianças plurilíngues, pois ela ajuda a compreender as variações linguísticas presentes em diferentes dialetos e línguas, reconhecendo a validade de cada uma dessas formas de comunicação.

A dialetologia ajuda a entender as diferenças linguísticas entre diferentes grupos de falantes, o que pode ser especialmente útil em contextos em que as crianças estão expostas a múltiplas línguas e dialetos. Ao compreender a diversidade linguística presente em suas comunidades, as crianças são incentivadas a valorizar suas próprias experiências linguísticas e a se comunicar de forma mais eficaz e inclusiva. Em resumo, a dialetologia pode ajudar a criar um ambiente educacional mais inclusivo e efetivo para crianças plurilíngues, ao reconhecer e valorizar a diversidade linguística presente em suas comunidades.

O Brasil é um grande laboratório para o estudo de contatos linguísticos, contudo não temos um significativo número de estudos realizados nesta área, na mesma proporção em que a pluralidade deste país demanda. Há, nesse sentido, uma grande necessidade de pesquisa e análise para descrever e documentar línguas faladas nas diferentes regiões deste país continental. Além do registro das línguas minoritárias, é necessário proteger e divulgar a pluralidade, como forma de proteção e conhecimento do plurilinguismo brasileiro.

3.2. CONTATO LINGUÍSTICO E IDENTIDADE

O contexto atual para estudo das línguas é complexo. Vivemos um momento em que os limites geográficos e políticos não impedem, ao contrário, geram o contato com as mais diferentes nacionalidades. São multiplicadas as possibilidades para aqueles que estão conectados na rede mundial de computadores ou simplesmente ao conviver na formatação atual da sociedade com o outro. As oportunidades de contato com diferentes culturas e línguas apontam uma miríade de experiências, deixando claro que o monolinguismo é, cada vez mais, uma restrição de povos isolados e não uma regra.

Para compreendermos a questão é preciso trazer alguns dados: no Brasil de hoje são falados por volta de 215 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 180 línguas (chamadas de autóctones), e as comunidades de descendentes de imigrantes outras 30 línguas (chamadas de línguas alóctones). Some-se a estas ainda as línguas de sinais, com destaque para LIBRAS, língua brasileira de sinais, e para línguas afro-brasileiras ainda usadas nos quase mil quilombos oficialmente reconhecidos no Brasil. Somos, portanto, um país de muitas línguas, plurilíngüe. (OLIVEIRA, 2009, p. 20)

O Brasil é, no mínimo, um exemplo interessante para os estudos linguísticos, possui uma multiplicidade cultural e linguística na sua formação, nem sempre explorada, perpetuando a visão de país de uma única língua. Desde sua formação, a história narra o contato entre os povos, sua cultura e língua, mostrando a magnitude da pesquisa sobre o assunto para compreendermos nosso falar. Basta observar uma foto do público em um estádio de futebol, paixão nacional, e será visível a miscelânea das identidades que formam esta nação.

A história do Brasil após a chegada do homem branco é toda uma história de contato linguístico. Ao longo dos mais de cinco séculos depois do descobrimento, no território brasileiro conviveram, comunicaram e se misturaram populações ameríndias, européias, africanas e asiáticas. Se a língua-teto (ou seja, a língua sociolinguisticamente superordenada e de referência) foi o português, essa língua conviveu e ainda convive em lugares e domínios do repertório com muitas outras; e o próprio português do Brasil mudou em grande parte pelas influências de línguas diferentes, pertencentes a famílias muito distantes: a família indo-europeia, além dos pequenos números dos falantes de outras línguas que se fizeram presentes no Brasil desde as primeiras décadas depois do descobrimento, forneceu, a partir da metade do século XIX, milhões de imigrantes, principalmente falantes de alemão (grupo germânico), polonês (grupo eslavo), italiano e espanhol (grupo latino), além da nova onda de imigrantes portugueses. (RASO, MELLO e ALTENHOFEN, 2011, p. 13)

Compreender o intrincado contexto sobre identidade linguística no uso da variável escolhida e sua influência na construção da identidade do falante, trata-se de um elo definitivo para compreender o comportamento do falante diante da escolha das línguas do seu repertório linguístico.

Segundo Pertile (2009), diferentes formas de perceber a realidade linguística estão calcadas em valores com fortes conotações econômicas e ideológicas que fazem com que também países, política e economicamente mais poderosos, imponham aos demais povos e suas línguas. Quando isso ocorre, normalmente, uma das línguas em questão será submetida a outra. Permanecerá em uso a língua de maior valor econômico, político e social. Para Krug e Horst (2015), em uma sociedade, em que as desigualdades sociais são grandes, geralmente fruto do sistema econômico, são muitos os aspectos que impactam a identidade dos membros dessa comunidade, determinando a escolha da língua a ser falada.

O bilinguismo, na região Sul do Brasil, como parte importante da riqueza cultural de nosso país, não costuma ser avaliado com a merecida relevância. Para Margotti (2004), a história do Brasil mostra que, não fosse pela ação do estado e pela omissão dos intelectuais, poderíamos ser hoje um país muito mais plurilíngue. De acordo com Appel e Muysken (1992, p.1), o bilinguismo pode ser definido como individual, quando diz respeito a um só falante, ou societal, quando envolve toda uma comunidade bilíngue. Para a localidade de Riqueza, colonizada no século XIX, a situação de contato linguístico que resulta do processo de

colonização, proporcionando o contato com a fala de imigrantes italianos com o português. Mackey (1972) sugere uma ampliação do conceito de bilinguismo, de modo a incluir o conhecimento passivo de uma língua ou a habilidade de usar uma segunda língua no ambiente de uso nativo dessa língua.

Mesmo com conhecimento empírico sobre a relevância das línguas minoritárias, o usuário e/ou conhecedor de uma variedade linguística de menor prestígio, tem menosprezado, nas últimas décadas, o costume, e a tradição de ensinar aos seus filhos e netos a língua de seus antepassados, colaborando, desta forma, para o apagamento das línguas minoritárias. Roman (2018), expõe que devido ao sentimento negativo em relação às línguas minorizadas, muitas famílias deixam de ensiná-las para seus filhos, pois devido a experiência vivida, aqueles não irão sofrer preconceito ao ingressar na escola.

Krug e Horst (2015) descrevem que a negação da variedade minoritária está ligada à questão de prestígio e estigmatização atribuídas a ela, a partir sobretudo do momento em que o indivíduo começa a frequentar a escola. O sistema de ensino também não colabora com o ensino e preservação das línguas de imigração, uma vez que, privilegia as línguas de maior prestígio social, como inglês e espanhol. As instituições de ensino não estão aptas para trabalhar com a diversidade linguística em sala de aula, sensivelmente percebida no atual momento vivido, com a chegada dos imigrantes haitianos e venezuelanos, nas escolas do extremo oeste de Santa Catarina. Mesmo sendo muito comum nas pequenas cidades, da Região Sul do Brasil, as famílias utilizavam em seus lares, bem como nas celebrações religiosas e encontros culturais, uma variedade da língua de seus antepassados. Portanto, justifica-se a importância dos estudos linguísticos para conhecimento, resgate e preservação das línguas faladas em território brasileiro.

O monolinguismo é amplamente propagado e defendido politicamente, não aceitando o bilinguismo presente no território brasileiro. Porém, segundo Altenhofen (2013), hoje existem 305 etnias, mais de 330 línguas indígenas e 56 línguas de imigração no território brasileiro. Estes dados revelam que o plurilinguismo tem sido ocultado pela falta de políticas linguísticas no Brasil que promovam e incentivem o plurilinguismo. Uma realidade oculta por interesses políticos ou falta de conhecimento. Conforme Oliveira (2009), a realidade plurilinguística brasileira, tanto no passado, quanto atualmente, é “desconhecida” a partir de óticas ideológicas determinadas, construídas historicamente.

Para compreendermos a questão é preciso trazer alguns dados: no Brasil de hoje são falados por volta de 215 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 180 línguas (chamadas de autóctones), e as comunidades de descendentes de imigrantes outras 30 línguas (chamadas de línguas alóctones). Some-se a estas ainda as línguas

de sinais, com destaque para LIBRAS, língua brasileira de sinais, e para línguas afro-brasileiras ainda usadas nos quase mil quilombos oficialmente reconhecidos no Brasil. Somos, portanto, um país de muitas línguas, plurilíngüe (OLIVEIRA, 2009, p. 2).

Conforme descrevem Krug e Horst (2015), os fatores que influenciam o bilinguismo podem ser: a escolaridade, a classe social, as relações de trabalho, a faixa etária, o gênero, a religião, a política linguística, as atitudes do falante com relação a língua, entre outros. Mackey (1972) também chama a atenção para o caso do bilinguismo receptivo ou passivo, próprio de muitas crianças filhas de imigrantes, que entendem e leem, mas não falam uma determinada língua.

Para Altenhofen e Margotti (2011), o contato linguístico pressupõe algo novo, “língua diferente vinda de fora” chamadas línguas alóctones. Raso, Mello e Altenhofen (2011), descrevem que “todo uso da língua em interação pressupõe um contato linguístico, e que entram em contato são, antes de tudo, modos de falar individuais (idioletos) identificados como variedades linguísticas específicas”.

Os contatos linguísticos, surgem como resultado natural de um movimento de imigração ou de migrações internas, que, via de regra, implica uma transposição de um contexto sociocultural e político a outro, conseqüentemente, uma mudança de status social e político (RASO, MELLO, ALTENHOFEN, 2011, p. 290).

Da mesma forma com que a valoração, o prestígio, de uma língua, depreendido tanto pelo grupo majoritário como pelo minoritário, pode influenciar as atitudes dos falantes em relação a uma língua e às pessoas que a usam. Uma língua majoritária, geralmente, é prestigiada socialmente, possibilitando maior acesso e condições àqueles que dominam, elevado status socioeconômico e poder. A exemplo da discriminação linguística sofrida pelas línguas do imigrante, é a cultura italiana que, após mais de 130 anos da imigração no Brasil, ainda é vista, segundo Zanella (1985), como uma atividade mítica;

Em última análise, somente as pesquisas realizadas por linguistas, podem fazer ressurgir das próprias cinzas da mortalidade linguística, como a fênix mitológica, a cultura, as tradições, os costumes, sobretudo, o dialeto dos descendentes da terra de Dante Alighieri (ZANELLA, 1985, p. 03).

Oliveira (2009) relata também que os imigrantes - chegados principalmente depois de 1850 - e seus descendentes passaram por violenta repressão linguística e cultural. Sem apoio do Estado, a diversidade linguística vem sendo omitida ao longo de décadas de imigração, desde o governo do Marquês de Pombal (1757) e a Era Vargas (1937 - 1945). Proibidos de falar a língua natal como relatam vários imigrantes, como a senhora Sigrid Gdaniets, filha de imigrantes de Riqueza, hoje residente na Alemanha:

Reviraram a casa, mas meu pai já tinha escondido a maior parte do que não queria entregar [...]os livros, que guardou nas caixas de abelhas. Abrindo as gavetas, o delegado ignorou as armas que lá estavam, dentre outras coisas. Os homens não ficaram fechados totalmente e como meu pai levou o violão junto, lá na prisão ele tocava. Por ser o único que falava português, certo dia perguntou: - Mas o que vocês querem com nós aqui? Nós temos nossas famílias, estamos trabalhando[...] Até que no dia 24 de dezembro disseram que podiam ir embora. Meu pai arrumou carona com um caminhão do *Correio*, mas eles tiveram que vir a pé, somente as malas o caminhão carregou. Enquanto isso, em Riqueza foi avisado de que eles estavam livres, então alguns homens montados a cavalo foram ao encontro deles para trazê-los. No dia 24 de dezembro de noite eles chegaram (DI DOMENICO, 2010, p. 71).

O que implica na importância da língua na formação do indivíduo, no contexto da multiculturalidade brasileira, é indispensável aos estudos sobre o contato linguístico para uma análise da diversidade e variação. Identificamos e somos identificados através da linguagem utilizada em nosso cotidiano. Para falar sobre identidade linguística, é essencial compreender a complexidade em torno do uso variável e da sua influência sobre a constituição da identidade. Krug e Horst (2015) esclarecem que a língua não existe por si só e que ela ganha sentido na interação. Os autores descrevem os aspectos relevantes para análise da identidade do indivíduo:

1) a identidade apresenta-se como múltipla e heterogênea; 2) múltiplos também são os condicionadores e traços sociais, linguísticos e étnicos que a constituem; 3) ela é dinâmica, isto é, sofre mudanças e transformações e está em constante construção e desconstrução; 4) por ser dinâmica e múltipla, pode implicar reações negativas e/ou positivas, conforme o contexto e a situação em que se encontra inserido indivíduo/falante; 5) a identidade implica necessariamente diferenças; 6) em virtude disso, se repotencia em contato com outra cultura, principalmente quando ocorre um deslocamento no espaço ou um contato com outro grupo étnico e linguístico; 7) pode assumir um cunho situativo-pragmático e, como tal, atender ao jogo de interesses nas relações sociais, no sentido de explorar vantagens e desvantagens de uma identidade em determinada situação (KRUG, HORST, 2015, p. 180).

Falar sobre bilinguismo e línguas em contato é indispensável na descrição da cultura de um país. Podemos falar de uma identidade cultural como o patrimônio representativo de um povo. Participar de grupos, seja religioso ou de atividades culturais e folclóricas, oferece ao falante a sensação de conforto e pertencimento.

Altenhofen (2013) descreve sobre a relação entre a língua materna e as línguas adquiridas posteriormente, a saber, a língua materna chamamos aquela com a qual as crianças têm o primeiro contato.

De modo geral, pode-se dizer que, mesmo uma conceituação mais ou menos razoável, como a que define língua materna como “a primeira língua aprendida no lar” não significa de modo algum a questão, que se mostra ainda mais complexa do que se pode supor *a priori*. Tal complexidade ultrapassa o plano meramente linguístico, para abranger adicionalmente aspectos de ordem histórica, social, política, educacional e psicológica, como tentaremos mostrar a seguir. (ALTENHOFEN, 2002, p. 142)

De forma inexata trata-se língua materna e/ ou dialeto. Coseriu (2017) esclarece o que comumente causa equívocos ao falarmos sobre língua e dialetos³. Algumas dessas línguas estão presentes apenas no contexto familiar, religioso ou em manifestações culturais. Busse, Schneiders e Malacarne (2020), afirmam que o que entra em contato, além das línguas, são situações políticas, sociais e culturais distintas que caracterizam um novo espaço: o espaço multilingue. É primordial desenvolver estudos para que as variedades presentes no cotidiano de inúmeras cidades brasileiras, especialmente o Sul do Brasil, tenham justa visibilidade. Com a vinda dos imigrantes italianos para o Brasil, a língua deles sofreu a influência de outras com as quais teve contato no território brasileiro.

Uma oposição da língua comum como língua - “dialeto” permite que “língua”, como elo inclusivo ou exclusivo, inclua também “dialeto” e até mesmo diferentes formas de um dialeto (por exemplo, “língua da cidade”, “língua do bairro”, “língua da criança”, “língua da mulher”, etc., no interior do mesmo dialeto) mas não que “dialeto” signifique também “língua”. Ou seja, se “língua” é um sistema, uma estrutura da tradição da fala, então, língua e dialeto designam objetos exatamente do mesmo tipo, pois, um dialeto também é um sistema de signos completo, uma estrutura completa de tradição oral. (COSERIU, 2017, p.11)

Balthazar e Perin Santos (2020) entendem o talian⁴ como uma língua que se forma no Brasil a partir da necessidade de comunicação entre os imigrantes italianos que aqui chegaram, no final do século XIX, falando as mais diversas línguas.

Fatores internos e externos influenciam direta ou indiretamente o uso ou apagamento do bilinguismo. Como exemplo, cita-se a necessidade de interação entre a língua e a cultura do imigrante, seja alemão ou italiano, com o português, além dos elementos constitutivos das línguas em contato em todo território brasileiro. Para Bernieri (2017), dentro dos diferentes aspectos que constituem a identidade de um indivíduo, está(ão) sua(s) língua(s), pois a identidade de um indivíduo tem vínculos com suas línguas e com o sentimento de pertença a determinado grupo humano. Em uma comunidade, estão em contato, diferentes falantes que se influenciam mutuamente. Nesse contexto, é interessante observar a diversidade de elementos sociais, psicológicos e linguísticos que constituem a temática do bilinguismo e as línguas em contato (BERNIERI, 2017).

Um exemplo de situações de contato é, cita-se o uso da língua de imigração que permanece presente no cotidiano das comunidades, mesclando-se com a história das línguas de imigração e o português.

³ Ver em: COSERIU, Eugenio. Língua histórica e Dialeto. Cadernos de tradução. Porto Alegre, n.40, 2017.

⁴ Conforme decreto 7.387/2010, o Talian é reconhecido como língua e Referência Cultural Brasileira pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e passa a fazer parte do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). Vale dizer que nem todos os seus falantes a denominam “Talian”, dentre as diversas nomenclaturas para designar a mesma língua falada aqui no Brasil, podemos encontrar: dialeto vêneto, italiano, vêneto brasileiro, dialeto, dialeto italiano, entre outras.

As situações em que fatores linguísticos podem interferir na história social e cultural desses núcleos de imigração são inúmeras: nas relações da saúde (interação entre médico e paciente), nas relações do comércio (por exemplo, quando um vendedor consegue mais êxito porque fala a língua do cliente), nas relações de âmbito do direito (envolvendo a interação com advogados em disputas judiciais), no turismo (quando a língua aloctone é exótica e atrai quem busca o diferente), nas relações internacionais (plurilingues por natureza), na religião (quando ainda se reza, lê ou fala a língua de imigração no sermão ou no confessionário), nas campanhas políticas (em que a empatia e a autenticidade são fundamentais na conquista e manutenção do eleitorado), na escolarização e na socialização de modo geral (quando a língua inclui ou exclui) (RASO, MELLO E ALTENHOFEN, 2011, p. 38).

Para Ponso (2003), analisar o grau de bilinguismo de um falante é verificar se ele desempenha com perfeição as habilidades de compreensão e expressão entre ambas as línguas. Um grupo situado na mesma localização geográfica, pertencente a uma comunidade, como no caso do talian na cidade de Riqueza, resultado da colonização iniciada em 1930, dando origem ao contato entre imigrantes teuto russos, alemães, italianos e a língua portuguesa, possuem uma identidade cultural da qual a fala, mesmo que não seja a predominante, identifica os indivíduos. Para Thun (1996), Altenhofen (2011) e Horst, Krug e Fornara (2017), as comunidades de imigrantes não foram mantidas isoladas, havendo a necessidade do contato com outras línguas, neste caso, o português, produzindo assim alterações na fala. Coube às famílias decidir ensinar aos filhos suas línguas maternas ou a língua de prestígio, neste caso, o português.

A coexistência de variedades linguísticas ,sejam elas os vários dialetos oriundos de diferentes localidades da Itália, sejam os falares de outras etnias aqui estabelecidas antes da imigração italiana, estabeleceu uma situação de mescla que exigiu dos grupos de falantes envolvidos uma série de estratégias de comunicação. (PONSO, 2003, p. 33)

Do contato entre os povos indígenas, caboclos e os recém chegados imigrantes europeus, nasce o mosaico da diversidade, vivenciado por moradores e visitantes do sul, que utilizavam diferentes línguas, além do português, língua majoritária, de fácil comprovação, uma vez que os sites das prefeituras, na maioria dos municípios, apresentam na história de colonização os grupos étnicos que formaram a população local. A população regional convive com a dicotomia entre o uso da língua materna e a língua de prestígio⁵. A necessidade sociopolítica e econômica são fatores que influenciaram o plurilinguismo como opção para manutenção e integração linguística.

Segundo o gráfico apresentado no trabalho de Horst, Krug e Fornara (2017), reproduzido abaixo, o percentual de línguas minoritárias faladas nas cidades do Extremo Oeste Catarinense é alto:

⁵ Português, a língua oficial do Brasil.

Figura 07: Variedade de línguas minoritárias no Oeste Catarinense

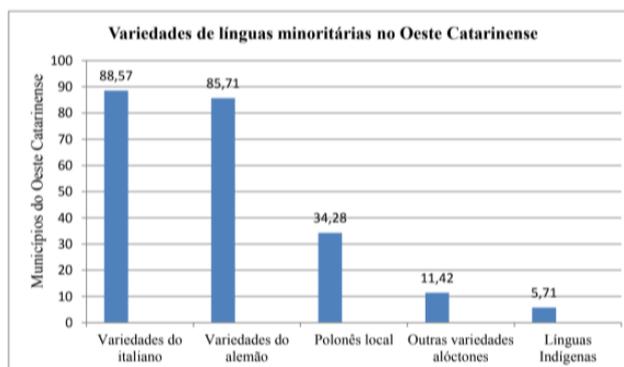


Gráfico 1: Variedades de línguas minoritárias no Oeste Catarinense registradas a partir da análise dos históricos presentes nos sites das 76 prefeituras municipais e no IBGE.

Figura 7: Variedade de línguas minoritárias no Oeste Catarinense

Fonte: Horst, Krug e Fornara (2017)

São significativos os números apresentados pela pesquisa, demonstrando a presença viva das línguas minoritárias, uma vez que esta pesquisa data de 2017. A permanência dos grupos de falantes das línguas minoritárias se deve à manutenção das atividades socioculturais e organizações comunitárias, realizadas por associações culturais, mantidas ou não pelo poder público local. Oliveira (2009) salienta que um dos fatos mais trágicos, entretanto, é que encontramos, na nossa história, muito poucas vezes que se opuseram ao esmagador processo de homogeneização, mesmo entre os intelectuais brasileiros. Para que se possa compreender a manutenção ou a substituição das línguas minoritárias, cabe um estudo detalhado da comunidade a que pertence.

3.2.1 Comunidade de fala: Riqueza

Os estudos sociolinguísticos avaliam a estrutura e evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala. As pesquisas analisam as relações cotidianas que permitem aos usuários da língua estabelecer conexões, estreitar laços e criar vínculos. Severo (2008) analisa a noção laboviana de comunidade de fala, que é fundamentada em dois aspectos: nas atitudes dos falantes em relação à língua e nas regras compartilhadas na comunidade de fala. Os referidos estudos sociolinguísticos datam do ano de 1960, quando os linguistas modernos identificaram a correlação entre aspectos linguísticos e as forças sociais e políticas, as quais consideram na comunidade de fala o ponto fundamental da análise ao invés do foco na língua ou dialetos. Para a sociolinguística, a unidade de estudo é a comunidade de fala e não o indivíduo ou a língua. Porém, alguns linguistas divergem em conceituar comunidade de fala, o

que gera dificuldade nas definições de diferentes aspectos: linguístico, cultural, social, sociocultural e psicológico.

Hymes (1972) define comunidade de fala como uma comunidade que compartilha regras para a conduta e interpretação da fala e regras para interpretação de pelo menos uma variedade linguística. O mesmo autor prioriza aspectos sociais em detrimento de linguísticos e, na delimitação do conceito, defende a heterogeneidade da comunidade de fala admitindo que um indivíduo pode participar de diferentes comunidades de fala, o que torna a relação entre indivíduos e comunidade de fala bastante fluida. Para Labov (1972), é na comunidade de fala que a variação e a mudança tomam lugar, considerando, necessariamente, o contexto social, o que implica atribuir à língua uma função comunicativa. Podemos utilizar como exemplo, o grupo que convive na localidade de Riqueza, formado por diferentes etnias e que encontrou no português sua língua de contato e que possui aspectos específicos desta região.

As delimitações conceituais de comunidade de fala recaem sobre o indivíduo que pode escolher, conscientemente, o grupo com o qual se identifica, e pode pertencer a diversas comunidades de fala no decorrer de sua jornada. Hymes (1972) pauta sua teoria no pressuposto da linguística constituída socialmente o que implica uma relação entre ideologia/ cultura e linguagem no que diz respeito a utilização da forma linguística motivada pelo uso social.

Outros estudiosos da língua priorizam aspectos sociais aos linguísticos para delimitar o conceito, como por exemplo, escolaridade, gênero, idade e classe social. Para Labov (1972) “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Labov (1972) prioriza o aspecto da “consciência” do falante ao atuar em sua comunidade de fala, a qual passa a ser observada a partir de três critérios: i) os falantes devem compartilhar traços linguísticos que sejam diferentes de outros grupos; ii) devem ter uma frequência de comunicação alta entre si; iii) devem ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem.

Principais aspectos da teoria de Labov (1972): i) contexto social (sociedade) traduzida pela noção de comunidade de fala; ii) os condicionamentos sociais estilísticos. Considerando as definições apresentadas, é possível relacionar um falante com sua comunidade de fala ao ouvi-lo falar. Para melhor representar, podemos citar, por exemplo, a fala de um morador da Ilha de Santa Catarina, que ao ouvi-lo, sabemos a localidade de origem e o mesmo ocorre quando ouvimos os moradores do Extremo Oeste de Santa Catarina: ouvindo o falante, conseguimos identificar sua identidade social.

Severo (2008) apresenta questionamentos sobre a ideia de homogeneidade, haja visto que os indivíduos não são iguais e que circulam por uma variedade de esferas e grupos sociais. Pesquisas focadas nas redes sociais e nas comunidades de prática estudam em nível micro de análise em contraposição ao nível macro das comunidades de fala, o que favorece reflexões sobre o papel dos indivíduos no processo de variação, mudança e a relação entre identidade, língua e sociedade.

3.2.2 Redes sociais e o ponto de estudo

O núcleo de observação das redes sociais é o falante, o qual pode participar de diferentes redes sociais, tornando uma relação múltipla entre indivíduo e comunidade. Um mesmo falante pode participar em diferentes redes sociais nas quais estabelece relações em diferentes circunstâncias, num processo de relação de identidade. Os sujeitos estão em constante construção de suas identidades, “elas estão sendo constantemente reconstruídas” (RAJAGOPALAN, 2003, p.71). Os comportamentos e ações sociais que nos parecem mais naturais são “apenas o produto de múltiplas aquisições sociais: a personalidade individual é apenas uma variante de uma personalidade social constituída na e pela filiação a uma classe social” (BONNEWITZ, 2001, p.91 *apud* BATTISTI, 2014, p. 81)

Segundo Battisti (2014), consideradas como teias de laços que se estendem, potencialmente, a toda a sociedade, as redes apresentam diferenças em sua configuração estrutural em duas dimensões, a da densidade e a da plexidade. A densidade (estrutura da rede) refere-se aos contatos dos indivíduos: quanto maior o número de pessoas em rede que se conhecem, maior sua densidade. Já a plexidade (conteúdo da rede) corresponde à multiplicidade de conexões dos membros. Por exemplo, pode haver membros que sejam vizinhos (rede uniplexa), e também colegas de escola (rede multiplexa).

Segundo Battisti (2014), grupos menores de falantes têm grande relevância na variação dialetal. A convivência, as atividades cotidianas, as relações estabelecidas e os vínculos são determinantes na formação do indivíduo. Através de suas relações, o indivíduo é moldado e desenvolve identidade desenvolvida. Na análise de Battisti (2014), pela socialização, adquirimos tendências a agir, a nos comportarmos e pensarmos de muitas formas, mas não ficamos fadados a isso. Porém continuamos, ao longo de sua vida, estabelecendo novas redes, assim reconstruindo nossa identidade. Quando o indivíduo tem maior intimidade, isso resulta em maior interação, ampliando a influência no comportamento em relação à fala.

Embora possam relacionar-se localmente com mais intensidade, segundo Battisti (2014), conhecendo quase todos os membros de uma comunidade e esses conhecendo-se também, os indivíduos movimentam-se, engajam-se em diferentes empreendimentos e em diversas comunidades, nas quais processos simbólicos representativos e relações identitárias diversas têm lugar. Há ligação entre redes e práticas sociais na variação e mudança linguística.

3.2.3 Comunidades de prática: “*Vivere e Cantare*”

Alguns estudos e diferentes análises pautados na pesquisa laboviana, descrevem níveis mais restritos para comunidade, quando o sujeito é o objeto da análise. Desta forma, a delimitação dos estudos elencado nos indivíduos e as relações estabelecidas. As relações entre os membros da comunidade de fala não necessariamente envolvem conhecimento estreito entre os indivíduos que a compõem, no entanto, nas redes sociais certamente que sim, uma vez que estão conectados por diferentes graus de vínculos e relações. Para a comunidade prática, o engajamento entre os indivíduos é norteado por algo em comum. Compartilham práticas culturais distintas, refletindo na troca linguística. Podemos dizer que, nos grupos de comunidade de prática, compartilha-se um mesmo objetivo e possui-se um contato regular. Os falantes compartilham hábitos e valores bem como tarefas e atividades em comum. Um indivíduo pode escolher fazer parte ou não da comunidade de prática conforme seus interesses.

Na comunidade de prática, os indivíduos fazem parte de diferentes redes de locais com maior ou menor atuação, bem como participam também de diferentes comunidades de práticas para, desta forma, atender as necessidades, os interesses e as relações. Como exemplo, podemos citar grupo de religiosas, caminhoneiros, praticantes de uma modalidade de esporte, pescadores, surfistas, professoras, alunos do mestrado de Linguística, grupo de cultura italiana “*Vivere e Cantare*”. Crenças, valores e significados abordados através de fatores linguísticos serão incorporados ou provocam mudança decorrente da interação entre os membros do grupo. A formação do grupo de prática não está caracterizado no gênero ou, classe social, mas na prática e no uso da língua (para exemplificar, podemos citar um grupo de músicas italianas).

Para Eckert and McConnell-Ginet (1992), a comunidade de prática é diferente de uma construção social da noção tradicional de comunidade, principalmente porque é definida simultaneamente por seus membros e pela prática na qual estão engajados. Assim podemos descrever o Grupo de Cultura Italiana da localidade de Riqueza como uma comunidade de prática: encontramos indivíduos de diferentes classes sociais, profissões, sexo e idade conectados pela cultura e nas canções do repertório talian, semanalmente ensaiadas.

Communities of practice may be large or small, intensive or diffuse; they are born and they die, they may persist through many changes of membership, and they may be closely articulated with other communities. Individuals participate in multiple communities of practice, and individual identity is based in the multiplicity of this participation. Rather than seeing the *individual as some disconnected entity floating around in social space, or as a location in a network, or as a member of a particular group or set of groups, or as a bundle of social characteristics, we need to focus on communities of practice. Such a focus allows us to see the individual as an actor articulating a range of forms of participation in multiple communities of practice* (ECKERT, McCONNELL-GINET, 1992)⁶.

A comunidade de prática é onde se encontram pessoas e os objetivos, e na interação, os indivíduos fazem uso da língua em diferentes práticas lhes oferecendo diferentes variações da língua (fala). O engajamento por um mesmo ideal motiva os indivíduos na manutenção e continuidade da comunidade de prática. Para Wardhaugh (2002, p.18), a conexão social que resulta das escolhas linguísticas que você faz, pode depender da quantidade de certas características linguísticas, da mesma forma de suas qualidades. Desta forma, os membros são externos, porém, as demandas das práticas são internamente solicitadas aos participantes, construindo através do grupo a identidade social.

Segundo Eckert (2006), os participantes de uma comunidade de prática colaboram para se colocarem como um grupo em relação ao mundo ao seu redor. Serem identificados e reconhecidos por suas atividades desenvolvidas. A grande maioria dos grupos que representam uma comunidade de prática fazem questão de ter também uma identidade visual, uniformes, cores e símbolos que os distinguem. O reconhecimento é parte da conquista.

⁶ As comunidades de prática podem ser grandes ou pequenas, intensas ou difusas; elas nascem e morrem, elas podem persistir através de muitas mudanças de membros, e eles podem ser articuladas próximas com outras comunidades. Os indivíduos participam de múltiplas comunidades de prática, e a identidade individual baseia-se na multiplicidade dessa participação. Em vez de vermos o indivíduo como uma entidade desconectada flutuando no espaço social, ou como um local em uma rede, ou como membro de um determinado grupo ou conjunto de grupos, ou como um conjunto de características sociais, precisamos nos concentrar em comunidades de prática. Tal foco nos permite ver o indivíduo como um ator articulando uma gama de formas de participação em múltiplas comunidades de prática - *tradução nossa*.

4.VITALIDADE LINGUÍSTICA

Mother tongue, what is yours?

“Because every last word means another lost world...”

(AUSTIN, 2003 apud FRANCHETTO, 2005)

Você sabe qual é sua língua materna? Essa pergunta soa um tanto peculiar, se alguém considera que a língua materna dos brasileiros é “português”. O que dizer, entretanto, das populações falantes de línguas minoritárias? Há uma série de falares em um país de múltiplas características, que basta uma visita a um estado diferente ou ainda no próprio estado, para constatar as dificuldades em ser ou não ser compreendido. Segundo a UNESCO (2003), a diversidade linguística é essencial para a herança da humanidade. Cada língua incorpora a sabedoria cultural única de um povo. Perceber a importância da língua que falamos é primordial para mantê-la viva e protegida. Skutnabb-Kangas (2019) destaca que o destino das línguas é de grande e crescente importância.

Para Hickey (2010), o perigo do desaparecimento de uma língua sempre anda de mãos dadas com o contato de uma ou mais línguas majoritárias, as quais ameaçam a existência da língua minoritária e até mesmo o seu desaparecimento. Línguas e culturas do mundo todo vêm convivendo com a frequente ameaça do desaparecimento, alertando que a perda de qualquer língua é, portanto, uma perda para toda a humanidade.

A extinção de qualquer língua resulta na perda irrecuperável de um conhecimento cultural, histórico e ecológico único. Cada língua é uma expressão única da experiência humana do mundo. Assim, o conhecimento de qualquer linguagem pode ser a chave para responder a questões fundamentais no futuro (UNESCO, 2003, p. 2)

Falantes de línguas em risco de extinção podem experimentar a perda de sua língua como a perda de sua identidade étnica e cultural original (BERNARD, 1992; HALE, 1998 *apud* UNESCO 2003). Segundo Franchetto (2005), a perda linguística significa a impossibilidade de reconstruir a pré-história linguística de um povo, ou de determinar a natureza, o alcance e os limites das possibilidades da linguagem humana, seja em termos de estrutura, seja em termos de comportamento comunicativo, expressão e criatividade poética, ontologia e perspectivas cosmológicas.

Proteger a língua de um povo, muito mais do que guardar um registro da riqueza intelectual da humanidade, é proteger a riqueza inserida nas entranhas da sociedade com séculos de histórias, costumes e tradições. Assegurar que o registro e preservação do DNA linguístico, o código genético da sociedade em que vivemos, para assim evitar que toda sua hereditariedade seja diluída na imensidão global, com a fluidez da vida moderna. Hickey (2010) descreve que

o contato linguístico induz à mudança. A intensidade da mudança, segundo o autor, poderá variar no desenvolvimento da língua, assim como o período, intensidade e ambiente, fatores que devem ser cuidadosamente considerados.

Nosso cotidiano transita pela linguagem, que carrega a identidade nacional, cultural, religiosa do usuário de qualquer língua. A linguagem constitui uma das dimensões fundamentais do ser humano. Segundo dados da Unesco, estima-se que dentro de apenas algumas gerações, mais da metade das 7.000 línguas faladas no mundo enfrentarão a extinção, porque não estão representadas por governos, ou pela educação ou pela mídia. Por esta razão, as Nações Unidas declararam em 2008 o Ano Internacional das Línguas, a ser lançado pela UNESCO em 21 de fevereiro, Dia Internacional da Língua Materna.

Segundo Franchetto (2005, p. 187), está ameaçada uma língua que, em poucas gerações, não será mais falada por ninguém. Como descreve a autora, na Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, seria melhor dizer que a condição de estar em perigo caracteriza um *continuum do salvo/seguro* ao quase extinto. Surge um alerta de perigo quando a língua é utilizada apenas em alguns momentos festivos e em celebrações, ou quando, percebemos que somente a geração dos avós sabe falar, o risco de desaparecer é grande.

Maffi e Krauss (2001 *apud* UNESCO, 2003), usam o conceito de “diversidade biocultural”, para designar uma conexão em si mesma significativa, porque sugere que a diversidade da vida é composta pela diversidade na natureza, na cultura e na linguagem. Ao mesmo tempo, foi introduzido o termo **logosfera** para descrever a *web* que liga as línguas do mundo (análogo à biosfera, a *web* que liga os ecossistemas do mundo). Uma língua que desaparece, geralmente, leva consigo um conjunto de conhecimentos sobre o ambiente, sobre a cultura material e sobre estruturas cognitivas refletidas nas estratégias comunicativas das línguas (NETTLE e ROMAINE, 2000, *apud* RASO, MELLO e ALTENHOFEN, 2011 p. 21). Seguindo o mesmo raciocínio dos autores, perder uma língua significa a perda de conhecimento sobre a humanidade.

Outro sinal de perigo é quando não há registros dessa língua, tornando a sua revitalização quase impossível. O texto *Language Vitality and Endangerment* (UNESCO, 2003) é neste contexto, um documento que descreve parâmetros, indicativos para o risco de perdermos parte do legado mais valioso da língua constituído por gerações de falantes. A Unesco adverte que, aumentar a consciência sobre a perda e a diversidade linguística é um dos papéis contemporâneos significativos que inclui o uso dessas linguagens na vida cotidiana, comércio, educação, escrita, artes e/ ou mídia. Trata-se de uma tarefa que não poderá ser realizada por alguns poucos indivíduos da comunidade de fala sem que haja o devido apoio

econômico e político das comunidades locais e dos governos nacionais, necessário para concretizar tais ações. Conforme o professor Cléo Altenhofen⁷, durante a aula de Plurilinguismo e contato linguístico, para sobreviver, a língua necessita ser utilizada, e para tal, é impreterível que tenha sentido, que pertença ao cotidiano da comunidade de fala.

É na comunidade de fala, que alguns falantes de línguas ameaçadas de extinção passam a considerar sua própria língua como sendo atrasada e impraticável. Seja por razões culturais, educacionais, religiosas, econômicas ou internamente por atitude negativa com relação à própria língua, a exemplo dos povos indígenas, conforme Machado (2013).⁸ O estudo relata a realidade vivida por povos indígenas da Aldeia Bororó, na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul. Impelidos por um cotidiano da vida urbana os indígenas da aldeia Bororó vivem divididos entre os costumes de seus ancestrais e a necessidade pungente de adaptar-se à vida da cidade, aprender o idioma *Standard* da nação brasileira ou manter-se isolado sem acesso aos parques direitos oferecidos por uma política estadista discriminatória. Governos e instituições têm políticas explícitas e ou atitudes implícitas em relação às línguas dominantes e subordinadas (glotocídio). Conforme Franchetto (2005), as possíveis causas da “morte” de uma língua englobam o seguinte:

Quais seriam as ameaças primordiais? Entre as várias que podem ser arroladas, duas são constantemente apresentadas: o número diminuto de falantes e as condições sociais, políticas e econômicas. O primeiro pressuposto é, em geral, válido, mas há exceções que não podem ser ignoradas, como é o caso dos grupos indígenas amazônicos, em sua maioria muito pequenos, e entre os quais se encontram exemplos surpreendentes de manutenção lingüística, apesar de sofrerem, todos, basicamente, as mesmas condições políticas e sócio-econômicas. Seria interessante saber as razões ou os prováveis determinantes de tais exceções à regra do declínio, seguido pela extinção. Bobaljik e Pensalfini reduzem o critério de definição ao seguinte: as línguas estão em perigo somente quando seus falantes são submetidos a uma pressão extensiva para a assimilação ou conformidade à população sociolingüística dominante (FRANCHETTO, 2005, p. 187).

Outras possibilidades para manter ou preservar a língua são as práticas culturais nas comunidades, referentes a contextos institucionais como creches, escolas ou, de outro lado, classes escolares em que suas línguas sejam faladas exclusivamente. Como forma de preservar a língua, o processo de documentação ajuda a pessoa-recurso da língua a reativar o conhecimento linguístico e cultural. As comunidades devem pedir apoio para proteger suas

⁷Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Programa de Pós-Graduação em Letras Linha de Pesquisa: Sociolinguística Semestre 2020-2. Disciplina PPG-Letras / UFRGS: PLURILINGUISMO E CONTATOS LINGÜÍSTICOS. Docente: Prof. Dr. Cléo V. Altenhofen. PERÍODO: 09/02 a 25/05/2021

⁸ MACHADO, João et al. Bialfabetização e letramento com adultos em guarani/português: é possível?: um estudo etnográfico e valorização do Tetã Guarani. 2013.

línguas ameaçadas, enquanto que os especialistas em línguas devem disponibilizar suas habilidades e trabalhar com essas minorias etnolinguísticas. O que podemos perceber previamente é que, ao final, são os falantes nativos, e não os novos usuários, que mantêm ou abandonam as línguas de um grupo ou de um povo.

Faz parte da formação das mais diferentes nações, a migração e imigração diferentes grupos sociais, por diferentes motivos e origens. Os contatos linguísticos surgem, nesse cenário de mobilidade no espaço como uma consequência natural, ocasionando mudanças na língua de origem e resultando em novas configurações linguísticas. O ciclo das mudanças é contínuo, geralmente provocado por questões políticas e econômicas. Membros da cultura dominante moldam o ambiente ideológico, propagando um sistema de valores em que sua própria língua é vista como um ativo positivo e considerada um símbolo unificador para a região ou estado (UNESCO, 2003). É o que resalta Hickey (2013):

Movimentos de subgrupos desta família em novas localizações geográficas. Cenários de mudança atualmente assumem os mesmos princípios de contato aplicados, podemos postular a influência de grupos anteriores em grupos posteriores se a população (grupo de indivíduos) tem o tamanho suficiente para influenciar a mudança da língua. A substituição/ troca poderá ser parcial ou completa. Olhando para história recente podemos ver as línguas anglófonas (grupo de nações da língua inglesa) de que a transferência/ mudança nem sempre deixa traços consideráveis da língua de origem como para os nativos Americanos não afetou de forma geral no Canadá ou nos Estados Unidos (HICKEY, 2013, p. 151, tradução nossa).

O contínuo movimento faz parte da ordem natural do ciclo de vida, não necessariamente até a morte, mas, para uma mudança que naturalmente ocorre, seja na renovação inevitável, ou na transformação como indivíduos. Qual será nossa língua no futuro? Segundo Raso, Mello e Altenhofen (2011), a fluidez das comunicações, as mudanças na sociedade aceleram o processo de apagamento das línguas com menor influência política e econômica,

Em um mundo globalizado, os contatos são cada vez mais frequentes e menos dependentes da presença física, o que gera uma competição cada vez maior entre as línguas e, conseqüentemente, um risco de perda de prestígio e até de morte de um número cada vez maior de línguas. Neste cenário, as tentativas de procrastinar situações linguísticas futuras tendem a ser dramáticas, com uma grande diminuição de línguas e uma progressiva ocupação de espaço pelas línguas que prevalecem (ROSA, MELLO e ALTENHOFEN, 2011, p. 20).

A riqueza de uma língua está conectada diretamente aos seus usuários e à relação estabelecida. Quando o falante demonstra vínculo com a língua falada, de forma positiva, as chances de continuidade no uso da língua são maiores. Quando o contrário acontece, e o indivíduo percebe desconforto no uso da língua minoritária, poderá levar à substituição, o que torna deveras importante o relacionamento dos usuários da língua com relação ao próprio grupo. Geralmente, os indivíduos engajados nas atividades culturais têm orgulho de sua herança

linguístico cultural e são os mais dedicados à tarefa de transmitir a língua às futuras gerações.

A conectividade do mundo globalizado permitiu à humanidade a difusão de algumas línguas, porém, a língua de pequenos grupos ou chamadas línguas minoritárias, as quais não possuem significativa representatividade política e econômica, não desfrutam do mesmo privilégio, ao contrário, muitas já foram extintas e outras incontáveis estão no processo de apagamento. Para Skutnabb-Kangas (2019), os processos de diminuição da diversidade linguística e cultural do mundo são sintomáticos de uma ideologia de reducionismo monolíngue, que resulta de diversos mitos.

A participação de governos, ONGs, linguistas e a cooperação dos grupos minoritários são indispensáveis para combater a iminente extinção de línguas ameaçadas. Há uma urgência para a documentação linguística, e a criação de políticas e equipamentos que assegurem a vitalidade das línguas ameaçadas de extinção.

Segundo dados da Unesco (2003), mesmo línguas com muitos milhares de falantes não estão mais sendo adquiridas por crianças; pelo menos 50% das mais de 6.000 línguas do mundo estão perdendo falantes. A estimativa mundial é de que 90% das línguas serão substituídas por línguas dominantes até o final deste século. Esse movimento tem influência tanto internas quanto externas e, neste caso, interrompem a transmissão intergeracional das tradições linguísticas e culturais. Raso, Mello e Altenhofen (2011) salientam que este novo fato na história recente da humanidade coloca a questão sobre o destino de tantas línguas, não mais vistas somente como um obstáculo à comunicação e à unificação social, mas também como um patrimônio cultural imaterial. Para que possamos avaliar o grau de risco que se encontra uma língua, a Unesco (2003) estabelece critérios para uma análise do risco de extinção conforme os parâmetros apresentados no infográfico a seguir:

Figura 08: Unesco 2003 - Parâmetros de análise da vitalidade linguística

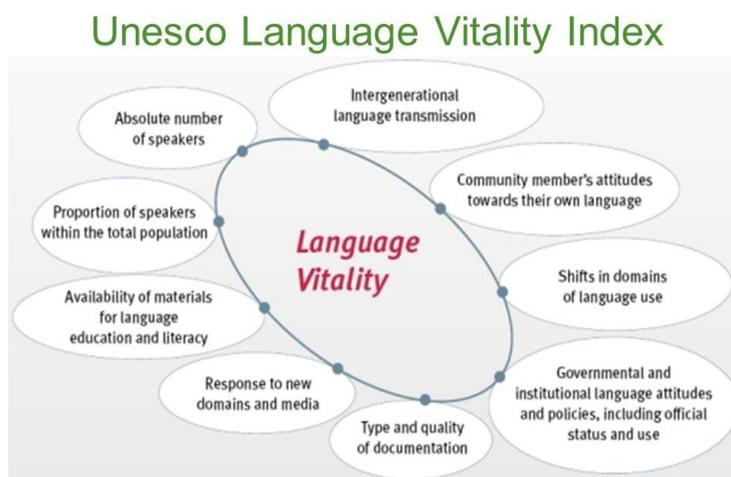


Figura 8: Unesco 2003 - Parâmetros de análise da vitalidade linguística

Fonte: <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/endangered-languages/language-vitality>

Parâmetro 1 – Transmissão intergeracional⁹: esse fator verifica quem ainda fala a língua, se está sendo transmitida para novas gerações;

Parâmetro 2 – Número absoluto de falantes¹⁰: para além de um mero quantitativo total, cabe perguntar quem são exatamente os falantes da língua, se as gerações jovens, futuras transmissoras da língua, também fazem uso efetivo da língua;

Parâmetro 3 – Proporção de falantes na população total da comunidade¹¹: o grau de vitalidade é refletido pelos números de falantes e a presença desta língua em relação ao total da população, se a língua em foco circula no comércio, na igreja, na escola, nos encontros festivos, em ambientes públicos, programas de rádio, entre outros contextos de uso;

Parâmetro 4 – Competência na língua em risco (isto é, a capacidade comunicativa dos indivíduos)¹²: tanto no que se refere à oralidade quanto à escrita, fator que auxilia e é determinante para a sua transmissão às próximas gerações;

Parâmetro 5 – O uso da língua no que se refere à circulação em mídias¹³: rádios, TVs, programas específicos da língua, jornais, entre outros. Todos esses fatores são significativos para identificar a presença e a vitalidade de uma língua minoritária e também pensar em ações de salvaguardar uma língua em que pode estar em situação de risco;

Parâmetro 6 – Produção de materiais para educação e alfabetização linguística¹⁴: proporcionar a educação na língua mantém, além de estimular a vitalidade linguística, retoma as tradições orais de uma língua minoritária. Esse fator está ligado diretamente às questões sociais e econômicas de uma comunidade linguística.

Parâmetro 7 – Atitudes e políticas institucionais e governamentais de linguagem, incluindo status e uso oficial¹⁵: oficializar uma língua não garante seu uso. Como o governo trata as questões da manutenção da língua na política, encorajando ou mesmo proibindo o uso, tem impacto direto na vitalidade.

Parâmetro 8 – Atitudes dos membros da comunidade em relação à sua própria língua¹⁶:

⁹ Intergenerational Language Transmission (UNESCO 2003, p.7)

¹⁰ Absolute Number of Speakers (UNESCO 2003, p. 8)

¹¹ Proportion of Speakers within the Total Population (UNESCO 2003, p. 9)

¹² Trends in Existing Language Domains (UNESCO 2003, p. 9)

¹³ Response to New Domains and Media (UNESCO 2003, p. 11)

¹⁴ Materials for Language Education and Literacy (UNESCO 2003, p. 12)

¹⁵ Governmental and Institutional Language Attitudes And Policies Including Official Status and Use (UNESCO 2003, p. 13)

¹⁶ Community Members' Attitudes toward their own Language (UNESCO 2003, p. 14)

os membros de uma comunidade de fala não são imparciais com a língua. A valorização da língua por parte dos membros tem relação direta com questões econômicas e a dinâmica da sociedade, tanto de forma positiva quanto negativa.

Parâmetro 9 – Quantidade e qualidade da documentação (escala)¹⁷: registros de áudio, registro escrito, vídeo, traduzidos e legendados com a fala natural. São registros que auxiliam a comunidade e linguistas na pesquisa e estudo da língua.

Segundo o texto da UNESCO (2003), atribui-se uma escala de 0 a 5 para determinar a vitalidade linguística, ou o grau de risco em que a língua se encontra. Essa escala classifica-se da seguinte maneira:

- 5- seguro: a língua é falada por todas as gerações; a língua está protegida;
- 4- inseguro: a maioria dos falantes usa a língua, as crianças não estão aprendendo a falar a língua, o que fará uma quebra na transmissão das futuras gerações;
- 3- definitivamente em perigo: a língua já não é repassada como língua materna em casa;
- 2- severamente ameaçada de extinção: apenas a geração mais velha fala a língua;
- 1- criticamente em perigo: a língua não é usada mais na interação dia a dia. Além disso, os mais velhos se lembram de usar a língua;
- 0- extinto: não há mais ninguém que fale a língua.

Para que a análise possa ter validade, esses fatores não devem ser considerados individualmente. A pontuação elevada de um único fator poderá não ser determinante para que a língua esteja em situação segura ou em risco. O grande desafio é mensurar com critérios objetivos e devidamente aplicáveis o grau a ser atribuído a cada um dos fatores identificados.

4.1 A TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DA LÍNGUA MINORITÁRIA

Preservar a diversidade linguística é essencial para assegurar o direito das futuras gerações o acesso ao conhecimento historicamente construído. A perda de qualquer língua é significativa para toda a humanidade, pois se perde conjuntamente toda a riqueza cultural e historicamente o saber acumulado que se vincula a ela. Muitas das milhares de línguas existentes em nosso planeta estão ameaçadas. A documentação e preservação dessas línguas é vital para a continuidade do estudo e conhecimento, em diversas áreas do saber. É muito importante o apoio político, governamental e das comunidades, para manter vivo e significativo

¹⁷Amount and Quality of Documentation (UNESCO 2003, p. 16)

o papel das línguas ameaçadas. O registro documental poderá ser a única forma de reviver uma língua já extinta. Sendo assim, a manutenção das tradições disseminadas de geração em geração devem ser fortalecidas. Segundo Fishman (1991 *apud* UNESCO, 2003, p. 7), o fator mais comumente usado para avaliar a vitalidade de uma língua é se ela está ou não sendo transmitida de uma geração para a outra. Conforme a tabela a seguir, o demonstrativo de risco segue uma classificação de 5 para um estado muito seguro e, 0, para uma situação de língua extinta, portanto sem falantes;

Tabela 01: A transmissão intergeracional de linguagem minoritária

Grau de Perigo	Classificação	Parcela da população que usa o idioma
Seguro	5	A língua é utilizada por todas as idades, desde as crianças
Inseguro	4	A língua é utilizada por algumas crianças em todos os domínios e ela é usada por todas as crianças em alguns domínios.
definitivamente em risco	3	A língua é utilizada principalmente pela geração dos pais ou mais idosos.
severamente em risco	2	A língua é utilizada principalmente pelos avós e idosos.
criticamente em risco	1	A língua é usada majoritariamente por poucos falantes, e pela geração dos bisavós
Extinta	0	Não têm mais falantes, está extinta a língua.

Tabela 1: A transmissão intergeracional de linguagem minoritária

Fonte: <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/endangered-languages/language-vitality>. Language Vitality and Endangerment. Document submitted to the International Expert Meeting on UNESCO Programme Safeguarding of Endangered Languages Paris, 10–12 March 2003. Traduzido por Zanella, 2023.

Quando a língua materna não é mais repassada às novas gerações, ocorre uma ruptura na transmissão intergeracional (diageracional). Os fatores que influenciam são discutidos por diversos autores, tais como: (ALTENHOFEN, 2004; 2013; HORST, KRUG, 2015; HORST, FORNARA, KRUG, 2017; MARGOTTI, 2004; FRANCHETTO, 2005; PERTILE, 2009). A análise perpassa por questões econômicas e políticas, comportamento do falante em relação à língua falada e a política linguística praticada por entidades político governamentais. Segundo Machado (2013), em sua pesquisa realizada com indígenas Mato Grossenses, a falta de uma política educacional do estado com respaldo dos povos, bi(multi)lingue, valorizando os contextos linguísticos locais, parece-me, carecer de implantação.

4.2 QUESTÃO DE RECENSEAMENTO: NÚMERO ABSOLUTO DE FALANTES

Para a UNESCO (2003), grupos com números restritos de falantes poderão sofrer perdas significativas de usuários, assim como o contato com outras línguas poderá acelerar o processo de desuso da língua minoritária, a exemplo do que ocorre com algumas tribos indígenas. A avaliação, segundo o demonstrativo da tabela a seguir, nos conduz a uma análise com relação à proporção de falantes, para atestar o risco envolvido. Segue uma classificação de 5 para muito seguro (quando a grande maioria na comunidade fala), 0 para situação de extinção da língua (quando ninguém mais fala).

Tabela 02: Questões de recenseamento: número absoluto de falantes

Grau de Perigo	Classificação	Proporção de falantes
Segura	5	Todos falam a língua
Insegura	4	Quase todos falam a língua
Definitivamente em risco	3	A maioria fala a língua
Severamente em risco	2	A minoria fala a língua
Criticamente em risco	1	Bem poucas pessoas falam a língua
Extinta	0	Ninguém fala a língua

Tabela 2: Questões de recenseamento: número absoluto de falantes

Fonte: <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/endangered-languages/language-vitality>. Language Vitality and Endangerment. Document submitted to the International Expert Meeting on UNESCO Programme Safeguarding of Endangered Languages Paris, 10–12 March 2003. Traduzido por Zanella, 2023.

Grande parte da diversidade linguística do planeta encontra-se atualmente aos cuidados de uma minoria dos povos. Segundo o documento que nos serve de base, Language Vitality and Endangerment, Unesco (2003), aproximadamente 97% das pessoas no mundo falam cerca de 4% das línguas do mundo, ou, inversamente, 96% das mais de 6.000 línguas do mundo são faladas por apenas 3% da população do planeta.

É impossível fornecer uma interpretação válida de números absolutos, mas uma comunidade de fala pequena está sempre em risco. Uma pequena população é muito mais vulnerável à dizimação (por exemplo, por doenças, guerras ou desastres naturais) do que uma população maior. Um pequeno grupo linguístico também pode se fundir

com um grupo vizinho, perdendo sua própria língua e cultura. (UNESCO., 2003, p. 8. Tradução nossa)¹⁸

Na classificação 5, sobre o número absoluto de falantes, a língua está segura quando todos a falam. Na classificação 4, quase todos falam, sendo que a língua se encontra em situação insegura. O risco aumenta, na classificação 3, quando a maioria das pessoas falam a mesma língua, diagnosticada como definitivamente em risco. O perigo de extinção aumenta quando se atinge a classificação 2, é quando uma minoria fala a língua na comunidade. Nesta classificação, a língua se encontra severamente em risco. Na classificação 1, bem poucas pessoas falam, assim a língua está criticamente em risco. O último estágio é a extinção, quando se refere à classificação 0, ou seja, ninguém mais fala a língua.

Língua, identidade e cultura são submetidos aos valores comerciais, o monolinguismo ou plurilinguismo com *status* de poder e os falantes escolhem a língua de maior prestígio. São os falantes e suas atitudes positivas ou não em relação à língua que estimulam a sua manutenção, podendo assumir inclusive um significado simbólico central da identidade coletiva (UNESCO, 2003).

4.3 PROPORÇÃO DE FALANTES EM RELAÇÃO À POPULAÇÃO TOTAL

O número de falantes na população é importante para garantir a vitalidade da língua. Grupos religiosos, de cultura, de danças, de canto, são formas de identificação daqueles que falam. A língua está segura quando todos falam, classificação 5. Quando quase todos falam a classificação passa para inseguro 4, ou seja, não há estabilidade no uso da língua. A língua, nesse quesito, encontra-se definitivamente ameaçada de extinção, quando, a classificação 3, a maioria fala a língua, que não é de uso comum. Classificação 2, severamente em risco de extinção, uma minoria fala a língua, poucos adultos e idosos utilizam o conhecimento. Poucas pessoas falam a língua, classificação 1, criticamente em risco de extinção. A língua está extinta quando ninguém mais fala, classificação 0. Busse e Sella (2012) descrevem a sobrevivência da língua em grupos que se identificam.

¹⁸ It is impossible to provide a valid interpretation of absolute numbers, but a small speech community is always at risk. A small population is much more vulnerable to decimation (e.g. by disease, warfare, or natural disaster) than a larger one. A small language group may also merge with a neighboring group, losing its own language and culture.

A observação acima autoriza a seguinte conclusão: sobreviverão nas línguas, as formas pertencentes ao grupo mais forte, identificadas pela comunidade como prestigiosas. No contexto da região Oeste, podemos observar a formação, desde a década de 1960, de ilhas linguísticas, com a presença de colonos sulistas, descendentes de imigrantes europeus (alemães e italianos), e uma área periférica, em que se concentraram grupos advindos de diferentes regiões do Paraná, do sudeste e nordeste do Brasil. Segundo dados registrados em estudos e atlas linguísticos, os traços da fala sulista prevalecem em áreas onde se concentraram os grupos étnicos (AGUILERA, 1994; MERCER, 1993; KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002). Estudos mais recentes (BUSSE, 2010) indicam uma redução dessas áreas e processos de mudança linguística em andamento. Passados, portanto, mais de 50 anos da chegada dos colonizadores, os núcleos culturais iniciam um lento e gradual processo de dissolução com a incorporação de falantes, que chegaram às comunidades com os grupos que realizaram o povoamento mais recente, e uma mudança social gerada por fatores de ordem social, cultural e econômica. (BUSSE e SELLA, 2012, p. 83)

As autoras, Busse e Sella (2012), avaliam a sobreposição entre língua e cultura que se realiza, nos contextos multilinguísticos, a partir da convivência entre as formas ou a partir da concorrência e adoção de elementos diferentes.

Tabela 03: Proporção de falantes dentro da população total

Grau de Risco	Classificação	Proporção de falantes dentro do total população de referência
Seguro	5	Todos falam a língua
Inseguro	4	Quase todos falam a língua
Definitivamente ameaçado de extinção	3	A maioria fala a língua
Severamente em risco de extinção	2	Uma minoria fala a língua
Criticamente em risco de extinção	1	Poucas pessoas falam a língua
Extinta	0	Ninguém fala a língua

Tabela 3: Proporção de falantes dentro da população total

Fonte: <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/endangered-languages/language-vitality>. Language Vitality and Endangerment. Document submitted to the International Expert Meeting on UNESCO Programme Safeguarding of Endangered Languages Paris, 10–12 March 2003. Traduzido por Zanella, 2023

4.4 TENDÊNCIAS EM DOMÍNIOS DE LINGUAGEM EXISTENTES

Onde e com quem a língua é utilizada está diretamente ligado à transmissão para as novas gerações. Quando os falantes usam a língua fora do domínio da familiar, no comércio,

na troca de mensagens, em publicações, a língua está sendo. Segundo a UNESCO (2003, p. 9), quando a língua do grupo é utilizada para interação, identidade, pensar e interagir em todos os domínios comunicativos, como em celebrações religiosas e no comércio, ela permanece viva

A coexistência das línguas dominantes e não dominantes resulta em falantes usando cada língua para uma função diferente (diglossia), em que a língua não dominante é usada em contextos informais e domésticos e a língua dominante é usada em contextos oficiais e públicos. Os palestrantes podem considerar a língua dominante como a língua das oportunidades sociais e econômicas. No entanto, os membros mais velhos da comunidade podem continuar a usar apenas sua própria língua minoritária. Observe que o multilinguismo, comum em todo o mundo, não leva necessariamente à perda do idioma (UNESCO, 2003, p.9).

O uso de mais línguas por um determinado grupo étnico, não resulta necessariamente em perda, podem ser parte de vários domínios, como ambientes comerciais, instituições religiosas, grupos culturais. No entanto, quando as famílias já não utilizam a língua minoritária em casa, perdem espaço para a língua dominante, potencializando o risco do abandono da língua de menor prestígio.

Tabela 04: Tendências em domínios de linguagem existentes

Grau de risco	Classificação	Domínios e Funções
uso universal	5	A língua é utilizada em todos os domínios e em todas as funções
paridade multilingue	4	Duas ou mais línguas podem ser usadas na maioria das funções sociais e na maioria das funções
domínios cada vez menores	3	A língua é utilizada no domínio de casa para algumas funções, mas a língua dominante começa a penetrar inclusive no domínio de casa
limitado ou domínios formais	2	A língua é utilizada em domínios sociais limitados para poucas funções.
domínios altamente limitados	1	A língua é usada apenas em um número restrito de domínios e para poucas funções.
extinta	0	a língua não é utilizada em nenhum domínio e para nenhuma função

Tabela 4: Tendências em domínios de linguagem existentes

Fonte: <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/endangered-languages/language-vitality>. Language Vitality and Endangerment. Document submitted to the International Expert Meeting on UNESCO Programme Safeguarding of Endangered Languages Paris, 10–12 March 2003. Traduzido por Zanella, 2023.

O multilinguismo é de fato realidade em diferentes partes do mundo. O uso da língua fica limitado quando se restringe à interação com os avós. Muitos pensam que a língua não é mais falada. Por opção dos falantes, por necessidade socioeconômica, falta de políticas

linguísticas e principalmente, a falta de conhecimento por parte dos falantes, tem gradativamente, ocorrido o apagamento de línguas minoritárias.

4.5 RESPOSTA A NOVOS DOMÍNIOS E MÍDIA

Para que uma língua esteja viva e seja presente no cotidiano de seus falantes é essencial que seja utilizada, lembrada, falada em diferentes domínios e mídias da sociedade e de seus usuários. Como manter a identidade cultural no modelo da sociedade atual? As línguas acompanham o movimento tecnológico de seus falantes? Como é possível manter o constante movimento das redes sociais e a conexão com a língua de nossos antepassados? São algumas perguntas para que possamos ter a dimensão do desafio atual das línguas minoritárias. Programas de rádios, publicações em jornais regionais, postagens nas mídias das redes sociais, são algumas das formas encontradas para manter a língua presente e viva no cotidiano da comunidade de falantes da língua.

O crescente número de usuários da rede mundial de computadores, seja na cidade ou no campo, traz à tona a necessidade de utilizar esta ferramenta para que se possa divulgar e fortalecer as línguas minoritárias. Produzir e divulgar nas novas mídias, material de áudio, vídeo e leitura contribui para a manutenção das línguas ameaçadas. Segundo a UNESCO (2003), escolas, novos ambientes de trabalho, novas mídias, incluindo a mídia de radiodifusão e a internet, geralmente servem apenas para expandir o escopo e o poder da língua dominante às custas das línguas ameaçadas de extinção. O tempo de permanência na mídia e a qualidade da difusão contribuem para atrair o interesse ou dispersar, importante manter a qualidade e a constância na divulgação, atraindo o maior número de usuários, diversificando as atividades para diferentes faixas etárias. Todos os novos domínios, sejam eles de emprego, educação ou mídia, devem ser considerados juntos, ao avaliar a resposta de uma comunidade linguística em perigo, Unesco (2003).

Tabela 05: Resposta a novos domínios e mídias

Grau de risco	Classificação	Novos domínios e mídia aceitam a língua em risco
----------------------	----------------------	---

dinâmica	5	a língua é usada em todos os novos domínios
robusta/ ativa	4	a língua é usada na maioria dos novos domínios
receptiva	3	a língua é usada em muitos domínios
comumente	2	a língua é usada em alguns novos domínios
mínima	1	a língua é usada em apenas poucos novos domínios
inativa	0	a língua não é usada em nenhum novo domínio

Tabela 5: Resposta a novos domínios e mídias

Fonte: <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/endangered-languages/language-vitality>. Language Vitality and Endangerment. Document submitted to the International Expert Meeting on UNESCO Programme Safeguarding of Endangered Languages Paris, 10–12 March 2003. Traduzido por Zanella, 2023.

4.6 SUPORTE LINGUÍSTICO PARA LÍNGUAS E À ALFABETIZAÇÃO

Promover o fortalecimento de uma língua através da educação, sem dúvida é o caminho para manutenção das línguas em risco de extinção. O papel do ensino, segundo Horst e Krug (2020), passa por um planejamento familiar por um trabalho conjunto com a escola.

Por isso, é necessário desconstruir tanto o preconceito linguístico, fruto de educação centrada na crença da necessidade de uma homogeneidade linguística, quanto o mito de que crianças que aprendem mais de uma língua precocemente terão dificuldades na escola. Ademais, os professores que recebem em sua sala de aula alunos que não têm conhecimento de português, necessitam de muita sensibilidade e de uma educação plurilinguística (BROCH, 2014; ALTENHOFEN; BROCH, 2011; KUCHENBECKER, 2019), para que possam aprender a lidar com a situação. Vale lembrar que não necessariamente os professores precisam se tornar proficientes na língua das crianças, mas conhecer e saber lidar com tal situação de plurilinguismo. Também os pais devem estar cientes da responsabilidade e da importância de uma criação plurilíngue e assim, corroborar com a escola. Compreendemos que com os professores e os pais trabalhando juntos sem excluir ou dirimir uma ou outra variedade linguística fará com que a escola se torne mais sensível ao plurilinguismo, que, conseqüentemente, poderá levar a uma política educacional, tanto para línguas minoritárias, quanto de línguas chamadas “modernas” mais justa (HORST e KRUG, 2020, p. 1293-1294).

Defensores do ensino monolíngue justificam sua opção pelo mito de que aprender apenas uma língua é melhor para o desenvolvimento escolar das crianças. Horst e Krug (2020) chamam atenção, contudo, para a realidade bilíngue presente em muitas escolas públicas, as quais recebem crianças oriundas das imigrações recentes, como no caso dos haitianos e venezuelanos, que colocam profissionais da educação diante de uma situação que exige um tratamento diferenciado. Segundo Apple e Muysken (1987), desde 1950, a educação de crianças

de grupos minoritários tem sido discutida mais amplamente do que antes, levando a um interesse crescente em línguas minoritárias. Durante um encontro de especialistas da UNESCO sobre o uso de línguas vernáculas, a principal preocupação foi a educação de línguas no Terceiro Mundo. Na oportunidade uma declaração famosa frequentemente citada no relatório da reunião foi a seguinte: “É inquestionável que o melhor meio para ensinar uma criança é sua língua materna” (UNESCO, 1953, p.11 *apud* APPLE e MUYSKEN,1987, p. 60).

Segundo Horst,Fornara e Krug (2017), não há manutenção, promoção ou revitalização linguística sem que exista a consciência por parte do falante do valor dessa língua e da importância dessa ação. Nessa perspectiva, a implementação de ações de conscientização linguística (*language awarness*) dá-se, de modo geral, através da circulação do conhecimento e das diferentes vozes presentes na comunidade.

Assim como podemos constatar um movimento crescente dos povos de línguas minoritárias na luta por seus direitos linguísticos, também se observa, segundo Skutnabb-Kangas (2019), que meios de comunicação de massa e de educação formal são parte da indústria de conscientização mediante a qual se propaga o conteúdo de ideias hegemônicas dos detentores do poder; ações que promovam a língua minoritária devem ser implementadas para minimamente garantir a presença e manutenção da língua . Um exemplo é a criação de um equipamento da língua, como por exemplo a “Gramática da Língua Westfaliana Brasileira” para essa língua de imigração.

Caros leitores, No dia 26 de maio foi publicada a “Gramática da Língua Westfaliana Brasileira” na Linha Berlim – Westfalia. Por meio da gramática e de uma lei, a Vestfália passou a ter duas línguas oficiais: o português e a língua vestfaliana brasileira. Em todo o mundo você pode ouvir cerca de sete mil línguas faladas, mas ainda nem metade delas são línguas escritas, o que significa que você não pode aprendê-las na escola, você só pode aprendê-las através do contato linguístico. Esperamos que a partir de agora ainda mais pessoas aprendam a língua vestfaliana brasileira nas escolas ou universidades, com a ajuda da gramática, como já é feito com outras línguas/línguas minoritárias. Exemplos são as línguas Talian em Serafina Corrêa/RS e Pomerano em Santa Maria de Jetibá/ES. Outros municípios também devem levar a sério o desenvolvimento e a promoção da cultura linguística, porque vivemos em um país multilíngue e devemos fazer bom uso dela. Até a próxima vez. Tchau!¹⁹ (HORST C., KRUG e HORST A. Jornal Certel, Jun 2022).

¹⁹ Liebe Leserin, lieber Leser, am 26. Mai wurde die „Gramática da Língua Westfaliana Brasileira” in Linha Berlim – Westfalia an die Öffentlichkeit gebracht. Durch die Grammatik und einen Gesetz hat Westfalia jetzt zwei offizielle Sprachen: Portugiesisch und die Brasilianische Westfälische Sprache. In der ganzen Welt kann man ungefähr sieben tausend gesprochene Sprachen hören, aber noch nicht die Hälfte davon ist eine geschriebene Sprache, das heißt, man kann sie nicht in der Schule, sondern nur durch Sprachkontakt lernen. Wir hoffen, dass ab jetzt noch mehr Menschen, mit Hilfe der Grammatik, die Brasilianische Westfälische Sprache in Schulen, oder in Universitäten lernen, so wie es schon mit anderen Sprachen/ Minderheitsprachen gemacht wird. Beispiele sind die Sprachen Talian in Serafina na Corrêa/RS und Pommerisch in Santa Maria de Jetibá/ES. Auch andere Landkreise sollten es ernst nehmen die Sprachkultur zu entwickeln und zu fördern, denn wir wohnen in einem vielsprachigen Land und sollten es gut ausnutzen. Bis zum nächsten Mal. Tschüs!

Ações, como da Gramática da Língua Westfaliana Brasileira (AHLERT, 2021), e da Gramática “*Talian par cei e grandi: gramàtica e stòria*”²⁰ (2021), uma obra coletiva e multidisciplinar, coordenada e editada por: Juvenal Jorge Dal Castel, Loremi Loregian Penkal e João Wianey Tonus. Possibilitam que o ensino possa ser desenvolvido na sociedade em conjunto com as famílias, garantindo ensino de qualidade e a permanência da língua nas comunidades.

Esta obra (no prelo) contempla três seções e a gramática do Talian, contemplada na seção 1, é um grande marco na consolidação e atualização das regras de escrita dessa língua de herança. Na seção 2 do livro está contemplada a literatura do Talian e na 3 há lições aos cei (crianças). A gramática parte das regras que a maioria dos escritores do Talian já utilizavam, bem como retoma e valoriza os acordos que já existiam no tocante à escrita. A história da literatura resulta na gramática porque as regras ali utilizadas não se constituem em mera convenção, mas sim há uma reverência à história da Literatura Taliana e faz um reconhecimento aos seus autores (PENKAL, 2020, p. 4-5)

Os autores Appel e Muysken (1987, p.213) enfatizam que a primeira língua da criança deve ser usada como início, como meio de instrução para garantir que o progresso acadêmico não seja impedido, enquanto a língua majoritária pode ser aprendida como matéria. Os autores descrevem ainda a importância em dar continuidade ao ensino da língua materna nos anos escolares, para que o aprendizado tenha relevância diante da língua majoritária. Para os alunos de língua minoritária, esses programas representam uma valorização da própria língua fora da família, e, para os alunos de língua majoritária, o ensino bilíngue possibilita construir competências relevantes em mais de uma língua.

Tabela 06: Suporte linguístico para línguas e à alfabetização

Classificação	Acessibilidade aos materiais escritos
5	Há uma ortografia estabelecida, tradição de alfabetização com gramáticas, dicionários, textos, literatura e mídia cotidiana. A escrita na língua é usada na administração e na educação.
4	Existem materiais escritos e, na escola, as crianças estão desenvolvendo a alfabetização na língua. A escrita na língua não é usada na administração
3	Existem materiais escritos e as crianças podem ser expostas à forma escrita na escola. A alfabetização não é promovida pela mídia impressa
2	Existem materiais escritos, mas podem ser úteis apenas para alguns membros da comunidade; e para outros, podem ter um significado simbólico. A alfabetização na língua não faz parte do currículo escolar.
1	Uma ortografia prática é conhecida pela comunidade e algum material está

²⁰ *Talian para Crianças e Adultos – Gramática e História* (tradução)

	sendo escrito
0	Não possui ortografia disponível para comunidade

Tabela 6: Suporte linguístico para línguas e à alfabetização

Fonte: <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/endangered-languages/language-vitality>. Language Vitality and Endangerment. Document submitted to the International Expert Meeting on UNESCO Programme Safeguarding of Endangered Languages Paris, 10–12 March 2003. Traduzido por Zanella, 2023.

Em muitas comunidades linguísticas são mantidas as tradições orais e algumas não desejam que a sua língua seja escrita, como algumas tribos cuja oralidade é meio de transmissão do conhecimento. No entanto, em outras comunidades, a alfabetização sua língua “de casa” é uma fonte de orgulho, contribuindo não apenas para a manutenção da língua materna, como também para a escolarização como um todo, considerando que possibilita um autoconhecimento e abertura a novas línguas. Na maioria dos casos, porém, a alfabetização está diretamente ligada ao desenvolvimento social e econômico. Apple e Muysken (1987), argumentam, por outro lado, que a situação linguística é muito complexa e não há recursos suficientes, financeiros e outros, para organizar o ensino de línguas minoritárias para uma variedade de grupos minoritários. Para que se possa dar continuidade ao ensino de língua materna minoritária, são necessários além disso livros e materiais diversos sobre os diferentes tópicos de referência para idades e habilidades linguísticas distintas. Promover a língua materna, portanto, assegura, nesse sentido, o futuro linguístico, identitário e cultural indivíduo em formação

Rosa, Mello e Altenhofen (2011) acentuam que essa preocupação nova na história da humanidade coloca além disso a questão sobre o destino de tantas línguas não mais vistas somente como um obstáculo à comunicação e à unificação social, mas também como um patrimônio cultural imaterial.

Para os alunos de língua minoritária, programas que representam uma valorização da própria língua fora da família, e, para os alunos de língua majoritária, o ensino bilíngue, possibilita construir competências profundas em mais de uma língua. No que tange ao segmento social, os programas favorecem o encontro de dois grupos linguístico-culturais, incluindo também a participação das famílias e comunidades de falantes, nas atividades escolares.

4.7 ATITUDES E POLÍTICAS INSTITUCIONAIS E GOVERNAMENTAIS A FAVOR DO PLURILINGUISMO

A ideologia antiga de unificação da nação através da língua, pautada na fórmula “um povo uma língua”, certamente sempre atuou como uma pedra no caminho de políticas linguísticas bottom up e in vivo, por mais bem intencionadas e fundamentadas que pudessem ser. Tratar o Brasil como país monolíngue tem sido uma escolha política e ideológica fortemente arraigada na construção do país. Pertile (2008) descreve de forma clara a realidade sobre as línguas da pluralidade brasileira.

O Brasil, constitucionalmente amparado em apenas uma língua nacional, o português, é um país dito monolíngue, portanto, tem o monolingüismo como princípio constitucional, significando que todo cidadão brasileiro deve ser alfabetizado em português e fazer uso do mesmo em suas relações oficiais com o Estado. O artigo 13 da Constituição Federal de 1988 explicita em texto constitucional que “a língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”. O idioma nacional tem, portanto, o status de língua oficial. O monolingüismo brasileiro é uma decisão política que tem na língua portuguesa o símbolo da unidade nacional. Essa solução, apesar de sua legitimidade como opção de Estado, construiu-se muitas vezes do mito de “uma língua, uma nação.” Oliveira (2000, p.83) observa que no Brasil há consenso de que “aqui só se fala uma única língua, a língua portuguesa. Ser brasileiro e falar o português (do Brasil) é, nessa concepção, sinônimo.” Se este é um direito e uma verdade constitucional, está longe de ser uma verdade de fato. O povo brasileiro manifesta-se em aproximadamente 200 línguas, sem contar o bidualismo que marca a fala e distingue, em forma de clichês, o tom arrastado do nordestino, o tchê gaúcho, o chiado carioca e outros tantos quantas são as regiões deste país. Ou, conforme Ronan Prigent, filósofo francês, referiu-se durante o “Fórum Internacional da Diversidade Linguística”, ocorrido em Porto Alegre, em julho de 2007 “O português no Brasil é tão variado quanto a cor das pessoas.” (PERTILE, 2008, p. 33)

Respeitar e proteger as línguas implica em diferentes formas de pensar e agir. A partir da mobilização das comunidades de línguas minoritárias ou minorizadas para garantir seus direitos linguísticos, têm contribuído para assentar um marco na proteção contra o glotocídio. O reconhecimento da existência e cooficialização²¹ de 22 línguas em 51 municípios do Brasil, segundo o IPOL²² - por iniciativa das comunidades, representa desse modo um avanço na proteção da pluralidade deste país.

Foi através da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, lançada em Barcelona em junho de 1996, sob os auspícios da Unesco, que novas perspectivas em política linguística dirigidas a minorias vêm sendo estudadas e propostas. No Brasil, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) vem, desde 1997, formulando instrumentos específicos para efetivar, no campo das políticas de patrimônio cultural, a concepção ampla de patrimônio expressa no artigo 216 da Constituição Federal. O

²¹ A cooficialização de línguas diz-se da atribuição do estatuto de língua oficial ao lado de uma ou mais línguas também oficiais por meio de um instrumento legal, como por exemplo, uma lei linguística municipal (OLIVEIRA, 2015).

²² O IPOL – Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística – é uma instituição sem fins lucrativos, de caráter cultural e educacional, fundada em 1999, com sede em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, que representa os interesses da sociedade civil.

decreto 3551, de 4 de agosto de 2000, que institui o “Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial”, abre espaço para o reconhecimento pelo Estado, como patrimônio cultural do Brasil, de bens de caráter processual e dinâmico, como as suas línguas. Em 2005, começam os preparativos para um seminário legislativo sobre a Criação do Livro de Registro das Línguas, a cargo da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, em parceria com o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e com o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL). (PERTILLE, 2008, p. 35)

O *status* de segunda língua não garante o uso efetivo na sociedade. É pertinente, por isso, o esforço para visibilizar essas línguas ditas minoritárias nos públicos tomadores de decisão. O uso da língua no dia a dia da comunidade desperta no falante um sentimento de reconhecimento e respeito. o uso da língua minoritária na identificação de locais públicos e documentos oficiais, bem como em inscrições da paisagem linguística da localidade assumem, desse modo, papel relevante na manutenção e ressignificação da língua em termos de seu status social e político.

Tabela 07: Atitudes e políticas institucionais e governamentais de linguagem

Grau de Suporte	Classificação	
Suporte igualitário	5	Todas as línguas são protegidas
Suporte diferenciado	4	As línguas minoritárias são protegidas principalmente como linguagem dos domínios privados. O uso da linguagem é prestigiado.
Assimilação passiva	3	Não existe nenhuma política explícita para línguas minoritárias; a língua dominante prevalece no domínio público.
Assimilação ativa	2	O governo incentiva a assimilação da língua dominante. Não há proteção às línguas minoritárias.
Assimilação forçada	1	A língua dominante é a única língua oficial, enquanto as línguas não dominantes não são nem reconhecidas nem protegidas.
Proibição	0	As línguas minoritárias são proibidas

Tabela 7: Atitudes e políticas institucionais e governamentais de linguagem

Fonte: <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/endangered-languages/language-vitality>. Language Vitality and Endangerment. Document submitted to the International Expert Meeting on UNESCO Programme Safeguarding of Endangered Languages Paris, 10–12 March 2003. Traduzido por Zanella, 2023.

Para Oliveira (2015) a cooficialização das línguas de migração é de extrema importância por várias razões. Primeiro, ela reconhece e valoriza a diversidade linguística presente em uma determinada região, reconhecendo os direitos linguísticos das comunidades migrantes. Isso

promove a inclusão e a igualdade de oportunidades para os falantes dessas línguas, permitindo que eles se expressem em sua língua materna e tenham acesso a serviços públicos, como saúde, educação e justiça, em sua própria língua. A cooficialização das línguas de migração é fundamental para garantir direitos linguísticos, promover inclusão social, fortalecer identidades culturais e fomentar a diversidade. A figura abaixo apresenta os municípios que cooficializaram o talian .

Tabela 8: Municípios de cooficialização do talian

Talian		
	Serafina Corrêa (RS)	Lei n. 2.615/2009
	Flores da Cunha (RS)	Lei n. 3.180/2015
	Nova Erechim (SC)	Lei n. 1.783/2015
	Nova Roma do Sul (RS)	Lei n. 1.310/2015
	Paraí (RS)	Lei n. 3.122/2015
	Bento Gonçalves (RS)	Lei n. 6.109/2016
	Fagundes Varela (RS)	Lei n. 1.922/2016
	Antônio Prado (RS)	Lei n. 3.017/2016
	Guabiju (RS)	Lei n. 1.315/2016
	Camargo (RS)	Lei n. 1.798/2017
	Caxias do Sul (RS)	Lei n. 8.208/2017
	Ivorá (RS)	Lei n. 1.307/2018
	Pinto Bandeira (RS)	Lei n. 414/ 2019
	Nova Pádua (RS)	Lei n. 1.214/2020
	Ipumirim (SC)	Lei n. 1.868/2020
	Barão (RS)	Lei n. 2.451/2021
	Casca (RS)	Lei n 3.049/2022
	Vila Flores (RS)	Lei no. 2541/2022
	18 municípios	

Tabela 8: Municípios de cooficialização do talian

Fonte: <http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipio>. Acesso em: 12 mar 23

O fato de uma língua ser cooficializada não garante, por si só, que seu uso e manutenção nas gerações futuras, ou registro em documentos públicos. Políticas públicas educacionais prescindem, conforme Oliveira e Altenhofen (2011), que se faça uma política linguística em diálogo com a comunidade de falantes.

Tal é a situação encontrada até hoje no tratamento dado, de modo geral o bilíngüismo em escolas de áreas bi ou plurilingües de imigração. Enquanto a legislação e as

instituições de ensino de línguas estrangeiras evocam as exigências do conhecimento de mais de uma língua, como requisito de mercado de trabalho e do contexto internacional, de outro lado se negligencia ou minimiza, paradoxalmente, o valor do bilinguismo social. Se, de um lado da competência multilíngue constitui-se em meta que dificilmente a escola brasileira atinge, de outro encontra-se à disposição da escola e da sociedade como "uma espécie de ministério a céu aberto" um bilinguismo ainda vivo que, apesar de que valer à meta educacional do ensino de línguas, não é reconhecido e aplaudido na mesma medida, como o ideal a ser preservado e fomentado tendo em vista os inúmeros benefícios do bilinguismo que as pesquisas recentes vem revelando. (OLIVEIRA, ALTENHOFEN, 2011, p. 190)

A consciência sobre a perda da diversidade linguística será relevante quando o papel das línguas minoritárias, no mundo globalizado, for percebido como requisito para a vida não somente na comunidade local e sim mundial.

4.8 ATITUDES DOS MEMBROS DA COMUNIDADE EM RELAÇÃO À SUA PRÓPRIA LÍNGUA

Autores como Altenhofen (2004; 2013) e, Coseriu (2017), descrevem as atitudes do falante com relação à língua materna. A atitude dos falantes com relação à língua pode ser positiva, indiferente ou negativa. e sugere como resultado da política governamental, pressão social ou resultado do aumento ou diminuição do uso da língua em diferentes domínios. Em alguns casos os membros da comunidade abandonam sua e deixam de usa-lá, por acreditar que não há outra alternativa. Frosi (2013), relembra sobre a língua e a conexão dos indivíduos de um mesmo grupo étnico.

É bastante comum o entendimento de que a identidade se manifesta no sentimento de pertença a um grupo étnico que compartilha de um sistema específico de cultura, representada, por sua vez, por uma língua ou por um dialeto, comuns e vigentes entre os membros desse grupo étnico. Com referência à questão da identidade, Remotti (2010, p. 9) inicia a introdução de seu livro com estes dizeres: “A identidade é um conceito não só largamente empregado, mas também extremamente atraente. A identidade [...] já se difundiu de modo contagioso, e parece que também as pessoas intelectualmente mais argutas não possam deixar de utilizar esta palavra.” Edwards (*apud* APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 27) pondera que “a língua, como uma das manifestações de identidade mais óbvia, é muito suscetível de substituição e perda. Exatamente por ser tão pública é que se assumiu que a língua é o componente mais importante da identidade” (FROSI, 2013, p. 104).

Quando os falantes já não se reconhecem como integrantes ativos do mesmo grupo, ou não possuem conhecimento suficiente para fazer as escolhas linguísticas adequadas, sem dimensionar os prejuízos que podem advir daí, abandonam a língua. Por outro lado, uma atitude positiva do grupo minoritário poderá mobilizar a não apenas manter como também promover a língua do grupo.

Tabela 09: Atitudes dos membros da comunidade com relação à língua

Classificação	Atitude dos membros da comunidade com a língua
5	Todos os membros valorizam a sua língua e desejam promovê-la

4	A maioria dos membros dão suporte à manutenção da língua
3	Muitos membros dão suporte à manutenção da língua; outros são indiferentes ou podem até suportar a perda de idioma.
2	Alguns membros dão suporte a manutenção da língua; outros são indiferentes ou podem até suportar a perda de idioma
1	Apenas alguns membros dão suporte à manutenção da língua, outros são indiferentes podem até suportar a perda de idioma
0	Ninguém se importa se a língua está perdida, todos preferem usar a língua dominante

Tabela 9: Atitudes dos membros da comunidade com relação à língua

Fonte: <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/endangered-languages/language-vitality>. Language Vitality and Endangerment. Document submitted to the International Expert Meeting on UNESCO Programme Safeguarding of Endangered Languages Paris, 10–12 March 2003. Traduzido por Zanella, 2023

As atitudes dos falantes, geralmente, são positivas, em relação à língua, quando esta em jogo um maior prestígio social na comunidade. Isso contribui para a manutenção da língua do grupo. Quando as atitudes dos falantes de uma língua majoritária influenciam de forma negativa, como atitudes que envolvem preconceito linguístico, o grupo minoritário pode ser mais propenso a substituir a sua língua pela do grupo majoritário.

4.9 QUANTIDADE E QUALIDADE DE DOCUMENTAÇÃO DE UMA LÍNGUA MINORITÁRIA OU MINORIZADA

Para a Unesco (2003), é imprescindível realizar a correta documentação e registro das línguas, verificando o tipo e a qualidade da documentação linguística existente. Educadores, especialistas em línguas e contextos plurilingues, principalmente linguistas compreendem que a documentação deve ser prioridade, incluindo a coleta, registro e análise de dados de línguas ameaçadas de extinção (UNESCO, 2003). Manter um registro de qualidade é uma forma segura de preservar a língua, mesmo quando ela não é transmitida, ou não tenha número expressivo de falantes, nem seja usada nas mídias e espaços públicos ou no ensino. Os estudos das línguas não poderiam ocorrer sem que tivéssemos registro para pesquisa e análise, conforme a orientação da Unesco (2003):

A documentação de tal língua é importante por várias razões: 1) enriquece a propriedade intelectual humana, 2) apresenta uma perspectiva cultural que pode ser nova para o nosso conhecimento atual, e 3) o processo de documentação muitas vezes ajuda o especialista em linguagem a reativar o conhecimento linguístico e cultural. (UNESCO, 2003, p. 6, tradução nossa.)²³

²³ It is also because languages are diverse. Documentation of such a language is important for several reasons: 1) it enriches the human intellectual property, 2) it presents a cultural perspective that may be new to our current

Tabela 10: Quantidade e qualidade da documentação

Número de documentos	Classificação	Documentação da Língua
Superior	5	Existem gramáticas abrangentes e dicionários, textos extensos; fluxo constante de materiais de linguagem. Existem abundantes gravações de áudio e vídeo de alta qualidade com anotações.
Bom	4	Há uma boa gramática e uma boa quantidade de gramáticas, dicionários, textos, literatura, e mídia cotidiana ocasionalmente atualizada; áudio e vídeo de alta qualidade com anotações.
Razoável	3	Pode haver uma gramática adequada ou suficiente quantidade de gramáticas, dicionários e textos, mas sem mídia cotidiana; gravações de áudio e vídeo podem existir em qualidade variável ou algum nível de anotação.
Fragmentado	2	Existem alguns esboços gramaticais, listas de palavras, e textos úteis para pesquisas linguísticas limitadas, mas com cobertura inadequada. Áudio e vídeo gravações podem existir em qualidade variável, com ou sem nenhuma anotação.
Inadequado	1	Apenas alguns esboços gramaticais, listas de palavras curtas e textos fragmentados. Áudio e vídeo as gravações não existem, são de qualidade inutilizável, ou inexistente.

Tabela 10: Quantidade e qualidade da documentação

Fonte: <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/endangered-languages/language-vitality>. Language Vitality and Endangerment. Document submitted to the International Expert Meeting on UNESCO Programme Safeguarding of Endangered Languages Paris, 10–12 March 2003. Traduzido por Zanella, 2023.

Uma língua está segura com qualidade superior quando possui classificação 5, gramáticas e publicações constantes, com gravações e qualidade nos registros. Na classificação 4, possui uma boa gramática e mídia cotidiana ocasionalmente atualizada com registros de áudio e vídeo de alta qualidade com anotações. Quando a língua possui uma gramática adequada ou suficiente quantidade de gramáticas, dicionários e textos, ou seja, encontra-se bem equipada, mas sem mídia cotidiana e com gravações de áudio e vídeo em qualidade variável ou com algum nível de registro, a classificação é definida como 3, considerada razoável. A língua é classificada como fragmentada, quando possui alguns esboços gramaticais, listas de palavras,

knowledge, and 3) the process of documentation often helps the language resource person to re-activate the linguistic and cultural knowledge.

e textos úteis para pesquisas linguísticas limitadas, mas com cobertura inadequada com gravações em qualidade variável, com ou sem nenhum registro, obtém classificação 2. Por fim, a língua com classificação 1 apresenta documentação inadequada, possui apenas alguns esboços gramaticais, listas de palavras curtas e textos fragmentados com áudio e vídeo das gravações não existem, ou são de qualidade inutilizável ou inexistente.

Para garantir a segurança de uma língua, percebemos a necessidade de que ocorra a transmissão intergeracional e para que ocorra de forma gradual e segura, deverá ter um número de falantes em todas as faixas etárias. Manter um percentual alto da população como falantes da língua, exige esforços da população e do poder público, com ações de incentivo e valorização da língua. Também é importante que a língua esteja presente nos ambientes de convívio e produção de conhecimento. A estabilidade da língua não é responsabilidade apenas das organizações públicas, mas de interesse daqueles que se identificam. A conscientização e o conhecimento são a médio e longo prazo, ferramentas indispensáveis para buscar o reconhecimento e proteger a língua e identidade.

5. METODOLOGIA

O interesse norteador da presente pesquisa é apresentar os fundamentos da metodologia usada para a pesquisa, considerando as dimensões da Dialetologia Pluridimensional, segundo Thun (1998), e os parâmetros apontados pelo documento da UNESCO (2003), para mensuração da vitalidade linguística. Com isso, coloca-se a tarefa de identificar implicações e mudanças na vitalidade, observar como homens e mulheres percebem a língua no seu dia a dia, verificar como se dá a transmissão intergeracional nas famílias descendentes de imigrantes italianos, em suma, criar mecanismos para descrever em que situações e domínios o talian está presente. A metodologia empregada no desenvolvimento desta pesquisa deve permitir documentar, interpretar e compreender o comportamento da língua e de seus falantes na localidade de Riqueza.

O ponto de pesquisa, Riqueza, desenvolveu-se, conforme vimos, a partir do ano de 1916, portanto já no início do século XX com a chegada dos primeiros imigrantes teuto-russos. Em 1930, chegaram do Rio Grande do Sul as primeiras famílias italianas, como resultado de migrações internas. Instalou-se, por tanto, em Riqueza uma colonização mista, constituída por um grande número de descendentes de imigrantes europeus, em sua maioria, teuto-russos e italianos, principalmente, das colônias velhas²⁴ do Rio Grande do Sul (RS).

Para identificar os fatores e tendências no grau de vitalidade do talian, o estudo se vale do princípio da pluridimensionalidade para analisar a variação no grau de vitalidade linguística do talian, em Riqueza, no oeste de Santa Catarina, que também é a localidade de origem da pesquisadora. Esta é, portanto, ao mesmo tempo *insider* e pesquisadora. O distanciamento teórico em relação ao dado empírico vale-se do princípio da pluridimensionalidade como diferentes “lentes” de análise, para identificar a influência dos diferentes fatores e hipóteses apontadas na introdução.

Adicionalmente, num plano sociológico esta dissertação considera pressupostos dos plurilinguismo (ALTENHOFEN e OLIVEIRA, 2011), com ênfase na vitalidade linguística (UNESCO, 2003). Esses estudos servirão para identificar os fatores que subjazem às “decisões e percepções dos falantes”, para determinar seu status social, seu uso diário e transmissão diageracional.

²⁴ Região na qual foram instalados os primeiros grupos de imigrantes vindos da Europa. Fonte: ALTENHOFEN, Cléo Vilson. O estudo de línguas de imigrantes no Brasil. O exemplo do “Hunsrückisch” no Rio Grande do Sul. In: Cadernos do Instituto de Letras, Porto Alegre, n. 18, p. 17-26, 1997

A coleta de dados é realizada com famílias de integrantes do grupo de cultura italiana e descendentes italianos que não integram o grupo das atividades culturais. A pesquisa inclui as etapas de registro dos aspectos históricos, estatísticos e demográficos e as entrevistas semidirigidas com simultaneidade de informantes, bem como a observação do material de áudio e vídeo disponível no acervo da Secretaria de Cultura do Município de Riqueza, documentos disponibilizados no site da Prefeitura e do Grupo de Cultura Italiana.

5.1 DIMENSÕES DE ANÁLISE

A pesquisa foi realizada através da aplicação de questionário, conforme anexo I, em visita aos participantes, previamente autorizada e agendada. A locomoção para aplicação da mesma utilizou transporte particular.

O período pandêmico exigiu de todos uma mudança nos hábitos diários de convívio. Distanciamento e isolamento social foram regras necessárias para preservação das vidas ao longo dos últimos dois anos. Após a realização das campanhas de vacinação e do contínuo cuidado com a vida do outro, pudemos sentir a vida retornando gradativamente aos movimentos cotidianos. A cidade de Riqueza não apresentou novos casos e os munícipes podem atualmente dispensar o uso das máscaras, até mesmo nas escolas.

Para esta pesquisa, foram selecionadas as seguintes dimensões: dialingual (contato de línguas); diatópica (diferentes pontos geográficos); diastrática (variação entre classes sociais, considerando o grau de escolaridade); diageracional (variação entre idades); diassexual (diferenças linguísticas entre homens e mulheres); diafásica (para variação dos estilos de fala durante a entrevista dos falantes como, por exemplo, conversa livre, leitura e pergunta-resposta) em Riqueza, especialmente com descendentes de imigrantes Italianos. Fica claro que se trata de uma agenda bastante ampla de pesquisa, considerando ainda mais as dificuldades advindas do período de pandemia e inerentes à realização de uma Dissertação de Mestrado, com prazo restrito. Por essa razão, sua escolha e efetiva análise precisa ser vista mais como um ponto de vista de análise qualitativa da variável do estudo, no que é possível identificar como tendência de uso e manutenção ou perda do talian.

O questionário é um roteiro de perguntas que pode ser aplicado em forma de diálogo, pois, na medida em que os informantes são questionados, eles atribuem comentários, contam pequenas histórias, até mesmo anedotas sobre o tema, enriquecendo assim a qualidade do material coletado. Tais comentários auxiliam na espontaneidade da conversa e, conseqüentemente, na qualidade dos dados a serem coletados. (HORST, KRUG, 2021, p. 88).

O tema para a entrevista será sobre a língua talian, organizada em três partes: 1) conversa semidirigida; 2) questionário sobre crenças linguísticas (anexo I); 3) conversa livre, como uma oportunidade para presenciar a fala espontânea; e 4) observação participante com registro em caderno de campo. Simultaneamente, houve foco permanente na observação e investigação dos parâmetros de avaliação da Unesco (2003).

Tabela 11: Dimensões, parâmetros e critérios da DPR utilizados nesta pesquisa

Dimensões	Parâmetros
diazonal	Integrantes e não integrantes do grupo de cultura italiana residentes em Riqueza. Descendentes de italianos e língua materna talian.
diatrática	Ca = classe alta (socioculturalmente, com formação universitária parcial ou completa) Cb = classe baixa (socioculturalmente, até ensino médio + profissão que não exija o uso da escrita)
diageracional	GII (geração + velha) acima de 55 anos GI (geração + nova) 18 a 36 anos
diafásica	Resp = respostas ao questionário Leit = leitura Tx = conversa livre (etnotextos)

Tabela 11: Dimensões, parâmetros e critérios da DPR utilizados nesta pesquisa

Fonte: Thun (1996)

As entrevistas semi estruturadas permitem a investigação de aspectos sociais e linguísticos observados em Riqueza. O fato de eu, como entrevistadora, pertencer à comunidade de Riqueza serve como forma de proximidade com os entrevistados, evitando um estranhamento ou desconforto e propiciando um ambiente de informalidade e de maior espontaneidade.

5.2 PERFIL DOS INFORMANTES DA PESQUISA

Os informantes selecionados para esta pesquisa são descendentes de italianos do município de Riqueza integrantes e não integrantes do grupo de cultura italiana, “Vivere e Cantare”. A descrição dos informantes segue a metodologia de Thun (1996), ou seja, em cada ponto, serão entrevistados quatro grupos de informantes que se encaixam nos grupos de sociais que constituem a cruz de Thun (2010): CaGI, CaGII, CbGI, CbGII, além de, em cada uma dessas células, considerar-se um homem e uma mulher (dimensão diasssexual).

Primeiramente, a seleção dos informantes é realizada com os participantes do Grupo de Cultura Italiana, “*Vivere e Cantare*”, nomeado na tabela abaixo como "GCI". A entrevista também é realizada com informantes não pertencentes ao GCI, filhos e netos de descendentes de imigrantes italianos residentes na localidade de Riqueza, doravante nomeados na tabela abaixo como “LR”. Através de um convite com possíveis informantes que gostariam de participar da pesquisa, já no primeiro contato, procuramos confirmar os critérios de etnia, idade, tempo de residência no local, se falam ou compreendem o talian/português. Além disso, foram expostos brevemente os objetivos da pesquisa. Após explicar o tema da pesquisa, foi agendado o melhor momento para realizar a visita para a entrevista. Entrevistamos um total de 22 informantes, dos quais 12 enquadram-se nas dimensões da pesquisa. Porém, no GCI não localizamos no GCI integrantes da Ca GI e da Cb GI, geração mais jovem, e apenas um casal da Ca GII. Essa situação reflete, em si, um aspecto que de certo modo exerce influência na variável analisada, a vitalidade linguística do talian, uma vez que os membros do GCI são predominantemente da geração mais velha. A grade de informantes a seguir resume o conjunto de entrevistas realizadas:

Tabela 12: Identificação dos informantes²⁵

GCI F		GCI M	
1 Ca GII	(sem informantes) Ca GI	1 Ca GII	(sem informantes) Ca GI
1 Cb GII	(sem informantes) Cb GI	1 Cb GII	(sem informantes) Cb GI
LR F		LR M	
1 Ca GII	1 Ca GI	1 Ca GII	1 Ca GI
1 Cb GII	1 Cb GI	1 Cb GII	1 Cb GI

Tabela 12: Identificação dos informantes

Fonte: Zanella, 2023

5.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

De posse da autorização do Conselho de Ética Universitário para Pesquisa com Seres Humanos, iniciamos a pesquisa durante os meses de novembro a dezembro de 2022. Concomitantemente, foi feita também a transcrição dos dados. Além disso, foram feitos

²⁵ O número de informantes organizados na tabela conforme parâmetros de seleção após coleta.

registros feitos em caderno de campo com base nas respostas espontâneas às perguntas, a partir de observações no momento da coleta de dados, foram além disso considerados, na descrição dos dados.

O questionário aplicado (KRUG, 2013), foi constituído a partir de exemplos de pesquisas linguísticas realizadas pelo grupo Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense (ALCF-OC), coordenado pela Profa^a. Dra. Cristiane Horst, vinculado ao projeto maior Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF), com algumas adaptações nossas conforme anexo I.

A partir da análise das respostas dos entrevistados verificamos a vitalidade do talian em Riqueza. Observamos como eles se sentem com relação à língua, qual a relação que mantêm com o grupo de Cultura Italiana “*Vivere e Cantare*”, qual o sentimento que a língua traz. Em suma, procurou-se fazer um diagnóstico sociolinguístico da vitalidade do talian nos diferentes domínios de uso da língua.

A dimensão diageracional recebeu especial atenção, para a análise sincrônica dos resultados, para que possamos analisar a vitalidade do talian nas gerações mais velhas e nas gerações mais jovens. Na dimensão diastrática, observamos qual a influência da escolaridade no grau de vitalidade da língua minoritária. Quanto à dimensão dissexual, podemos observar a variação entre o gênero masculino e feminino.

5.4 PROCEDIMENTOS PARA O DIAGNÓSTICO DA VITALIDADE LINGUÍSTICA

Com o objetivo principal de verificar a vitalidade linguística do talian localidade de Riqueza, em seu atual estado de uso, com filhos e netos dos imigrantes italianos, analisamos os seguintes indicadores, já mencionados anteriormente, na figura 8, a partir dos parâmetros da Unesco (2003):

- I - Transmissão intergeracional;
- II - Número de falantes;
- III - Proporção total de falantes na população;
- IV - Competência na língua em risco;
- V - Resposta aos novos domínios de mídia;
- VI - Produção de materiais para educação e alfabetização linguística;
- VII - Atitudes e políticas institucionais e governamentais de linguagem, incluindo status e uso oficial;

VIII - Atitudes dos membros da comunidade em relação à sua própria língua;

IX - Quantidade e qualidade da documentação: registros de áudio, registro escrito, vídeo, traduzidos e anotados a fala natural. Para o desenvolvimento da pesquisa, será desenvolvido o seguinte percurso:

1. Observar e entrevistar a geração mais jovem, para identificar a transmissão intergeracional;
2. Avaliar o percentual dos entrevistados em relação ao uso do talian, no dia a dia;
3. Identificar/ registrar o uso do talian em domínios públicos, incluindo a identificação e ou documentação;
4. Verificar o uso do talian nas mídias locais: rádio, jornais, redes sociais. etc;
5. Observar diferentes situações do cotidiano e do uso da língua;
6. Analisar o envolvimento e preocupação das famílias e da sociedade com o ensino da língua;

Após apresentar os fundamentos da metodologia de coleta de dados selecionados para esta pesquisa, bem como os parâmetros e dimensões selecionadas no desenvolvimento deste estudo, iniciamos a análise dos dados coletados.

6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

No presente capítulo, apresentamos a análise e interpretação dos dados gerados a partir da pesquisa realizada com os descendentes de imigrantes, na localidade de Riqueza/SC. Os resultados das entrevistas estão apresentados em forma de tabelas e gráficos. Além de dados quantitativos, complementamos o nosso corpus com dados qualitativos, obtidos através das anotações em caderno de campo, conversas informais, participação nas festividades locais, visita às famílias, à escola e ao grupo de cultura italiana, com observação do cotidiano da comunidade.

A análise, de ordem qualitativo-quantitativa, inicia-se com a dimensão diageracional (com foco no uso da língua por gerações distintas), e segue com a dimensão diastrática (classe social conforme o grau de escolaridade), e diassexual (homens e mulheres) e por fim, diazonal (integrantes do GCI e não integrantes LR).

A partir da seção 6.1, descrevemos cada dimensão separadamente identificando a sua relevância no nosso estudo. No capítulo 5, por sua vez, foram descritos, detalhadamente, os parâmetros de análise presentes no documento sobre *Language Vitality and Endangerment da Unesco* (2003), utilizados neste trabalho de forma integrada.

6.1 DIMENSÃO DIAGERACIONAL

Quando perguntamos que língua costuma-se falar em família, identificamos o uso mais frequente do potuguês em relação ao talian, o que pode indicar situações de bilinguismo bem particulares, devido ao contato linguístico registrado na formação cultural de Riqueza. Na maioria das vezes, as mudanças linguísticas são perceptíveis durante a análise das respostas de diferentes gerações. As gerações mais jovens costumam preferir formas contemporâneas da linguagem, ao mesmo tempo que pesquisas afirmam que a geração mais velha tende a utilizar as formas linguísticas mais antigas. Em contrapartida, os mais jovens evitam formas antigas e fazem uso de expressões novas, conforme a situação social e as demandas de seus interesses. Essas mudanças não ocorreram de forma repentina.

O período de desenvolvimento da mudança aparente atinge várias gerações e pode criar situações nas quais famílias que convivem juntas, como avós, pais e filhos, por exemplo, falam de modo diferente, mas sem comprometer a comunicação. Para Coseriu (1988), a mudança linguística deve ser compreendida como um processo ordenado, em que as “restrições” condicionadoras coabitam o campo da finalidade, da atividade e do existir concreto da língua.

Sabemos que as mudanças sociais influenciam mudanças linguísticas, que, conseqüentemente, estão conectadas às atitudes dos indivíduos de uma determinada região, em um determinado recorte de tempo.

Na GI (entrevistados de 18 a 36 anos), o predomínio do uso da língua portuguesa tanto na Ca (com graduação (in)completa), quanto na Cb (ensino médio), mostrou-se unânime. Porém, a informante CbGIFLR, cuja convivência com avós era diária, compreende talian e gostaria de falar, porém não desenvolveu a habilidade comunicativa da língua. Conforme demonstra o gráfico 01, abaixo, a língua portuguesa e o talian se equivalem na CbGII. O contato com outros grupos étnicos como os teuto-russos²⁶ e caboclos²⁷ em Riqueza, resultou em um contexto essencialmente multicultural. O contato desses grupos, incluindo os ítalo-brasileiros, com a língua portuguesa levou em muitos casos a uma substituição da língua de imigração pela língua dominante, especialmente como a língua do das festividades da comunidade. Durante as entrevistas, foi possível constatar que os informantes identificaram-se de diferentes maneiras com a língua, identidade e cultura. Mesmo quando se declaram descendentes de italianos, não fazem uso da língua minoritária no dia a dia, ou declaram não tê-la aprendido conforme afirma CaGI-MLR. Apesar de não desenvolverem as habilidades da língua, alegam que a identidade está nas características físicas, na cultura, nas festas e nas comidas típicas.

É importante, por isso, refletir sobre estes resultados observando que, além da língua, outros elementos da cultura podem contribuir para desenvolver estratégias para proteção da língua. Segundo Fishman (1972), a substituição da língua de imigração ocorre quando há uma mudança no status social do grupo de imigrantes, levando-os a adotar a língua da comunidade de destino como sua língua principal. Ele enfatiza que essa mudança não ocorre de forma abrupta, mas sim de maneira gradual e complexa, envolvendo um processo de adaptação e negociação com a nova língua e cultura.

²⁶ O termo teuto-russo, é empregado para definir o descendente de alemães que, por viver ou ter nascido em território russo, possui nacionalidade russa. Fonte: André Luiz Onghero. Graduado em História (Unoesc/Chapecó), Especialista em História (Unochapecó), Mestre em Educação (Faculdade de Educação/Unicamp); atua como Técnico em Pesquisa (CEOM/Unochapecó) CEOM - Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, da UNOCHAPECÓ

²⁷ Caboclo ou ainda mameluco é a denominação usada no Brasil para designar o indivíduo que foi gerado a partir da miscigenação de um índio com um branco. Fonte: André Luiz Onghero. Graduado em História (Unoesc/Chapecó), Especialista em História (Unochapecó), Mestre em Educação (Faculdade de Educação/Unicamp); atua como Técnico em Pesquisa (CEOM/Unochapecó) CEOM - Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, da UNOCHAPECÓ

Gráfico 01: Que língua costuma falar?

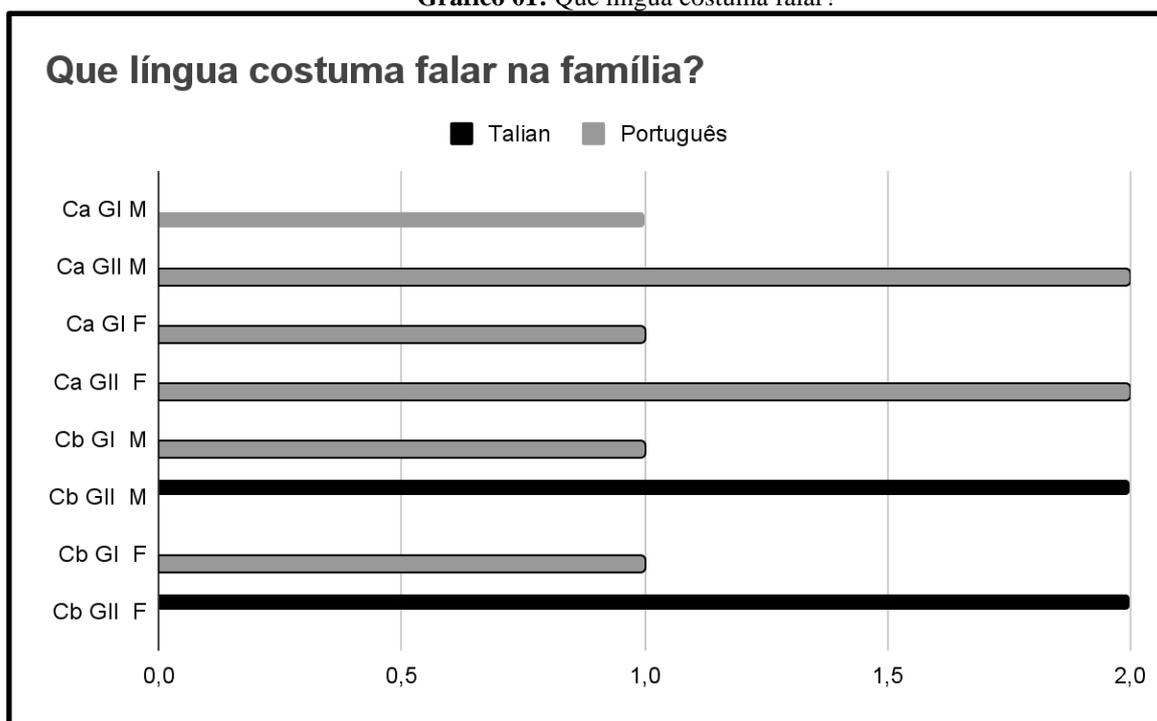


Gráfico 1: Que língua costuma falar?

Fonte: (ZANELLA, 2023)

Utilizando os parâmetros da UNESCO (2003), descritos no capítulo 5, item 5.1, podemos inferir que há uma ruptura na transmissão intergeracional da língua minoritária. A geração GII deixa de utilizar o talian com os pais a partir do momento em que inicia a escolarização. Muitos frequentaram apenas os anos iniciais, oferecidos na localidade, naquele período. A geração GI inicia os estudos já sem ter contato com o talian, uma vez que os pais não são mais usuários da língua durante o cotidiano familiar. A consciência de que poderiam ter ensinado aos filhos a língua dos avós está presente durante as entrevistas, porém, ao mesmo tempo, é possível perceber a insegurança por não dominarem as habilidades de fala e/ou escrita da língua *standar* teve um importante papel, para que não ensinassem talian aos filhos. Ou seja, dominou o mito corrente de que evitar a transmissão do talian significava evitar que os filhos vivessem as mesmas dificuldades encontradas por eles, pais e avós, ao aprenderem português somente na escola.

A análise do parâmetro 1 - transmissão intergeracional da língua minoritária - revelou, nos resultados das entrevistas, que a transmissão intergeracional, utilizando os critérios da Unesco (2003), obteve uma pontuação de 03 numa escala de 0 a 5 (sendo 0 para extinta e 5 para totalmente segura). Isso porque a língua é predominantemente usada pela geração dos pais ou mais idosos, ou em alguns casos, pelos avós e idosos, recebendo uma pontuação de 2. **Os dados do parâmetro 1 mostram que o talian, falado na localidade de Riqueza, está em**

sério risco de extinção nas próximas décadas, de acordo com o critério apresentado na tabela 1 do capítulo 4 da Unesco. É importante destacar que, embora os falantes ainda possam compreender o talian, o idioma pode ser considerado menos importante do que o português, tornando-o apenas uma parte da memória cultural e histórica, mas não mais presente. Conforme Busse e Sella (2012) apontam, a língua, assim como outros aspectos culturais, é um elemento que conecta as pessoas com sua terra natal, tanto a pátria-mãe, na Europa, quanto na segunda pátria, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Quando os elos entre as gerações são rompidos, não temos mais o “nono” e a “nona”, perdemos o fluxo de transmissão do conhecimento intergeracional. A própria pesquisadora aprendeu a falar talian quando morava com os avós maternos, na casa dos Marodin, dos 06 aos 12 anos. Com 43 anos, morando por muitos anos fora, retornou ao convívio dos familiares e encontrou na língua a conexão com sua identidade.

Ao longo do período de colonização, ocorrida no sul do Brasil, a população que, a princípio, possuía somente uma língua, a de imigração, passou a ser bilíngue durante determinado período, falando o português e o talian. Após décadas de contato linguístico, a comunidade voltou a ser monolíngue, agora porém na língua portuguesa. Vejamos, a seguir, o papel da escolarização no nesse processo.

6.2 DIMENSÃO DIASTRÁTICA

No gráfico 01, pudemos já perceber a regularidade do uso do português na dimensão diastrática. A partir da análise dos dados apresentados, identificamos que maior o grau de escolaridade maior a tendência de se favorecer o predomínio do português. As colunas de cor cinza, referentes ao português, apresentam índices mais elevados nos grupos das classes Ca do que da classe Cb. As colunas pretas, que representam o talian, têm expressão de maior nível nas gerações Cb GII.

É possível identificar, que a classe Cb conserva mais a vitalidade linguística maior do talian, na mesma proporção em que, contrariamente, a Ca apresenta maior uso do português. O primeiro grupo, Cb, sem ensino superior, está relacionado à língua de imigração, mesmo que estes não estejam todos participando das atividades do GCI, mas em permanente convivência com a família. Portanto, ao mesmo tempo em que a Ca apresenta um grau elevado do uso da língua portuguesa, a Cb nos mostra uma forte vitalidade do talian. Em relação ao primeiro grupo, Ca, isso pode ocorrer em vista do maior contato dos falantes com a língua portuguesa na

escola e no meio social em que se encontram, possibilitando maior contato entre as línguas e inclusão na vida urbana; quanto ao segundo grupo, permanece no ambiente local e mantém contato com a língua de casa, representada pelo talian.

Quando interrogados sobre como é chamada a língua falada pelos descendentes de italianos, questão 2 da entrevista, tanto os informantes da Cb, tanto quanto da Ca, não tinham muita clareza na diferenciação entre talian e italiano. Alguns disseram tratar-se de “italiano”, porém alegaram não ser “o gramaticalmente correto”. Outros entrevistados, por outro lado, nomearam sua língua como sendo "talian".

O parâmetro 2 - número absoluto de falantes - da Tabela 2, no capítulo 4, auxilia na reflexão sobre quem são os falantes da língua, e se essa língua é ainda utilizada pelas gerações jovens - futuras transmissoras da língua - a fim de garantir a sua transmissão para as próximas gerações. De acordo com a classificação da Unesco (2003) apresentada na Tabela 2, a situação é considerada "segura" quando todos os membros da comunidade falam a língua, recebendo uma pontuação de 5 (totalmente segura) a 0 (extinta). **A análise dos dados coletados indica que a língua está severamente ameaçada", não ultrapassando 2 na pontuação, tendo em vista que uma minoria fala a língua.** Os membros do Grupo de Cultura Italiana, em sua maioria com mais de 60 anos, realizam encontros semanais com o intuito de utilizar a língua. Independentemente do sexo, faixa etária, e formação acadêmica, a redução do número daqueles que dominam uma das habilidades da língua é notória causa preocupação a cada geração que passa.

A partir de uma atividade em sala de aula com os alunos do 7º ano do ensino fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, com turmas da Escola de Educação Básica Professora Genoveva Dalla Costa de Riqueza, no ano de 2023. Nessa intervenção, obtivemos dados relevantes sobre as línguas faladas hoje. A faixa etária dos alunos, conforme demonstra o gráfico abaixo, compreende entre 10 e 18 anos, correspondendo à série frequentada. Participaram nove turmas das dezesseis existentes na escola, totalizando 33,44% dos alunos do educandário. A pesquisa foi realizada durante as atividades em sala de aula e faz parte das anotações do caderno de campo. A atividade está relacionada ao projeto escolar “O conhecimento muda nossa vida”. Perguntas como: Qual sua idade? Na sua família falam outra língua? Qual língua é falada? Quem são as pessoas que falam outra língua na sua família? etc. Os resultados obtidos mostram o percentual de falantes das línguas minoritárias em relação ao número total de habitantes no município.

O município conta com duas escolas estaduais, uma na cidade e outra no distrito de Cambucica, localizado a doze quilômetros do centro, que atende alunos que residem em

comunidades do entorno mais distantes. As instituições possuem turmas a partir do sexto ano e apenas na escola estadual do centro há Ensino Médio. A escola Professora Genoveva Dalla Costa atende alunos da cidade e do interior. Os envolvidos na pesquisa residem: 65,1% na cidade e 31,4% na zona rural. O intuito do questionário aplicado foi verificar as línguas faladas, para discutir nas aulas de Língua Portuguesa e, assim, conscientizar sobre a diversidade que compõe a localidade em que os alunos residem. O resultado obtido revela a multiculturalidade presente, desde a formação nos primórdios de Riqueza/SC, até os dias atuais.

Gráfico 02: Na sua família falam outra língua? Qual língua é falada?

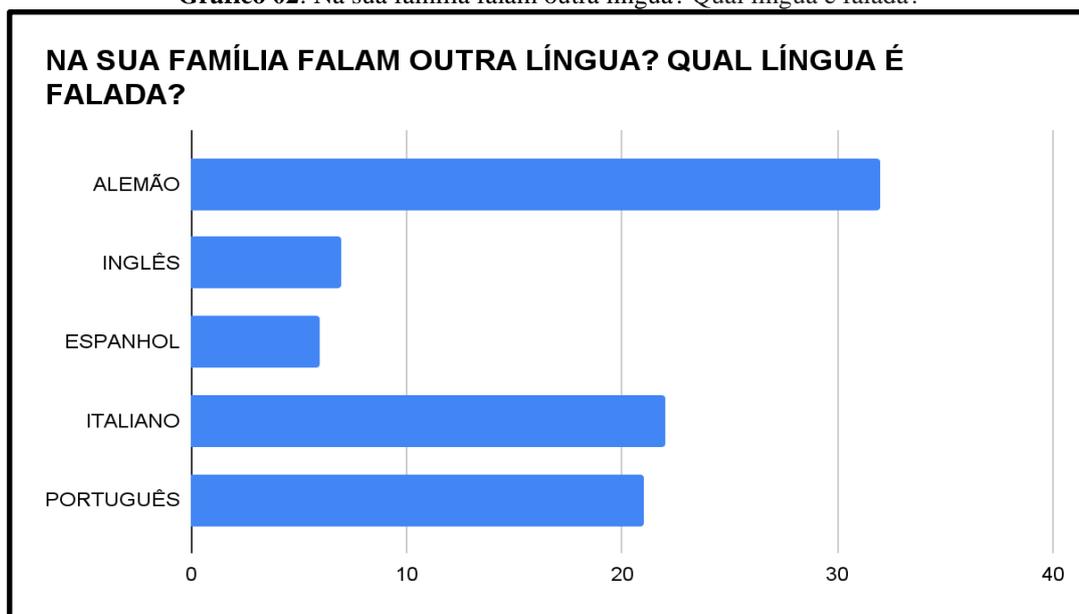


Gráfico 2: Na sua família falam outra língua? Qual língua é falada?

Fonte: Anotações do caderno de campo. (ZANELLA, 2023)

O gráfico revela que 31% das famílias possuem alguém que fala alemão, ao passo que 19,5% afirmaram que possuem membros familiares que falam italiano. Outra observação pertinente diz respeito aos novos imigrantes, 6,9% correspondente a alunos de origem venezuelana, que tem a língua espanhola como língua falada no domínio familiar. Podemos dizer que o cenário do futuro das línguas está em constante mudança, tal qual a coletividade representada no contexto da formação histórica da localidade.

Outra pergunta realizada em sala, durante as atividades (ver gráfico 04) pretende identificação de quem são as pessoas que falam outra língua além do português.

Gráfico 03: Quem são as pessoas que falam outra língua na sua família?

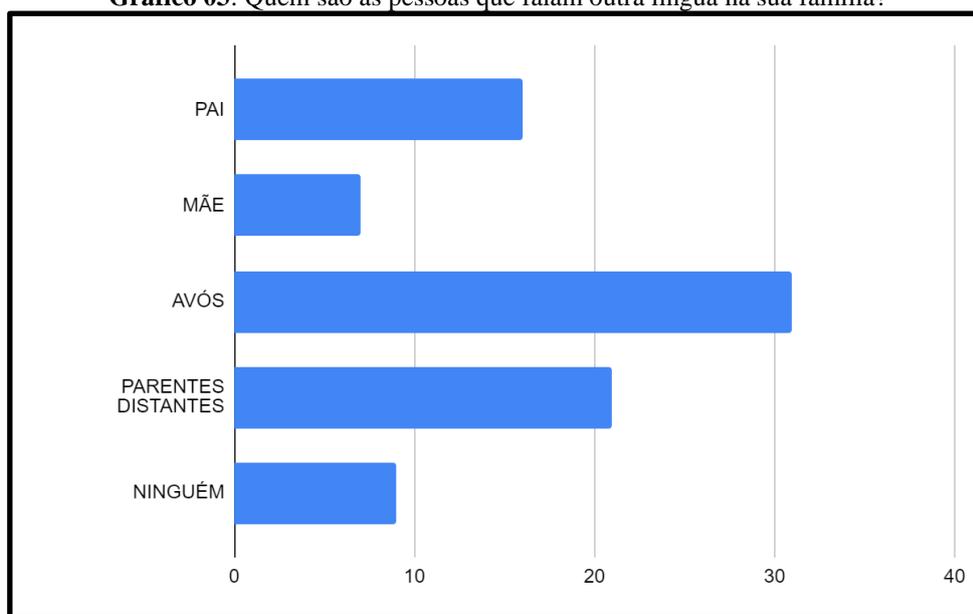


Gráfico 3: Quem são as pessoas que falam outra língua na sua família?

Fonte: Aulas da pesquisadora em 2023. Anotações do caderno de campo. (ZANELLA, 2023)

Em relação ao parâmetro 3 - proporção de falantes dentro da população total, conforme a Tabela 3 do capítulo 4, os nossos dados de pesquisa indicam que, em Riqueza, em que o talian recebe a classificação 2, e pode ser considerado, portanto, “severamente em risco de desaparecer”, visto haver uma minoria de falantes da língua. O resultado obtido por meio desta pergunta reforça o resultado sobre transmissão intergeracional. Conforme as respostas expostas no gráfico 4, em 34,5% das famílias, apenas os avós utilizam a língua materna, 19,5% somente parentes distantes, enquanto que pai e mãe configuram 11,4%. Comprova-se assim que o número reduzido de falantes/usuários coloca em risco a vitalidade da língua minoritária, que está severamente em risco, classificação 2 da tabela 03 da Unesco.

6.3 DIMENSÃO DIASSEXUAL

Quando perguntamos em que língua o informante gostava de conversar, homens e mulheres da Ca, tanto da geração GI quanto da GII assumem preferir falar em português. Mulheres e homens com menor escolaridade (Cb) mantêm o uso do talian com a mesma frequência que a língua portuguesa. Contrariamente, as informantes mulheres da Ca GII preferem falar talian; ambas trabalharam ao longo da vida profissional com educação, são filhas de descendentes italianos, sempre residiram na localidade de Riqueza, mantendo a ligação com

familiares e parentes. O fato de mulheres e homens da Cb GII utilizarem a habilidade da fala no talian tem relação direta com a permanência na localidade de Riqueza e também por realizarem as atividades do cotidiano essencialmente com suas famílias.

Gráfico 04: Em que língua você gosta de conversar?

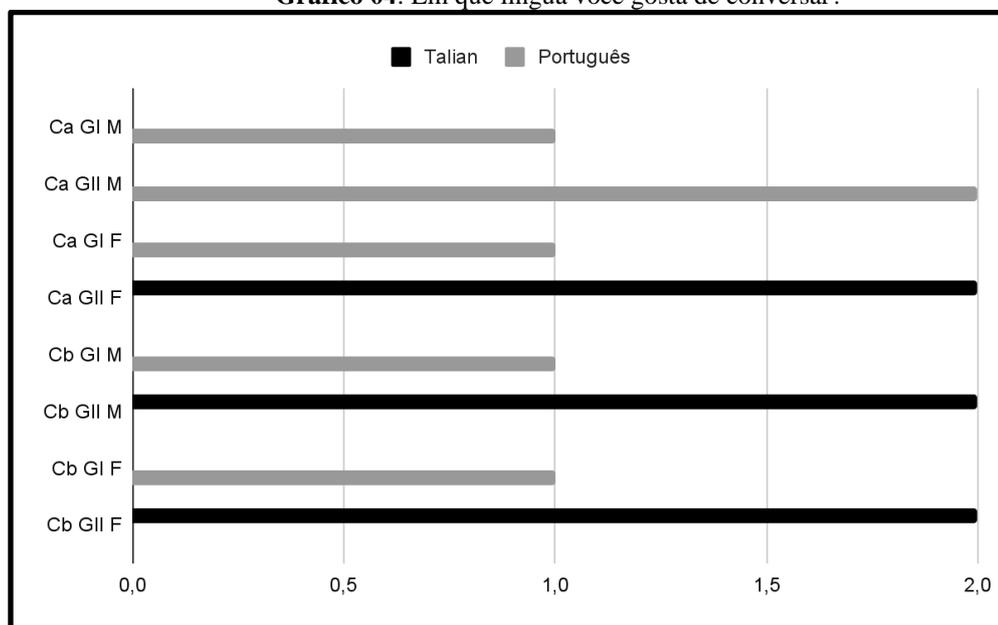


Gráfico 4: Em que língua você gosta de conversar?

Fonte: Anotações do caderno de campo. (ZANELLA, 2023)

A influência da colonização realizada na localidade de Riqueza com diferentes etnias, gerou a necessidade do uso da língua portuguesa como língua de contato. Na GI, homens e mulheres, têm contato com a escola desde muito cedo, uso maior das mídias e as relações com diferentes redes de contato são determinantes para a escolha e desenvolvimento espontâneo da língua portuguesa.

O termo "*language shift*" se refere a uma variação sociolinguístico em que uma comunidade linguística passa a adotar uma língua diferente daquela que tradicionalmente falava. Esse processo pode ocorrer por diversas razões, incluindo migração, pressão social, educação e mudanças culturais. Segundo Trudgill (1974), os casamentos intraétnicos tendem a manter a homogeneidade linguística dentro de um grupo étnico, enquanto que os casamentos interétnicos podem levar a uma maior diversidade linguística devido à influência de diferentes línguas e dialetos. Trudgill também destaca que as diferenças linguísticas resultantes dos casamentos interétnicos são mais notáveis nas primeiras gerações, mas tendem a se dissipar com o tempo, conforme a influência da língua dominante se torna mais forte. No entanto, é claro que a interação entre grupos étnicos e a mudança nas práticas linguísticas desempenham um papel importante na transformação da paisagem linguística de muitas sociedades.

Segundo Fishman (1972), os casamentos intraétnicos tendem a reforçar a homogeneidade linguística dentro de um grupo étnico, enquanto os casamentos interétnicos podem levar à assimilação linguística de um grupo minoritário pela língua dominante do grupo majoritário. Além disso, Fishman destaca que a escolha da língua de comunicação dentro de um casamento pode ter efeitos duradouros sobre a língua falada pelos filhos do casal, influenciando o processo de transmissão linguística entre gerações.

Em relação ao parâmetro 8 - atitude dos membros da comunidade com a língua da tabela 8 d Unesco, percebemos que o grau de vitalidade é refletido pelo número de falantes e a presença desta língua, se ela circula no comércio, na igreja, na escola, nos encontros festivos, em ambientes públicos, em programas de rádio, entre outros. Para que a língua esteja classificada como segura, ela deve obter pontuação 5, isto é, quando todos os membros valorizam a sua língua e desejam promovê-la. Os dados coletados por meio das entrevistas mostraram que ambos os sexos declararam considerar importante que os filhos aprendam o talian, língua dos avós. Porém, como a grande maioria não desenvolveu a habilidade da fala, o ensino da língua ficou comprometido.

A vitalidade linguística, tal como a variação interna de qualquer língua, pode no entanto ser variável, variam seu status sócio-político e sua posição de língua da comunidade, conforme a área em que se encontra, o período, as migrações, a situação, os usos e funções etc. [...] O que nos importa aqui é que toda língua tem seu estado A e seu estado B. O que a vitalidade linguística aborda, no entanto, se refere à língua como um organismo social, não como parte de um sistema linguístico, embora marcas linguísticas possam ser consideradas como indicadores de vitalidade ou perda (MENDES, 2021, p. 53).

Diante das respostas obtidas nas entrevistas, podemos confirmar que ambos os sexos demonstraram identificar-se com uma ou mais características italianas, porém, apenas alguns membros dão suporte à manutenção da língua. Com essa informação, classificamos o talian falado em Riqueza conforme a tabela 8. **A classificação 2 sinaliza, nesse sentido, que a língua encontra-se, nesse caso, em risco de extinção.**

Ao abordar o parâmetro 4 - tendências em domínios de linguagem existentes, a competência na língua em risco, isto é, a capacidade comunicativa dos indivíduos, observa-se que tanto na oralidade quanto na escrita tem-se um fator que auxilia e é determinante para a transmissão da língua às próximas gerações, conforme tabela 4 da Unesco, verificamos que, a questionar os informantes sobre as habilidades tanto em português quanto em talian, é possível perceber o predomínio no uso de mais habilidades da língua portuguesa em comparação ao talian. É notório que uma minoria dos homens e mulheres da localidade pesquisada demonstram domínio das habilidades de fala, mas não de escrita ou leitura, uma vez que não ocorre ensino

do italiano e, na localidade, a língua das relações, comércio e administração pública é o português.

Segundo os parâmetros da Unesco (2003) a língua está segura, quando atinge classificação 5: é empregada em todos os domínios e em todas as funções. **Nesse quesito a classificação atual do talian, na cidade de Riqueza, não ultrapassa o nível 1, visto que seu uso se restringe a domínios restritos (algumas famílias, entre amigos próximos, principalmente idosos). A compreensão oral passa a ser, mesmo que em âmbito limitado, a única habilidade ainda em uso, quando há interlocução com falantes da GII.**

De acordo com o parâmetro 5 da Unesco – resposta aos novos domínios, sejam eles de emprego, educação ou mídia, estes devem ser considerados juntos, ao se avaliar a resposta de uma comunidade linguística em perigo. Todos esses fatores são significativos para identificar a presença e a vitalidade de uma língua minoritária e também para pensar em ações de salvaguarda da língua em situação de risco. Neste parâmetro, para obter *status* de língua segura é necessário que a língua seja utilizada em todos os novos domínios; circulação em mídias: rádios, TVs, programas específicos da língua, jornais, entre outros. Atualmente, podemos encontrar um programa de rádio local, Rede Nossa Rádio 96.7 FM - Caibi/SC, cuja grade de programação mantém um programa talian aos domingos. Quanto ao jornal de maior circulação, Jornal Regional, de Iporã do Oeste, publicava uma coluna destinada ao italiano. Sem colunista, o jornal deixou de publicar a coluna. A classificação pode ser considerada segura, reconhecida pela Unesco (2003), com pontuação 5, quando a língua é utilizada em todos esses novos domínios. **A realidade encontrada nas mídias da localidade de Riqueza equivale a uma classificação entre 2 e 1, quando a língua é usada em apenas alguns poucos domínios.**

Através da internet e da conexão ilimitada com inúmeras publicações nas redes sociais, para quem busca estudar a língua ou conhecer mais sobre a cultura italiana, está permanentemente disponível, dependendo da curiosidade e interesse daqueles que desejam buscar formação e conhecimento e entretenimento.

É importante destacar que mesmo que seja classificada entre 2 e 1 quanto ao uso do talian em “novos” domínios, estes precisam atrair seu público, o que não é o caso em grande parte das publicações, uma vez que interessam quase que exclusivamente a geração mais velha, sem um envolvimento maior de jovens. Atrair o público da geração mais jovem pode ser uma tarefa desafiadora, pois, além de haver meios de superar barreira da língua, como podemos ver na publicação do jornal na figura 09, apresentados aspectos culturais de interesses geral como músicas atuais e assuntos da atualidade abordados em o talian.

Figura 09: Página do Jornal Regional - Coluna Italiana

36
SEXTA-FEIRA, 10 DE JULHO DE 2020
COMPROMISSO E CREDIBILIDADE
VARIEDADES

COLUNA TALIANA

Notizie dall'Italia
Notizie, storie e canzoni

STORIE DELLA SERPE

Um bambino sedeva per terra davanti alla porta di casa e aveva accanto a si, uma scodellina di latte e pezzi di pane, e mangiava. In quella arrivò una serpe strisciando, ficò la sua testolina nella scodella e mangiò con lui. Il giorno dopo tornò ancora e così ogni giorno per un certo periodo di tempo.

Il bambino la lasciava fare, ma vedendo che la serpe bevia sempre solo il latte e non toccava i pezzetti di pane, prese il suo cucchiaino, la batté, un poco sul capo e disse: -Su, mangia anche il pane!-. In quel periodo il bambino era diventato bello ed era cresciuto.

Um giorno la madre se ne stava dietro di lui e, vedendo la serpe, corse fuori e l'ammazzò. Da quel momento il bambino incominciò a dimagrire e infine morì.

TRADUÇÃO

HISTÓRIA DA COBRA

Uma criança sentou-se no chão em frente à porta da frente, tomou uma tigela de leite e pedaços de pão ao lado e comeu. Uma cobra entrou rastejando, enfiou a cabeceira na tigela e comeu com ele. No dia seguinte, ela voltou e todos os dias por um certo período de tempo.

O menino a deixou fazê-lo, mas, vendo que a cobra sempre bebia leite e não tocava os pedaços de pão, ela pegou seu colher, bateu com um pouco na cabeça e disse: "Vamos, coma também o pão!". Naquele momento, o garoto havia se tornado bonito e crescido.

Um dia a mãe ficou atrás dele e, vendo a cobra, correu e a matou. A partir desse momento o menino começou a perder peso e finalmente morreu.

CULINÀRIA

TORTA MÁRMORE DE LEITE CONDENSADO

INGREDIENTES:

- 1 1/2 xícara (chá) de farinha de trigo
- 100 gramas de margarina
- 1/2 xícara (chá) de açúcar
- 2 unidades de gema de ovo
- 3 xícaras (chá) de leite
- 1 xícara (chá) de açúcar de confeiteiro
- 3 colheres (sopa) de amido de milho
- 1 lata de leite condensado
- 3 colheres (sopa) de Chocolate em pó

MODO DE PREPARO:

parar de mexer, cozinhe até engrossar. Deixe o creme esfriar, coberto com filme plástico, para não criar uma camada dura na superfície.

Cobertura: Misture muito bem o leite condensado, o chocolate em pó e reserve.

Montagem: Coloque o recheio sobre a massa e, por cima, distribua a cobertura.

Assar no forno preaquecido a 200°C durante aproximadamente 35 minutos. Retire do forno e deixe esfriar bem antes de servir.

Massa: Em uma tigela, misture a farinha de trigo, a margarina, o açúcar e a água. Cubra com filme plástico e deixe descansar na geladeira por 1 hora. Com um rolo, abra a massa e forme o fundo e as laterais de uma forma de 22 cm de diâmetro com aro removível. Reserve.

Recheio: No liquidificador, bata as gemas, o leite, o açúcar de confeiteiro e o amido. Transfira para uma panela, leve ao fogo brando e, sem

VILSON STAUD

Corretor de Imóveis
Creci 016610

Para que sonhar, se
você pode realizar!

COMPRA • VENDE • ALUGA • FINANCIA

(49) 9.9149-6790 | IPORÃ DO OESTE/SC

VENDE-SE
Chácara com 7.500 m² de área
próxima ao centro de
Iporã do Oeste - SC

Figura 9: Página do Jornal Regional - Coluna Italiana

Fonte: Jornal Noticiário Regional, julho de 2020.

Conforme anotações do caderno de campo, durante pesquisa sobre as mídias locais conversamos com o proprietário da rede do programa italiano na Rádio Caibi, que teve início com Erminio Palombit em 1992, quando era apresentado aos domingos das 10 às 12 horas. Este programa, nesse horário, teve duração de 15 anos e 4 meses, com o nome de “Programa Talian”. A partir do ano de 2007, o programa passou a ser chamado de “UM POQUETIM DE LA ITÁLIA²⁸”, era apresentado aos domingo,s das 06 às 08 horas, pelos descendentes de italianos, Nilton Gasparin, Iraci Antoninho Fazolo e Elói José Libano. A partir de 2018, o programa passou a ser apresentado por Arinei Brandalise, seguindo o mesmo nome, dia e horário. Durante

²⁸ Um pouquinho da Itália - Tradução nossa.

todo esse período, foram trabalhados vários aspectos da cultura italiana, principalmente a difusão da música, do dialeto e do humor através das piadas. Em alguns períodos foram também apresentados alguns assuntos da história, como a chegada dos italianos no Brasil, a colonização no Rio Grande do Sul, e a vinda dos italianos ao Oeste de Santa Catarina, sua luta, sua perseverança, como eram as diversões e o árduo trabalho.

A programação despertou o interesse dos artistas locais pela música italiana, houve um entusiasmo para produzirem suas próprias composições, o que resultou na gravação de CDs, regravando também músicas de outros autores, que além de tocarem na Rádio Caibi foram distribuídos para muitos grupos italianos da região. Segundo o senhor Gabriel Gandolfi, Diretor da rádio, o programa italiano sempre teve ótima audiência, e pode-se notar o interesse de muitas pessoas em manter o dialeto, valorizar a cultura, divulgar a história e a luta dos colonizadores para sua sobrevivência e das famílias. Conforme podemos perceber, o programa é mantido na rádio até os dias atuais.

Figura 10: Página da programação da Rádio Caibi



Figura 10: Página da programação da Rádio Caibi

Fonte: site da Rádio (<https://nossaradio.net.br/96.7/programacao/> Acessado em 10 fev 2023)

6.4 DIMENSÃO DIAZONAL

Essa dimensão é importante para entender como as línguas e dialetos se distribuem geograficamente e como as diferenças linguísticas podem ser influenciadas por fatores geográficos e históricos. A análise diazonal ajuda a identificar padrões e regularidades na distribuição geográfica das línguas e dialetos, bem como a entender como a história e a migração afetaram a diversidade linguística em uma região. Por meio da dimensão diazonal, que distingue caracteriza os comportamento linguístico dos informantes quanto ao espaço rural

e urbano, que vivem, pretendeu-se identificar correlações pontuais, incorporando à perspectiva vertical de análise linguística do ponto de pesquisa a perspectiva espacial-horizontal, analisando informantes membros Grupo de Cultura Italiana e não membros moradores da localidade de Riqueza. O objetivo da inclusão dessa dimensão na pesquisa foi observar qual grupo de informantes ocorrem mais atitudes positivas, negativas ou neutras em relação à língua italiana. Ao propormos essa abordagem de estudo, verificamos que os informantes, cuja participação no Grupo de Cultura Italiana é efetiva, manifestam atitudes positivas com a língua, ao passo que informantes, mesmo que descendentes de famílias italianas, porém sem efetiva participação nas atividades culturais, demonstram menor uso da língua.

As atividades do Grupo de Cultura Italiana “*Vivere e Cantare*” representam o momento em que os membros da comunidade de prática se encontram para fazer uso da língua.

Figura 11: Grupo de Cultura Italiana - Sanga Forte - Propriedade Família Nardi



Figura 11: Grupo de Cultura Italiana - Sanga Forte - Propriedade Família Nardi

Fonte: Acervo Grupo de Cultura Italiana, 2022.

Realizamos as entrevistas e perguntamos aos informantes da GII e GI, de ambos os gêneros e classes de escolaridade, tanto Ca quanto Cb: “Se fosse dizer o que mais o identifica como descendente de italianos, diria que é o que?” As respostas a essa pergunta mostram que mesmo aqueles que dizem não saberem talian ou que não utilizam o talian no seu dia a dia identificam-se com hábitos, costumes, jeito de ser e até mesmo a língua falada na cultura italiana presente na região, conforme demonstra o gráfico número 06. Os entrevistados lembram, de forma carinhosa, dos pais e avós e das conversas, leituras de alguns jornais e revistas da época que traziam textos, piadas e histórias em italiano. Ao longo das entrevistas, muitas vezes um sentimento saudosista fez parte dos relatos. Por vezes, ao falar da localidade

de Riqueza, a referência à família e ao período de colonização entrelaçam-se com a vida e a história da localidade.

Gráfico 05: O que o identifica como italiano?

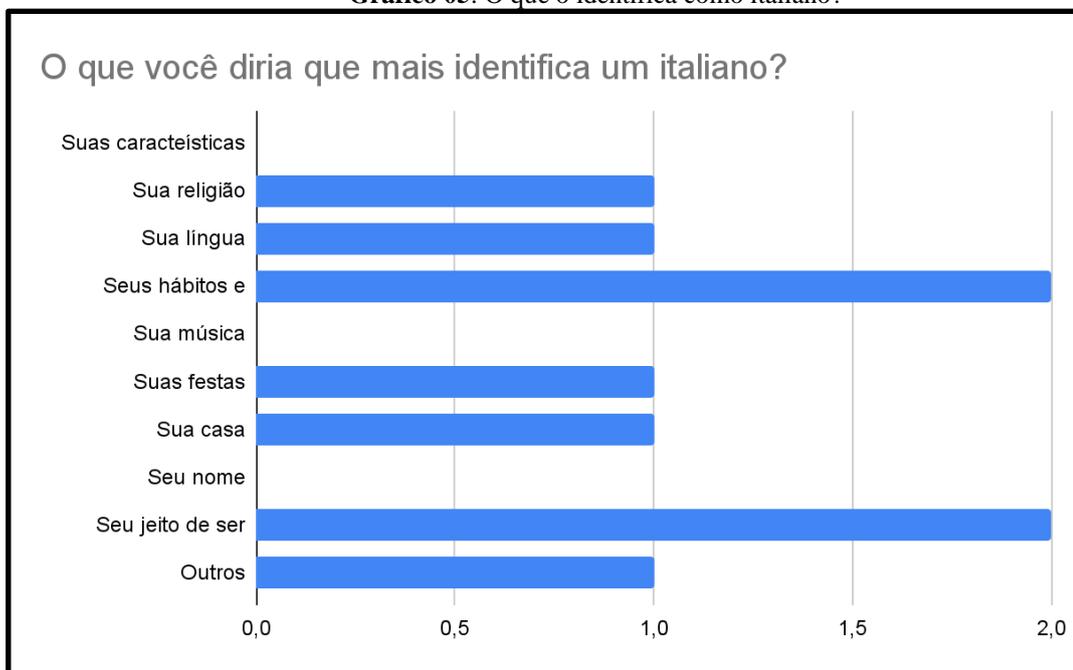


Gráfico 5: O que o identifica como italiano?

Fonte: Anotações do caderno de campo. (ZANELLA, 2023)

Para os informantes que participam da GCI, a identidade fica ainda mais evidente em toda esfera da vida. A oportunidade de se comunicar, cantar, conversar, contar histórias na língua de migração durante os encontros do grupo e nas visitas aos demais grupos de toda região, são sempre motivo de alegria e entusiasmo.

Fishman (2001, p. 145) apresenta o conceito de vitalidade etnolinguística, como a “capacidade de um grupo para sobreviver como uma entidade distinta coletiva em um cenário intergrupar”, a qual dependeria de fatores como o status (social, econômico, e de prestígio linguístico), força demográfica (números absolutos, concentração, natalidade, migração), suporte institucional e fatores de controle (presença da língua na mídia, no governo, na escola, etc.). Sendo assim, a investigação sobre a “ordem causal” da mudança linguística ou sobre os contextos e variáveis atuantes sobre os fenômenos da variação projeta sobre a pesquisa a necessidade de reconhecer até que ponto os falantes resistem ou se rendem às formas coexistentes (BUSSE, SELLA, 2012, p.81).

As mudanças estão no contexto mundial, na história da civilização. Porém, a dificuldade em manter os costumes e tradições faz parte de um contexto intrincado de políticas e conhecimento. O desinteresse das gerações mais jovens pela língua de imigração, representa a perda cultural e identitária que perpassa pelo item 5.6, o que se refere à democratização do ensino. Ter acesso ao ensino formal da língua contribui para a manutenção da língua. O talian é reconhecido como língua que possui as próprias regras, gramaticalmente definidas e com uma

ortografia. Balthazar e Perin Santos (2020) enfatizam a necessidade do desenvolvimento de material didático para o ensino do talian.

O fator ancestralidade pode estar ligado a muitos alunos no Brasil, mas não é o único. De fato, na elaboração do presente material didático foi levada em consideração não somente a ancestralidade, mas também o ambiente no qual o Talian é falado, ou seja, terras brasileiras. Por outro lado, tendo em vista a formação histórica e social desta língua é natural que descendentes de italianos se interessem pelo Talian. É comum, por exemplo, encontrar em comunidades ítalo-brasileiras pessoas que aprenderam Talian até mesmo antes de aprender português brasileiro. Ou ainda, aqueles que o falam, sobretudo com os familiares, sem nenhuma dificuldade. Nestes casos **o material didático pode ser usado como proposta de manutenção desta língua que, atualmente, nem sempre encontra grande espaço nas comunidades, ou ainda, como proposta para debater aspectos linguísticos do Talian ligados à identidade dos falantes, como por exemplo: orgulho, vergonha, variações, preconceito linguístico** etc (BALTHAZAR, PERIN SANTOS, 2020, p.862. Grifos nossos)

Em relação ao ensino de talian, não se trata apenas de alfabetização: falamos da estima de seus descendentes, da manutenção da língua enquanto patrimônio e identidade, da formação da língua e do povo brasileiro. É fundamental que tenhamos em mente o propósito sobre o ensino, pois para Balthazar e Perin Santos (2020), os materiais didáticos para ensino de línguas estrangeiras feitos para atender a vários públicos e ainda sem adequada aproximação às vivências dos alunos constituem materiais com baixa interlocução e conseqüentemente pouca relevância.

É nesse cenário que entra o parâmetro 6, apresentado na tabela 6, que se refere ao suporte linguístico e a produção de materiais para educação e alfabetização linguística. Esse parâmetro busca proporcionar a educação na língua, além de estimular a vitalidade linguística, retoma as tradições orais de uma língua minoritária. Esse fator está ligado diretamente às questões sociais e econômicas de uma comunidade linguística. Segundo esse parâmetro, o talian pode ser considerado uma língua em condições seguras, na medida em que conta com uma ortografia estabelecida, tradição de alfabetização com gramáticas, dicionários, textos, literatura e mídia referente a língua, Além disso, escrita na língua é usada na administração e na educação. Isso pode ser constatado no *site* do município e em documentos públicos, em Riqueza, não é utilizado. Assim como na educação, que utiliza material impresso de uma editora de ensino, o talian não faz parte da grade curricular de ensino.

Ao realizar a análise deste parâmetro referente ao **suporte linguístico e à alfabetização**, para que a língua seja considerada segura, é necessário que haja uma ortografia estabelecida, tradição de alfabetização com gramáticas, dicionários, textos, literatura e mídia cotidiana. Porém, a classificação encontrada na localidade de Riqueza corresponde a 2, pois, embora existam materiais escritos, esses podem ser úteis apenas para alguns membros da comunidade; para outros podem ter um significado apenas simbólico, como no caso cartas, livros de oração

e canções tradicionais, comumente encontrados em italiano. **A alfabetização na língua não faz parte do currículo escolar. No currículo escolar da rede pública estadual as línguas apresentadas são o Português e o Inglês, conforme figura 12 abaixo** Esse dado leva a **classificação do talian para severamente em risco, na localidade de Riqueza.** Vale lembrar que, no currículo escolar da rede pública estadual as línguas representadas são o português e o inglês.

Figura 12: Grade Curricular do Ensino Fundamental Estadual

ESTADO DE SANTA CATARINA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO 65995-EEB PROF GENOVEVA DALLA COSTA		10/02/23 10:33:50 SISGESC		Ano: 2023	
MATRIZ CURRICULAR					
Matriz/Curso	Área Ensino		ENS.FUND.ANOS FINAIS		
1181-ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS					
Matriz/Curso	Área Ensino	ENS.FUND.ANOS FINAIS	Período Diário	Período Anual	
Ens.Fund.	9 Anos		Diário	Anual	
Área de contratação	Aula em minutos	48	Semanas letivas	40	Quant. alunos da turma
ENS.FUND.ANOS FINAIS					37
Etapa	Final da vigência	Aulas Semanais	Nº de Alunos	Finalizante	Total C. H.
6 - ANO	/ /	25	0	Não	1248,000
Disciplina	Data Fim	C.H.	Aulas/Horas	Tipo Disc.	Aulas Est.
202 LÍNGUA PORTUGUESA	/ /	128,00	4	Regular	0
301 MATEMÁTICA	/ /	128,00	4	Regular	0
302 GEOGRAFIA	/ /	96,00	3	Regular	0
304 HISTÓRIA	/ /	96,00	3	Regular	0
307 EDUCAÇÃO FÍSICA	/ /	96,00	3	Regular	0
319 LÍNGUA ESTRANGEIRA - INGLÊS	/ /	96,00	3	Ling Estrang	0
611 ENSINO RELIGIOSO	/ /	32,00	1	Regular	0
612 CIÊNCIAS	/ /	96,00	3	Regular	0
628 ARTE	/ /	64,00	2	Regular	0
Etapa	Final da vigência	Aulas Semanais	Nº de Alunos	Finalizante	Total C. H.
7 - ANO	/ /	25	0	Não	1248,000
Disciplina	Data Fim	C.H.	Aulas/Horas	Tipo Disc.	Aulas Est.
202 LÍNGUA PORTUGUESA	/ /	128,00	4	Regular	0
301 MATEMÁTICA	/ /	128,00	4	Regular	0
302 GEOGRAFIA	/ /	96,00	3	Regular	0
304 HISTÓRIA	/ /	96,00	3	Regular	0
307 EDUCAÇÃO FÍSICA	/ /	96,00	3	Regular	0
319 LÍNGUA ESTRANGEIRA - INGLÊS	/ /	96,00	3	Ling Estrang	0
611 ENSINO RELIGIOSO	/ /	32,00	1	Regular	0
612 CIÊNCIAS	/ /	96,00	3	Regular	0
628 ARTE	/ /	64,00	2	Regular	0
Etapa	Final da vigência	Aulas Semanais	Nº de Alunos	Finalizante	Total C. H.
8 - ANO	/ /	25	0	Não	1248,000
Disciplina	Data Fim	C.H.	Aulas/Horas	Tipo Disc.	Aulas Est.
202 LÍNGUA PORTUGUESA	/ /	128,00	4	Regular	0
301 MATEMÁTICA	/ /	128,00	4	Regular	0
302 GEOGRAFIA	/ /	96,00	3	Regular	0
304 HISTÓRIA	/ /	96,00	3	Regular	0
307 EDUCAÇÃO FÍSICA	/ /	96,00	3	Regular	0
319 LÍNGUA ESTRANGEIRA - INGLÊS	/ /	96,00	3	Ling Estrang	0
320 LÍNGUA ESTRANGEIRA - ESPANHOL	/ /	96,00	3	Ling Estrang	0
611 ENSINO RELIGIOSO	/ /	32,00	1	Regular	0
612 CIÊNCIAS	/ /	96,00	3	Regular	0
628 ARTE	/ /	64,00	2	Regular	0
Etapa	Final da vigência	Aulas Semanais	Nº de Alunos	Finalizante	Total C. H.
9 - ANO	/ /	25	0	Não	1248,000
Disciplina	Data Fim	C.H.	Aulas/Horas	Tipo Disc.	Aulas Est.
202 LÍNGUA PORTUGUESA	/ /	128,00	4	Regular	0
301 MATEMÁTICA	/ /	128,00	4	Regular	0
302 GEOGRAFIA	/ /	96,00	3	Regular	0
304 HISTÓRIA	/ /	96,00	3	Regular	0
307 EDUCAÇÃO FÍSICA	/ /	96,00	3	Regular	0
319 LÍNGUA ESTRANGEIRA - INGLÊS	/ /	96,00	3	Ling Estrang	0
611 ENSINO RELIGIOSO	/ /	32,00	1	Regular	0
612 CIÊNCIAS	/ /	96,00	3	Regular	0
628 ARTE	/ /	64,00	2	Regular	0

Figura 12: Grade Curricular do Ensino Fundamental Estadual

Fonte: EEB Professora Genoveva Dalla Costa, 2023.

No parâmetro, 7 - trata atitudes e políticas institucionais e governamentais de linguagem, podemos comprovar o não uso da língua na administração pública através das publicações realizadas ou nas placas e locais públicos, bem como na página oficial da prefeitura municipal de Riqueza. Respeitar e proteger a língua dos colonizadores como a própria identidade, das etnias fundadoras da localidade, dando visibilidade nos ambientes públicos e oportunizando o ensino. o governo municipal de Riqueza incentiva a cultura através de atividades como corais e festividades que retomam a colonização. Porém, o reconhecimento das línguas minoritárias não está devidamente contemplado, ao menos não da forma como poderia. **Não existe nenhuma política explícita para as línguas minoritárias. Ou seja, a**

classificação 3: assimilação passiva. A assimilação passiva leva à perda gradual da língua materna e à assimilação cultural, com consequências significativas para a identidade e a coesão social do grupo minoritário.

Devemos observar que o processo migratório é contínuo, isto é, está em movimento permanente de culturas e línguas. Pensar em uma educação que garanta a pluralidade linguística, especialmente na conscientização e no respeito à diversidade, dos grupos que fazem parte da história de formação de Riqueza, é um ponto importante a considerar. Um exemplo de projeto que poderia servir de inspiração é o projeto PLURES, desenvolvido no Colégio de Aplicação da UFRGS.

O projeto de extensão PLURES — Plurilinguismo e Escola do Colégio de Aplicação da UFRGS, criado em 2018, aborda a pluralidade linguística do Brasil e do mundo através da produção e da aplicação de atividades teórico-práticas voltadas para a educação básica com o objetivo de ampliar as perspectivas linguísticas dos alunos, transformando a sala de aula em um ambiente fértil para difundir a interculturalidade e o conhecimento à respeito da linguagem e diversidade linguística. (KUCHENBECKER; PASSOS DOS SANTOS, 2019, p. 126)

No município de Riqueza, as atividades escolares priorizam o ensino de língua portuguesa e oferecem como segunda língua as aulas de língua inglesa, conforme podemos verificar na grade curricular das escolas estaduais e municipais. A primazia de uma educação para formação de um ser humano protagonista da própria vida vem ocultando a história de formação de um povo heterogêneo, cuja língua tem sido apagada cotidianamente em prol de uma vida “moderna” sem as narrativas da língua dos imigrantes e seus descendentes.

Figura 13: Página do Site da Prefeitura de Riqueza



Figura 13: Página do Site da Prefeitura de Riqueza

Fonte: <https://riqueza.sc.gov.br/pagina-2665/> Acesso em 11 fev 2023.

Figura 14: Portal na entrada da Cidade de Riqueza



Figura 14: Portal na entrada da Cidade de Riqueza

Fonte: <https://riqueza.sc.gov.br/pagina-2665/> Acesso em 11 fev 2023.

Por fim, verificamos como se comporta o parâmetro 9 Unesco, que avalia a quantidade e qualidade da documentação, mesmo línguas com muitos milhares de falantes não estão mais sendo adquiridas por crianças; pelo menos 50% das mais de seis mil línguas do mundo estão perdendo falantes. O registro e a documentação são mecanismos para proteger e resgatar as línguas em risco. Segundo a classificação da Unesco (2003), é necessário para proteção da língua a existência de gramáticas, dicionários e produção contínua de materiais, bem como gravações de vídeo e áudio em alta qualidade. Atualmente, o município de Riqueza não possui registros de nenhuma natureza da língua. Desta forma, a classificação da documentação em Riqueza/SC é considerada inadequada para proteção da língua, não possui acervo de áudio nem anotações da língua. Segundo a Unesco, a documentação e o registro das línguas minoritárias são de extrema importância por várias razões. A Unesco reconhece a diversidade linguística como um patrimônio cultural da humanidade e destaca a importância de preservar e promover todas as línguas, especialmente aquelas em risco de desaparecimento. Ao documentar e registrar as línguas minoritárias, é possível preservar o conhecimento, a história, as tradições e os valores culturais transmitidos por meio dessas línguas. Isso contribui para a salvaguarda do patrimônio cultural e evita a perda irreparável de expressões únicas e significativas de identidades culturais. Portanto, a documentação e o registro das línguas minoritárias são essenciais para a promoção da diversidade cultural, o respeito aos direitos linguísticos e a preservação do patrimônio imaterial da humanidade. Por fim, na tabela 12, organizamos uma síntese com os parâmetros analisados, a classificação em Riqueza e uma breve análise:

Tabela 13: Análise dos Parâmetros da Unesco em Riqueza

Parâmetro da UNESCO	Classificação em Riqueza	Análise
Parâmetro 1 - transmissão intergeracional de linguagem minoritária.	Talian, na localidade de Riqueza, encontra-se severamente em risco de desaparecer no decorrer de algumas décadas.	Predominantemente os informantes declararam que a língua é utilizada principalmente pelos avós e idosos.
Parâmetro 2 - número absoluto de falantes²⁹	A classificação aponta que a língua se apresenta severamente ameaçada, não ultrapassando 02 na pontuação.	A minoria fala a língua, a língua encontra-se severamente em risco.
Parâmetro 3 - Proporção de falantes dentro da população total.	Classificação dois, uma minoria fala língua, a língua está severamente em risco.	Comprovadamente o número reduzido de falantes/usuários coloca em risco a vitalidade da língua minoritária.
Parâmetro 4 - tendências em domínios de linguagem existentes, a competência na língua em risco.	A classificação atual do talian não ultrapassa 01.	Quando a língua é usada apenas em um número restrito de domínios e para poucas funções.
Parâmetro 5 – resposta aos novos domínios, sejam eles de emprego, educação ou mídia.	A classificação fica entre 02 e 01, quando a língua é utilizada em apenas alguns poucos domínios.	Mantém-se um programa de rádio local, de transmissão semanal, na Rádio Caibi. A página no jornal, Noticiário Regional, deixou de ser publicada em 2020
Parâmetro 6 – Suporte linguístico de línguas e a produção de materiais para educação e alfabetização linguística.	Classificação do Talian para severamente em risco na localidade de Riqueza	A alfabetização na língua não faz parte do currículo escolar
Parâmetro 7 - Atitudes e políticas institucionais e governamentais de linguagem.	A classificação três, assimilação passiva	Não existe nenhuma política explícita para as línguas minoritárias, o português prevalece no domínio público.
Parâmetro 8 - atitude dos membros da comunidade com a língua.	A classificação dois deixa a língua em risco de extinção.	A grande maioria não desenvolveu a habilidade da fala, o ensino da língua ficou comprometido.

²⁹ Para realizarmos a análise dos Parâmetros 2 e 3 avaliamos proporcionalmente ao número de informantes da amostra.

Parâmetro 9 - Quantidade e a qualidade da documentação.	A classificação da documentação na cidade de Riqueza é considerada inadequada para proteção da língua, não possui acervo de áudio nem anotações da língua.	Atualmente o município não possui registros da língua de nenhuma natureza.
--	--	--

Tabela 13: Análise dos Parâmetros da Unesco em Riqueza

Fonte: Zanella 2023

Cabe acrescentar que existe em Riqueza um museu, recentemente inaugurado, com acervo histórico de fotos e objetos, organizado pela historiadora Silvani Morgenstern Di Domenico. Em 2020 e 2021, a historiadora organizou um documentário sobre o início da colonização, com a produtora Catavento, de Pinhalzinho. O material está disponível no *YouTube*³⁰.

A situação das línguas minoritárias no Brasil é bastante desafiadora e complexa. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem mais de 200 línguas indígenas faladas no país, além de outras línguas minoritárias como o crioulo de base lexical portuguesa e as línguas de imigração. De acordo com o IPOL, existem cerca de 25 línguas de imigração faladas no país. No entanto, muitas dessas línguas estão ameaçadas de extinção devido a diversos fatores, como a perda de falantes, a falta de políticas públicas para sua preservação e a falta de valorização por parte da sociedade em geral.

Na educação, por exemplo, o ensino de línguas minoritárias ainda é bastante limitado e muitas vezes restrito a escolas específicas ou comunidades indígenas. Além disso, a falta de materiais didáticos e de professores capacitados para ensinar essas línguas também é um grande desafio. Na sociedade em geral, as línguas minoritárias muitas vezes são vistas como inferiores ou menos importantes do que o português, o que leva à sua exclusão e marginalização. Isso acaba afetando a identidade cultural e o patrimônio linguístico dessas comunidades. Portanto, é fundamental que sejam adotadas políticas públicas que visem a preservação e promoção das línguas minoritárias, assim como a valorização da diversidade linguística como um todo.

³⁰Pesquisa, preservação e educação patrimonial em Riqueza/SC - Associação Cultural Friedrich Hass. Disponível em: <https://youtu.be/lw52zu4ZjWA>

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise das dimensões investigadas e tendo em vista os conceitos e parâmetros da Unesco (2003), para avaliar a vitalidade do talian, cabe fazer uma conclusão sobre as hipóteses testadas, as observações e análises feitas ao longo do estudo, enfim avaliar o percurso da pesquisa e os principais resultados alcançados. Como primeiro passo, vejamos os principais resultados obtidos nas dimensões apresentadas no estudo:

A partir da **dimensão diageracional**, registramos que os graus de dominância do português nas entrevistas realizadas com os grupos GI (geração dos jovens) mostraram-se, conforme o esperado, mais elevados, confirmando a hipótese inicial. Com o ingresso na escola desde os anos iniciais, um maior contato com centros urbanos e universitários e um acesso mais amplo à mídia e às plataformas digitais, o contato com o português foi facilitado para as gerações mais jovens. As gerações mais velhas, por outro lado, iniciaram sua escolarização mais tarde, tendo uma vivência mais constante no domínio da família e um maior contato com a variedade local. A transmissão intergeracional não vem ocorrendo. Mesmo que a geração mais jovem reconheça ser importante saber talian, a vitalidade decresce; quanto menor a idade, menos as gerações mais jovens aprendem e não utilizam as habilidades comunicativas do talian. Daí decorre, usando a classificação da Unesco (2003), que a **língua encontra-se severamente em risco. Podemos dizer que seu quadro é de um língua até criticamente em risco, visto que, como mostram os dados e as observações feitas, apenas as gerações mais velhas a utilizam.** Assim, também se confirma essa hipótese geral de que falantes da geração mais velha costumam manter com maior vitalidade sua língua materna de origem, no caso o talian, enquanto as gerações mais jovens aderem à linguagem de maior prestígio e *status* social, no caso português. Esse resultado soa também como um alerta que pode ser tardio, caso não haja consciência das famílias em repassar às gerações mais jovens sua língua e costumes, do poder público, em manter viva a cultura de seu povo e de cada indivíduo que busca conhecer sua identidade cultural.

Na **dimensão diastrática**, observamos graus maiores de dominância do português nas entrevistas realizadas com os grupos Ca (maior escolaridade). Assim, a hipótese inicial se confirma, ainda que não de forma tão determinante quanto o esperado. Os informantes da Ca pressupõem um afastamento do falante da variedade local, falada atualmente em poucas famílias, para um maior contato com o português no ambiente acadêmico, com uma aprendizagem com uso formal da língua no cotidiano de trabalho ou mesmo doméstico.

Conforme Horst e Krug (2015), a negação da variedade minoritária está ligada a questões de prestígio e estigmatização atribuídas a ela, a partir sobretudo do momento em que o indivíduo começa a frequentar a escola.

A manutenção do talian nas famílias da Cb acontece por se tratar de um convívio com foco familiar, sem a demanda do uso institucional da língua, seja para comunicação diária ou para o trabalho. **Quanto à classificação do parâmetro de análise da Unesco (2003), a pontuação atingida fica entre 2, quando a minoria da população fala a língua, e 1, quando bem poucas pessoas falam essa mesma língua.** O talian, na localidade de Riqueza, encontra-se, nesse sentido, severamente em risco, o que nos faz refletir sobre quem são os falantes da língua, se não há mais falantes nas gerações jovens, futuras transmissoras da língua. Encontramos, em nossa pesquisa, homens e mulheres que se identificam com características da língua e da cultura italiana, mas, não desenvolveram habilidades comunicativas na língua de imigração. Para análise, empregamos a pontuação estabelecida pela Unesco (2003), que verifica a competência na língua em risco, isto é, a capacidade comunicativa dos indivíduos, tanto no que se refere à oralidade quanto à escrita, fator que auxilia e é determinante para a sua transmissão às próximas gerações. **Utilizando os mesmos parâmetros da Unesco (2003), analisamos os dados coletados nas entrevistas, com a pontuação entre 2, quando a língua é utilizada em domínios sociais limitados para poucas funções, e 1, quando a língua é usada apenas em um número restrito de domínios e para poucas funções.** O uso do talian fica restrito à rede de família e amigos.

Não identificamos mitos ou crenças presentes nas falas dos informantes, ou recorrentes na comunidade, ou ideologias associados à cultura majoritária que permitissem descrever uma motivação para que a comunidade abandonasse o talian. Porém, o grau de vitalidade é refletido pelos números de falantes e a presença dessa língua, se ela circula no comércio, na igreja, na escola, nos encontros festivos, em ambientes públicos, programas de rádio, entre outros. Identificamos, com a classificação dos parâmetros da Unesco (2003), que **a pontuação referente à atitudes dos membros da comunidade com relação à língua atinge a pontuação 2, uma vez que alguns membros dão suporte à manutenção da língua; outros são indiferentes ou podem até suportar a perda da sua língua de origem.** A constatação nos traz um alerta mostrando que a língua está seriamente em risco de extinção, à medida que cada membro negligencia a língua de seus antepassados. Para horst e Krug (2015), a identidade e a diferença andam em estreita conexão com o poder e o prestígio.

O uso da língua no que se refere à circulação-mídias: rádios, TVs, programas específicos da língua, jornais, entre outros. Todos esses fatores são significativos para identificar a presença

e a vitalidade de uma língua minoritária, assim como também para pensar em ações de salvaguarda uma língua que pode estar em situação de risco. Apesar de vivermos um momento de conexão diária com páginas da internet, de infinito conteúdo sobre história, cultura e a língua, a realidade das pequenas localidades e de uma parcela considerável da população, tal qual a localidade de Riqueza, não se encontra inserida neste contexto. A circulação de jornais, revistas, bem como de programas de rádio locais, são sem dúvida fonte de conhecimento e informação para um número maior de riquezenses. **Atualmente, a pontuação em resposta a esses novos domínios e mídias classifica-se em 2, ao passo que a língua é usada em alguns novos domínios. Os dados levantados apontam, em relação a esse parâmetro, um alto risco de extinção do talian, na localidade de Riqueza.**

Em relação à dimensão diazonal, observou-se uma correlação entre a participação dos indivíduos no Grupo de Cultura Italiana e o uso frequente do talian, portanto, a hipótese inicial se confirmou. Constatou-se, por outro lado, maiores graus de dominância do português entre os informantes que não participam das atividades culturais, mesmo que admitam a importância de manter as tradições e costumes de seus antepassados. Considerando a formação histórica da localidade de Riqueza, esses imigrantes entraram em contato, nessa região, com outros grupos étnicos como alemães, teuto-russos e luso-brasileiros. Nesse contexto, intensificou-se, ao mesmo tempo, o contato com o português como língua de integração entre esses grupos. Tanto aspectos da ocupação geográfica como fatores sociais facilitaram a troca entre as comunidades de imigrantes do interior e dos falantes monolíngues do português; em um período em que o português já estava mais presente nas comunidades de imigrantes, seja pela educação, seja pela urbanização crescente e pelo maior intercâmbio de informações.

No sistema de ensino, responsável pelo parâmetro de **suporte linguístico e à alfabetização**, a produção de materiais para educação e alfabetização linguística, responsáveis por proporcionar a educação na língua, além de estimular a vitalidade linguística, retoma as tradições orais de uma língua minoritária. Esse fator está ligado diretamente às questões sociais e econômicas de uma comunidade linguística. Segundo Horst e Krug (2015), todos esses traços, ou melhor, crenças populares, podem influenciar e até mesmo integrar a identidade de um grupo, levando à inibição ou proibição do uso de mais de uma variedade.

Nesse quesito, a pontuação atingida para esse parâmetro foi 2, conforme critérios apresentados na figura 2 , pois existem materiais escritos, esses podem ser úteis apenas para alguns membros da comunidade; para maioria sobretudo de jovens, podem ter um significado meramente simbólico. Além disso, a alfabetização na língua minoritária não

faz parte do currículo escolar. De qualquer modo, ela teria que ser nesse caso conduzida em uma língua não mais conhecida, aumentando as dificuldades.

Manter a língua viva é manter a história, cultura e o conhecimento. Sendo assim, incentivar que as línguas minoritárias estejam presentes nos diferentes domínios de uso, e não deixem de ser transmitidas às gerações mais jovens, constitui uma das metas principais na promoção linguística (*language promotion*). Sabemos que o incentivo ao ensino da língua e a valorização das atividades culturais são premissas no incentivo às futuras gerações, portadores deste saber inestimável, como depositários do patrimônio cultural das línguas minoritárias. **A classificação da documentação na cidade de Riqueza é considerada inadequada para proteção da língua, não possui acervo de áudio nem anotações da língua.** Acreditamos desta forma ter contribuído com esta pesquisa para alertar sobre o risco iminente da extinção do talian em Riqueza/SC.

A defesa das línguas minoritárias depende não só dos interesses políticos, nem somente dos indivíduos de forma isolada, ou da família, mas de um esforço conjunto para desenvolver o ambiente que proporcione a “saúde linguística” dos cidadãos do país, no exercício de sua cidadania (OLIVEIRA, ALTENHOFEN, 2011).

De acordo com a Unesco em 2003, algumas das atividades que devem ser desenvolvidas para assegurar a vitalidade linguística incluem:

1. Documentação linguística: coleta, registro e análise de informações linguísticas e culturais, tais como gramáticas, dicionários, histórias orais, entre outros;
2. Valorização e promoção da língua: promoção da língua como patrimônio cultural, valorização das habilidades linguísticas e culturais dos falantes, desenvolvimento de atividades culturais e educacionais que incentivem o uso da língua;
3. Formação e capacitação: formação de professores, linguistas, tradutores, intérpretes e outros profissionais que possam contribuir para a preservação e promoção da língua;
4. Políticas públicas e planejamento linguístico: adoção de políticas públicas que valorizem a diversidade linguística e cultural, planejamento linguístico para promover a coexistência de línguas e a inclusão de línguas minoritárias nas esferas pública e privada;
5. Desenvolvimento de materiais educacionais: desenvolvimento de materiais educacionais que respeitem a diversidade linguística e cultural, bem como o contexto sociolinguístico dos alunos.

Essas atividades visam a preservação e promoção das línguas minoritárias, garantindo sua vitalidade e promovendo sua inclusão e reconhecimento na sociedade. Ensinar para uma compreensão da pluridimensionalidade da variação das línguas e dos benefícios do plurilinguismo, tanto socialmente quanto cognitivamente, no sentido de uma educação plurilinguística, como propõe Broch (2014), Horst, Fornara e Krug (2017), Horst e Krug (2020) e Horst, Frizzo, Fornara e Krug (no prelo), requer esforços mútuos. Família, escola e sociedade engajadas para fortalecer e preservar suas raízes. A língua deve ser reconhecida como patrimônio de um povo, pois, a perda da pluralidade linguística somente poderá ser evitada, contida ou reduzida quando a compreensão sobre a diversidade das línguas minoritárias tiverem reconhecidos sua significância no mundo moderno/globalizado, tanto no cotidiano dos falantes, quanto na vida globalizada.

REFERÊNCIAS

AHLERT, Lucildo. **Gramática da língua Westfaliana Brasileira: expressões do cotidiano dos westfalianos**. Lajeado: Edição do Autor, 2021. 334 p.

ALMURASHI, Wael Abdulrahman. Why we should care about language death. *International Journal of English Language and Linguistics Research* Vol.5, No 5, pp. 62-73, October 2017
_____. Published by European Centre for Research Training and Development UK
file:///C:/Users/User/Downloads/Why-We-Should-Care-About-Language-Death.pdf Acessado em 03/03/2022

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. O estudo de línguas de imigrantes no Brasil. O exemplo do “Hunsrückisch” no Rio Grande do Sul. **Cadernos do Instituto de Letras**, Porto Alegre, n. 18, p. 17-26, 1997.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana**, v. 2, n. 1 (3), p. 83-93. 2004. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41678200>. Acesso em: agosto de 2022

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. **Revista de Letras Norte@mentos**, Sinop, n. 12, v. 6, 2013.

ALTENHOFEN, Cléo V. et al. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. **Línguas em contato: onde estão as fronteiras**, p. 69-103, 2014.

ALTENHOFEN, Cléo V.; OLIVEIRA, Gilvan M. O in vitro e o in vivo na política da diversidade linguística do Brasil: inserção e exclusão do plurilinguismo na educação e na sociedade. In: ALTENHOFEN, Cleo V.; MELLO, Heliana; RASO, Tommaso. (Org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

ALTENHOFEN, Cléo. V; BROCH, I. K. **Fundamentos para uma “pedagogia do plurilinguismo” baseada no modelo de conscientização linguística (language awareness)**. In: V ENCUESTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS, 2011, Montevideo. Anais... Montevideo, 2011. p. 15-24.

APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. *Language contact and bilingualism*. London; New York [u. a.]: Arnold, 1992. [1987] 213 p.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. As pesquisas geolinguísticas do português do Brasil. In: DIETRICH, Wolf; NOLI, Volker (Org.). **O Português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual**. Vervuert: Iberoamericana, 2004. p.75- 92.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **Língua, Linguagem, Linguística**: Pondo os pingos nos ii. 1 Ed., São Paulo: Parábola editorial, 2014.

BALTHAZAR, Luciana Lanhi; SANTOS, Joviana Maria Perin. Material didático para ensino de *talian* como língua de Herança no Brasil. **Revista X**, [S.L.], v. 15, n. 6, p. 859-882, 12 dez. 2020. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v15i6.76820>. Acesso em: janeiro de 2023

BATTISTI, Elisa. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. (org). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. p.79-98. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-7cap>. Acesso em: dezembro de 2022

BERNIERI, Simone Raquel. **Crenças e atitudes linguísticas em relação a línguas minoritárias**: alemão em São Carlos/SC e italiano em Coronel Freitas/SC. 2017. 185f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.

BUSSE, Sanimar; SELLA, Aparecida Feola. Uma análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do oeste do Paraná. **Signum**: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 1, n. 15, jun., p. 77-93, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2012v15n1p77>. Acesso: 14 mar. 2023.

BROCH, Ingrid Kuchenbecker. Ações de promoção da pluralidade linguística em contextos escolares. 2014. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. 268 f. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/102190>. Acesso em: 20 abr. 2023.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CARDOSO, Suzana A. Dialetoлогия In: FERRAREZI JÚNIOR, C.; MOLLICA, M. C. (org). **Sociolinguística, Sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p.13-22. Disponível em: https://www.dropbox.com/s/b0qphe3w2gtl3iz/sociolinguistica_sociolinguistica_leia_um_trecho.pdf?dl=0. Acesso em: janeiro de 2023

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. Percursos da geolinguística no Brasil. **Linguística**, Montevideo, v. 29, n. 1, p. 115-142, jun. 2013. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2013000100006&lng=es&nrm=iso. Acesso em: agosto de 2022

CHOMSKY, Noam. 1928. **Linguagem e mente**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editoria UNESP, 2009.

CHOMSKY, Noam; DUARTE, Inês; GONÇALVES, Anabela; ALVES, Ana Teresa; MARTINS, Maria Raquel Delgado. **O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso**. Lisboa: Caminho, 1994. Disponível em: <http://biblioteca.essa.scml.pt/Opac/Pages/Document/DocumentCitation.aspx?UID=b7d61d7a-332a-48cb-a427-916a51f4e0ff&opac>. Acesso em: 22 jan. 2023.

COELHO, Izete Lehmkuhl. et al. **Para conhecer a sociolinguística**. 1 Ed., 3 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. Língua, cultura e identidade. **Entreletras**, Araguaína/TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013.

COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la dialectología*. México : Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

COSERIU, Eugenio. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/ UFSC, 2010.

COSERIU, Eugenio. “Língua histórica” e “Dialeto”. **Cadernos de tradução**, Porto Alegre, n. 40, 2017.

DI DOMÊNICO, Silvani Morgenstern. **Iracema – Riqueza: fragmentos de uma história**. Riqueza: Editora Argus, 2010.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Communities of practice: Where language, gender, and power all live. In: HALL, Kira; BUCHOLTZ, Mary; MOONWOMON, Birch (eds.). **Locating Power, Proceedings of the 1992 Berkeley Women and Language Conference**. Berkeley: Berkeley Women and Language Group, 1992. p. 89-99.

ECKERT, Penelope. Communities of practice. In: BROWN, Keith (ed.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Elsevier, 2006. p. 683-685

FIORIN, José Luiz.(org.). **Linguística? O que é isso?** 1.ed., 3 reimpressão - São Paulo. Contexto, 2019.

FISHMAN, Joshua A. The relationship between micro- and macro-sociolinguistics in the study of who speaks what language to whom and when. In: Pride, J. B. & Holmes, Janet (eds.): **Sociolinguistics**. Harmondsworth: Penguin Books, 1972. p. 15-32.

FISHMAN, Joshua A. **La sociologia del linguaggio**. Tradução Maurizio Gnerre. Roma: Officina Edizioni, 1975.

FRANCHETTO, Bruna. Línguas em perigo e línguas como patrimônio imaterial. **Revista do Patrimônio Histórico e artístico nacional: Patrimônio imaterial e biodiversidade**. n. 32/2005.

Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/rev_pat_n32.pdf. Acesso em: 05 jun. 2021.

FROSI, Vitalina Maria. A identidade étnica e linguística do ítalo-brasileiro: sua constituição e reconstrução. **Signum**: Estudos da Linguagem, v. 16, n. 2, p. 101, 25 dez. 2013. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2013v16n2p101>. Acesso em: novembro de 2022

HASSELSTRON, Munick Maria. **Línguas de imigração em contato com o português no oeste catarinense**: crenças e atitudes linguísticas. 2018. 146f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018.

HICKEY, Raymond. *Contact and language shift*. In: HICKEY, Raymond (ed.). *The handbook of language contact*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 151-169.

HORST, Cristiane. KRUG, Marcelo Jacó. Identidade e comportamento étnico-linguístico em um contexto multilíngue no sul do Brasil: teoria e prática. **Nonada**: Letras em Revista, Porto Alegre, v. 1, n. 24, 2015, p. 173-187.

HORST, Cristiane. KRUG, Marcelo Jacó. Desafios de uma educação plurilinguística em um país que se diz monolíngue: um estudo de caso. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 23, n. 4, p. 1274-1296, out.-dez. 2020.

HORST, Cristiane. KRUG, Marcelo Jacó. Brazilianische Westfälische Grammatik. **Jornal Certel**, julho de 2022.

HORST, Cristiane; FORNARA, Ana Elizabeht; KRUG, Marcelo. Estratégias de manutenção e revitalização linguística no Oeste Catarinense. **Organon**, v. 32, n. 62, 2017.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó; HORST, Aline. Brazilianische Westfälische Grammatik. **Jornal Certel**. Lajeado, p. 01-12. jul. 2022. Disponível em: <https://www.certel.com.br/Informativos?pagina=2>. Acesso em: 23 fev. 2023.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ROMANO Valter Pereira. Discutindo a dimensão sociolinguística do projeto ALiB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes. **Revista de Linguística**, São José do Rio Preto. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198157942012000300008&lng=pt&nrm=iso. Aceso em: 10 fev. 2021.

IPOL. Lista de línguas cooficiais em municípios brasileiros. Disponível em: <http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipios-brasileiros/>. Acesso em: 10 mar. 2023

KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano (org.). **Linguística Funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003. p. 17-28.

KING, Kendall A.; MACKEY, Alison. **The bilingual edge: Why, when, and how to teach your child a second language**. New York: Collins, 2007.

KOELLN, Arno. **Porto Feliz: A história de uma colonização às margens do Rio Uruguai**. São Leopoldo: Serviço gráfico de Rotermond S.A., 1980.

KRUG, Marcelo Jacó; HORST, Cristiane; WEPIK, Fernanda Fátima. Code-Switching na fala de polono-brasileiros de Áurea/RS. **Domínios de Lingu@ gem**, p. 1404, 2016.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradutores: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Língua e cultura taliana no Paraná: ações para salvaguarda da língua de herança. Anais do XXXV ENANPOLL, online, 2020. Acesso em: 15 de abril de 2023.

MACHADO, João. Bialfabetização e Letramento com Adultos em Guarani/Português: é possível? Um estudo Etnográfico e valorização do Tetã Guarani. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2013. 117f

MACKEY, W.F. How can bilingualism be described and measured? In: KELLY, L.G. (org.). Toronto: University of Toronto Press (1969), 1966, p.2-9.

MACKEY, W.F. The Description of bilingualism. In: FISHMANN, Joshua A.(ed.). **Reading in the Sociology of language**. 3.ed.The Hauge: Mouton, 1972, p.554-584.

MARGOTTI, Felício Wessling. Difusão socio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil. 2004. 332f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2.ed., 7ª impressão. São Paulo: Contexto, 2020.

MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; RASO, Tommaso (orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.) **Introdução à Sociolinguística o tratamento da variação**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2020.

OLIVEIRA, Gilvan Muller de. Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência lingüística. **Synergies Brésil**, n. 7, 2009, p. 19-26.

OLIVEIRA, Gilvan Muller de. A cooficialização de línguas em nível municipal no Brasil: direitos linguísticos, inclusão e cidadania. In: **Leis e Línguas no Brasil: o processo de cooficialização e suas potencialidades**. Florianópolis: IPOL, 2015, p. 23-30

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU)/(UNESCO). Para a Educação a Ciência e a Cultura. Document. In: CONFERENCE INTERNATIONAL EXPERT MEETING ON THE

UNESCO PROGRAMME SAFEGUARDING OF INDANGERED LANGUAGES. 144 Language Vitality and Endangerment. 10 to 12 March 2003, Paris. Anais [...]. Paris: ONU, 2003. p. 1-27.

PERTILE, Mariley Terezinha. **O *talian* entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho.** 2009. 248f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIQUEZA. Disponível em <https://www.riqueza.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/18636>. Acessado e 31/01/2022

PONSO, Leticia. **Variação do português em contato com o italiano na comunidade bilíngue de São Marcos - RS.** 2003. 113f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

RADIN, José Carlos. **Imigração Italiana em Santa Catarina e no Paraná: fontes diplomáticas italianas.** Chapecó: Editora UFFS, 2020.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética.** São Paulo: Editora Parábola, 2003.

RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício da nação brasileira no oeste catarinense.** 2 ed. Chapecó: Argos, 2006.

RODRIGUES, Sarah Lotário. **Mi parlo *taliàn*: uma análise sociolinguística do bilinguismo português-dialeto italiano no município de Santa Teresa, Espírito Santo.** 2015, 204f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

ROMAN, Jonathan Romário. **Bilinguismo *talian*-portuguêsrio-grandense em Chapecó.** Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. **Fórum Linguístico**, p. 187-207, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2011v8n2p187> Acesso em: 15/02/2021

SAUSSURE, F. de. Curso de Linguística Geral. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

SCHNEIDERS, Michele. MALACARNE, Rafaella Salvini. BUSSE, Sanimar. Dialectologia Pluridimensional e Relacional: revisitando o catálogo de teses e dissertações da CAPES. Web. Revista Sociodialeto. ISSN: 2178-1486. Volume 10. Número 30. Abr 2020

SEVERO, Cristine Gorski. Linguagem e sociedade: algumas reflexões sobre determinismo. **Working Papers em Linguística**, v. 8, n. 1, p. 127-140, 2004..

SEVERO, Cristine Gorski. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. **Revista Voz das Letras**, n. 9, p. 1-17, 2008.

SKUTNABB-KANGAS, Tove. Direitos humanos linguísticos na educação para a manutenção da língua. **Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)**, v. 5, n. 2, p. 25-39, 2019.

SILVA, Maria Emília Barcellos da. Os estudos dialetológicos e o seu compromisso com o ensino. **Cadernos da Academia Brasileira de Filologia**, v. 2, n. 01, p. 75-93, 2003.. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/abf/volume2/numero1/06.htm> Acessado em: 07/02/2021

DO NASCIMENTO SIQUEIRA, Ariela Soraya; MAGALHÃES, Mayara Letícia Paiva; GONÇALVES, Sandra Maria Godinho. DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO LÉXICO DO ATLAS DO AMAZONAS E DO ATLAS DA REGIÃO SUL DO BRASIL. **Intercâmbio**, v. 28, 2014.

RADTKE, E.; THUN, H. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). 1998.

STREB, Reseda. Imersão recíproca—um método de ensino/aprendizagem para comunidades bi-/plurilíngues?. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 26, n. 53, 2016.

THUN, Harald et al. O velho e o novo na geolingüística. **Cadernos de Tradução**, n. 40, 2017. Acesso em: 20/01/2021

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general. In: International Congress of Romance Linguistics and Philology (21: Palermo: 1995). Att. A cura de Giovanni Ruffeno, Tübingen, Niemeyer. 1998. P. 701-729, 787-789, v. 5

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds.). Language mapping. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010a. p. 506-523

TRUDGILL, Peter et al. The social differentiation of English in Norwich. CUP archive, 1974.

UNESCO Ad Hoc Expert Group on Endangered Languages. *Language vitality and endangerment*. Paris: Document submitted to the International Expert Meeting on UNESCO Programme Safeguarding of Endangered Languages, 2003. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00120-EN.pdf>

UNESCO, **Guidelines for the Establishment of National**, “Living Human Treasure” Systems, 2003.

VIEBRANTZ, Kerli Paula Melz. A extensão rural na formação profissional dos agricultores de Itapiranga e Mondaí - SC. UNOESC. Chapecó 2009.

ZAMARO, Leticia Cunha. A situação linguística dos Ítalo-brasileiros e imigrantes Haitianos na cidade de Chapecó-SC. 2021..

ZANELLA, Fiorelo et al. A mortalidade linguística do dialeto italiano no município de Taió-SC. 1985..

WARDHAUGH, Ronald; FULLER, Janet M. **An introduction to sociolinguistics**. John Wiley & Sons, 2021.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]

WERLANG, Alceu Antonio et al. A colonização as margens do Rio Uruguai no extremo oeste catarinense: atuação da Cia territorial sul Brasil: 1925 a 1954. 1992.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS CHAPECÓ/SC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

ANEXO I: QUESTIONÁRIO PARA OS DESCENDENTES DE ITALIANOS DE RIQUEZA

I Questões de identidade e Aspectos (meta) linguísticos

1. Que línguas costuma falar na família? (Krug, 2004, Steffen, 2007 – questão 1)
2. Que tipo de italiano é? Como você chama esse italiano? (Krug, 2013 – questão 2)
3. Tem diferença entre a língua italiana para com o *Talian* usado daqui? Qual é a diferença?
4. Em que língua você gosta mais de conversar? (Krug, 2013 – questão 4)
5. De modo geral, costuma falar mais no *talian* ou no português? (Krug, 2013 – questão 5)
6. Quando vem visita, que língua prefere usar? (Krug, 2013 – questão 6)
7. E se a visita só fala português? Se sente melhor quando é uma visita que também fala *Talian*? (Vide Krug 2004)
8. Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa (*Talian*) mas insistia em só falar português?
9. Como aprendeu o português? Como aprendeu o *Talian*? (Lembretes: escola, trabalho, igreja)
10. Como acha que as pessoas de fora veem os originários daqui? (Quanto a Língua, aspectos físicos e sociais) (Vide Krug 2004)
11. Como é/foi na escola e na igreja o uso do italiano? (Vide Krug 2004, Krug, 2013 –

II - Papel da língua na constituição da identidade (relação da língua com outros ícones da

cultura)

12. Acha importante que os filhos aprendam Talian? Por que? (Vide Krug 2004)

13. Muitos jovens não falam mais a língua dos pais (Talian) O que acha disso?

14. Existem situações em que você tem vergonha de falar Talian?

15. Acha que deveria ter ensino de Talian ou italiano na escola? Se sim, seria mais importante que ensino de inglês? Por que? (Vide Krug 2004)

16. Se fosse dizer o que mais o identifica como descendente de italianos, diria que é o que?

Suas características físicas

Sua religião

Sua língua

Seus hábitos e costumes

Sua música

Suas festas

Sua casa

Seus nomes

Seu jeito de ser

Outro _____

17. Como é o uso do Talian na comunidade?

18. Como acha que as pessoas de fora veem os brasileiros daqui? (Quanto a Língua, aspectos físicos e sociais)

III - Identificação de padrões identitários (variação e intensidade da identidade)

19. O que identifica o Talian, típico daqui?

IV. Grau de bilinguismo dos informantes, da sua comunidade e o reconhecimento da

identidade

20. Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? (Vide Schmidt 1997)

No Correio?

No Mercado?

No sindicato?

No restaurante?

Na prefeitura?

No posto de saúde?

Com o padre / pastor

Nas festas e nos bailes?

No confessionário?

No posto de gasolina?

21. Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?

22. Em que situações você fala a língua minoritária e em que situações a língua portuguesa?
(Krug, 2013 – questão 32) Lara (2017)

23. Estabeleça uma hierarquia das línguas que você sabe, começando por aquela que sabe melhor! (Lara, 2017, adaptada)

a) Em que línguas você sabe ler _____

b) Em que línguas você sabe escrever _____

c) Em que línguas você sonha _____

d) Em que línguas você reza _____

e) Que línguas você gostaria de saber melhor _____

f) Em sua opinião, qual é a língua mais importante aqui _____

26. Eu falo Talian/português

Muito bem Bem Mais ou menos Um pouco Não sei falar

27. Eu entendo Talian/português

Muito bem Bem Mais ou menos Um pouco Não sei falar

28. Eu leio em Talian/português

Muito bem Bem Mais ou menos Um pouco Não sei falar

29. Eu escrevo em Talian/português

Muito bem Bem Mais ou menos Um pouco Não sei falar

30. Eu uso o Talian/português

Todos os dias Frequentemente De vez em quando Raras vezes Nunca

V - Papel da língua na constituição da identidade (relação da língua com outros ícones da cultura)

31. Acha importante que os filhos aprendam Talian? Por que? (Vide Krug 2004)

32. Muitos jovens não falam mais a língua dos pais (Talian) O que acha disso?

33. Existem situações em que você tem vergonha de falar Talian?

34. Acha que deveria ter ensino de Talian ou italiano na escola? Se sim, seria mais importante que ensino de inglês? Por que? (Vide Krug 2004)

35. Se fosse dizer o que mais identifica um italiano, diria que é o que?

Suas características físicas

Sua religião

Sua língua

Seus hábitos e costumes

- Sua música
- Suas festas
- Sua casa
- Seus nomes
- Seu jeito de ser
- Outro _____

LEITURA

Fragmento do texto em Português: Os preparativos para a festa de casamento

Três meses antes do casamento, decidiram fazer uma reunião com as famílias, para resolverem as coisas. Estavam presentes os noivos, os sogros, a cunhada e o cunhado de Clara, e também a avó e o avô dela, que fizeram questão de estarem presente, pois adoravam os netos e a neta era tudo para eles. Estavam muito felizes pelo novo neto que estavam ganhando. Todos queriam uma grande festa de casamento, principalmente seu Domingos e dona Maria de Fátima, pais de Clara, que estavam casando sua única filha. Queriam reunir todos os parentes, do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e os amigos. Resolveram que o casamento seria na igreja da comunidade onde vive Clara e sua família. A festa será na bonita propriedade de seu Domingos, na qual tem um grande parreiral, com uma pequena vinícola no porão da casa e uma vista para o campo onde o gado fica. O cunhado de Clara deu a ideia da comemoração ser ao ar livre e claro que a cunhada gostou. Então depois do local estar decidido, começaram a fazer a lista dos convidados, tarefa difícil, pois não podiam esquecer de ninguém e as duas famílias eram grandes. Então iniciaram, pelos tios, os avós, as primas, os primos, os padrinhos.

Fonte: questionário ALCF - elaborado por Bortolotto (2014)

Fragmento do texto em Talian: I preparativi par la festa de casamento

Maria Chiara e Mateo José ze due gioveni sognadori, come ze stati i so bisnoni, che ga viaià tanti e tanti giorni ntel navio, portando poche cose e so fioi, tuto par un sònio de gaver un toco de terà quà ntea fabolosa Amèrica. Mateo ze avogado, el ga so clienti e va ben, Chiara incora studia nela graduassion e la ze de star con so pupà e so mama ntel interior, insieme el nono e la nona. Dal tempo chei ga risolvesto maridarse, i preparativi ze tanti, a scomissiar par la casa ndove i va de star, ma questo ze belche stá resolvesto, el sòcero e la sòcera dea tosa i ga giutà so fiol e i ga compra la casa par el novo casal. I due gioveni se ga cognossesto ntea casa dei genitori de Mateo. Chiara e a sorela de lu le studia insieme e ze amighe e desso anca cugnade, ma lu ga due fradèi, la sorela pi giovena e un fradel più vècio. Dopo de due ani i morosi ga risolvesto èsserghe marido e sposa, ou omo e fémena.

Fonte: questionário ALCF - elaborado por Bortolotto (2014)

Fragmento do texto em italiano: I preparativi per la festa di matrimonio :

La signora Maria suocera del fidanzato si ricorda della torta, e dice che la zia Margarida fa un'ottima torta. Allora il genero dice che quando lui e Clara andranno fino alla casa degli zii per portare l'invito possono anche parlare sulla torta. Mario, il padre del fidanzato, dice che vuole andare insieme a Santa Catarina per invitare il "compadre" e la "comadre" perché da molto che non si trovano, fino da quando si sono trasferiti per Paraná. Clara, la nuora d Domingos e Maria di Fatima si ricorda del cugino Toni e dela cugina Julia che vivono lontano. La coppia ha una bella storia, quando gli zii si sono sposati, entrambi già avevano dei bambini. Così la zia Judite è matrigna di Antônio e lo zio Ângelo è patrigno di Julia. Il gênero di Domingos si ricorda dei suoi figliocci: Marina e anche di Bernardo Pedro che possono portare le alleanze. Per celebrare il fine della lista di invitati , il signore Domingos prende un vino per festeggiare. Fanno un brindisi alla nuova famiglia, poi Mario dice alla coppia di non dimenticarsi che sono pronipoti d'italiani, e che la loro unione durerà molti anni come del bisnonno Giuseppe e della bisnonna Caterina.

Fonte: questionário ALCF - elaborado por Bortolotto (2014)